



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

DAIANE SILVA SOUZA

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE GOIÁS
COM BASE NOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Salvador
2018

DAIANE SILVA SOUZA

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE GOIÁS
COM BASE NOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silvana Soares Costa Ribeiro

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Jacyra Andrade Mota

Salvador
2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SOUZA, Daiane Silva
AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE GOIÁS COM
BASE NOS DADOS DO PROJETO ALiB / Daiane Silva SOUZA. -
- Salvador, 2018.
144 f.

Orientadora: Silvana Soares Costa RIBEIRO.
Coorientadora: Jacyra Andrade MOTA.
Dissertação (Mestrado - Programa de pós-graduação em
Língua e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,
Instituto de Letras, 2018.

1. Vogais médias pretônicas. 2. Projeto Atlas
Linguístico do Brasil. 3. Português brasileiro. 4.
Variação fonética. 5. Dialetoлогия. I. RIBEIRO,
Silvana Soares Costa. II. MOTA, Jacyra Andrade. III.
Título.

DAIANE SILVA SOUZA

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE GOIÁS COM BASE NOS
DADOS DO PROJETO ALiB**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Silvana Soares Costa Ribeiro - UFBA (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Marcela Moura Torres Paim – UFBA – PPGLINC (Examinador interno)

Prof.^a Dr.^a Juliana Escalier Ludwig Gayer – UFBA – PPGLINC (Examinador externo)

Salvador
2018

Aos meus pais, José Carlos de Santana e Maria Dapaz Souza; ao meu irmão Jean Souza e ao meu companheiro de todas as horas, José Afrânio Lima, dedico esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, o guia de todos os meus atos, pela vida, pela força, pela sabedoria e pela oportunidade de seguir nesta caminhada e conseguir finalizar mais uma parte desta tarefa.

Aos meus pais, José Carlos e Maria Dapaz, e a meu irmão, Jean Souza, maiores exemplos e orgulhos de minha vida, pelo incentivo, pela compreensão, por sempre acreditarem no meu trabalho e nos meus esforços.

A Afrânio Lima, companheiro de longa data, pela compreensão dos momentos de ausência, pela força nos momentos de inquietação e pelo apoio constante.

A Clemildas Maria, minha madrinha, que sempre acreditou em mim, auxiliando em tudo que se fez necessário.

Ao Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil pela autorização do uso dos dados recolhidos pelo Projeto.

À professora Silvana, minha orientadora, agradeço pela constante disponibilidade e pela organização. Sua tranquilidade, experiência e orientação foram primordiais para a concretização do trabalho.

À professora Jacyra Mota, orientadora na Iniciação Científica e co-orientadora neste trabalho, um exemplo de dedicação, ética e sabedoria, agradeço pelo auxílio imprescindível para a realização desta tarefa, por acreditar e transferir tranquilidade nos momentos de ansiedade. Suas palavras, em cada orientação, foram essenciais para eu manter o equilíbrio.

À professora Marcela Paim, a primeira orientadora que tive ao entrar no Projeto ALiB, pelo constante incentivo, por mostrar que as situações podem se resolver de maneira prática e pela paciência com a qual recebe os novos integrantes da Família ALiB.

Às professoras Josane Oliveira e Juliana Gayer pelas importantes sugestões no momento da defesa do projeto.

Aos meus amigos de todas as horas Grazielle Ferreira, Jilvan Silva e Marana Ribeiro pelo estímulo, pelo incentivo, pelo apoio nos momentos de desânimo e preocupação, por

compartilhar suas angústias e sempre buscar uma solução, juntos. Vocês são muito importantes para mim.

À professora Ana Regina Teles pela disposição em auxiliar na confecção dos mapas.

Às bolsistas do Projeto ALiB, principalmente Ana Rita Carvalho, Rosana Pitta e Grace Kelly, sempre disponíveis para atender minhas solicitações de livros e áudios, demonstrando o espírito de equipe e compromisso da Família ALiB.

Deixo este agradecimento por último, pelo seu caráter especial, à professora Suzana Cardoso, grande mestre, um modelo de ser humano e de profissional a ser seguido. Com a querida pró Suzana, os bolsistas do ALiB encontravam, a cada reunião semanal, uma história diferente, que deixava evidente as inúmeras experiências pelas quais passou, e como cada fato na vida acontece por algum motivo, seja para ensinar, seja para construir experiências...nada é por acaso. É com muito carinho e saudades que lembrarei de suas aulas, das reuniões realizadas às sextas-feiras, das apresentações em eventos e das palavras de incentivo.

RESUMO

SOUZA, Daiane Silva. *As vogais médias pretônicas na fala de Goiás com base nos dados do Projeto ALiB*. 2018. 144f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

O objetivo desta dissertação é analisar a distribuição diatópica das vogais médias pretônicas [e] e [o], em localidades interioranas de Goiás, utilizando o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Para isso, analisaram-se os dados de oito localidades interioranas de Goiás, que compõem a rede de pontos do ALiB: Porangatu (118), São Domingos (119), Aruanã (120), Formosa (121), Goiás (122), Jataí (124), Catalão (125) e Quirinópolis (126). A amostra da pesquisa foi composta por entrevistas realizadas *in loco*, com um total de 32 informantes estratificados por sexo (masculino e feminino) e faixa etária (I- 18 a 30 anos e II- 50 a 65 anos). A análise possui como embasamento teórico os pressupostos da Sociolinguística Quantitativa e da Dialetoлогия e Geolinguística Pluridimensional Contemporânea. A partir dos dados obtidos, pode-se perceber que há, nas localidades analisadas, uma leve predominância das vogais médias fechadas [e] e [o], 58% e 57%, respectivamente. Em relação à distribuição das vogais pretônicas e as áreas dialetais, o estado possui pontos com características do *Falar Baiano* e do *Falar Sulista*, considerando a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953). Das variáveis extralinguísticas, o sexo e a faixa etária foram indicados como favorecedores da realização de [e], e, para a realização do [o], apenas a faixa etária foi selecionada pelo programa estatístico *Goldvarb X*. Quanto às variáveis linguísticas, mostraram-se condicionantes ao uso das vogais médias fechadas: as vogais tônicas, as vogais inacentuadas seguintes, os contextos consonantais precedente e seguintes (por ponto de articulação), e, ainda, a variável linguístico-discursiva tipo de questionário.

Palavras-chave: Vogais pretônicas; Sociolinguística Quantitativa; Dialetoлогия Pluridimensional; Goiás; ALiB.

ABSTRACT

The goal of this dissertation is to analyze the distribution of pretonic medial vowels [e] and [o], in Goiás countryside, using the Project Linguistic Atlas of Brazil *corpus*. For this, there were analyzed data from eight cities of Goiás countryside, which are included in the network of points from ALiB: Porangatu (118), São Domingos (119), Aruanã (120), Formosa (121), Goiás (122), Jataí (124), Catalão (125) and Quirinópolis (126). The research sample consisted of interviews made *in loco*, with a total of 32 stratified informants by sex (male and female) and age group (I-18 to 30 years old and II-50 to 65 years old). The analysis is based on quantitative Sociolinguistics theoretical assumption and on Dialectology/Contemporary Multidimensional Geolinguistic. Based on the data analyzed, it is possible to realize that there is a slight predominance of closed medial vowels [e] and [o], 58% and 57%, respectively, in the cities analyzed. In relation to the pretonic vowels distribution and the dialectal areas, the state of Goiás has characteristic points from *Baiano* and *Sulista* variety, considering the proposal of dialectal division in Nascentes (1953). From extralinguistic variables, sex and age group were considered to be favored in the [e] realization, and for [o] realization, only age group was selected by the *Goldvarb X* statistical program. The linguistic variables were found to be conditioning to the use of closed medial vowels: tonic vowels, the followed unaccented vowel, the preceding consonant contexts and followed (by points of articulation), and still the linguistic-discursive variable type of questionnaire.

Keywords: Pretonic vowels; Quantitative Sociolinguistics; Pluridimensional Dialectology; Goiás; ALiB.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Divisão dialetal de Nascentes	50
Figura 2 – Divisão dialetal feita por Zágari em 1998 (2005) do estado de Minas Gerais	51
Figura 3 – Rede de pontos do ALiB, no estado de Goiás	75
Figura 4 – Goiás, em 1957, antes da divisão em Goiás e Tocantins	79
Figura 5 – Configuração atual do estado de Goiás	80
Figura 6 – População de Goiás por localidade de nascimento	81
Figura 7 – Igreja Matriz	82
Figura 8 – Orla de São Domingos	83
Figura 9 – Rio Araguaia	84
Figura 10 – Catedral de Formosa	84
Figura 11 – Rio Vermelho	85
Figura 12 – Parque Juscelino Kubitschek	86
Figura 13 – Museu Cornélio Ramos	87
Figura 14 – Vista aérea de Quirinópolis	87
Figura 15 – Falares do Norte e do Sul, em Goiás, a partir da divisão dialetal de Nascentes (1953)	114
Figura 16 – Carta distribuição diatópica de [e], em Goiás	116
Figura 17 – Carta distribuição diatópica de [o], em Goiás	129

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 – Frequência das variantes médias para a vogal média anterior /E/, em Goiás 99
- Gráfico 2 – Frequência das variantes médias para a vogal média posterior /O/, em Goiás 119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Vogais pretônicas do português brasileiro	25
Quadro 2 – Atlas regionais publicados	53
Quadro 3 – Distribuição das localidades e dos informantes do ALiB por região	57
Quadro 4 – Distribuição das variáveis sociais por informante nas localidades	64
Quadro 5 – Perfil dos informantes entrevistados nas localidades estudadas Perfil dos informantes entrevistados nas localidades estudadas	65
Quadro 6 – Perguntas e respostas obtidas por meio do QFF	66
Quadro 7 – Perguntas e respostas obtidas por meio do QSL	69
Quadro 8 – Características geográficas e sociais das localidades interioranas de Goiás	82
Quadro 9 – Distribuição das variantes para o fenômeno das vogais médias pretônicas	88
Quadro 10 – Vogais médias anteriores e posteriores	98
Quadro 11 – Ocorrências da pretônica [e], em vocábulos com a vogal alta nasal [ũ] como tônica	103
Quadro 12 – Ocorrências da vogal pretônica [e] seguida de consoantes bilabiais e palatais/palatalizadas	107
Quadro 13 – Ocorrência dos vocábulos com a pretônica [e], no QFF	108
Quadro 14 – Distância das localidades interioranas (GO), em relação à capital Goiânia	112
Quadro 15 – Ocorrência da vogal pretônica posterior [o] em vocábulos com as vogais tônicas [ũ] e [u]	122
Quadro 16 – Ocorrência dos vocábulos com a vogal [o] como inacentuada imediatamente seguinte	124
Quadro 17 – Ocorrência dos vocábulos com a pretônica [o], no QFF	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência das variantes médias para a vogal média anterior /E/, em Goiás	99
Tabela 2 – Vogal média [e] segundo a variável vogal tônica, em Goiás	101
Tabela 3 – Vogal média [e] segundo a variável vogal inacentuada seguinte, em Goiás	104
Tabela 4 – Vogal média [e] segundo a variável contexto consonantal precedente (por ponto de articulação), em Goiás	105
Tabela 5 – Vogal média [e] segundo a variável contexto consonantal seguinte (por ponto de articulação), em Goiás	106
Tabela 6 – Vogal média [e] segundo a variável tipo de questionário, em Goiás	108
Tabela 7 – Vogal média [e] segundo a variável faixa etária, em Goiás	109
Tabela 8 – Vogal média [e] segundo a variável sexo, em Goiás	110
Tabela 9 – Vogal média [e] segundo a variável diatopia, em Goiás	111
Tabela 10 – Vogal média [e] segundo o cruzamento entre faixa etária e sexo, em Goiás	116
Tabela 11 – Vogal média [e] segundo o cruzamento entre a diatopia e o sexo, em Goiás	117
Tabela 12 – Vogal média [e] segundo o cruzamento entre a diatopia e a faixa etária, em Goiás	118
Tabela 13 – Frequência das variantes médias para a vogal média posterior /O/, em Goiás	119
Tabela 14 – Vogal média [o] segundo a variável vogal tônica, em Goiás	121
Tabela 15 – Vogal média [o] segundo a variável vogal inacentuada seguinte, em Goiás	123
Tabela 16 – Vogal média [o] segundo a variável contexto consonantal precedente (por ponto de articulação), em Goiás	125
Tabela 17 – Vogal média [o] segundo a variável contexto consonantal seguinte (por ponto de articulação), em Goiás	126
Tabela 18 – Vogal média [o] segundo a variável tipo de questionário, em Goiás	127
Tabela 19 – Vogal média [o] segundo a variável faixa etária, em Goiás	127
Tabela 20 – Vogal média [o] segundo a variável diatopia, em Goiás	128
Tabela 21 – Vogal média [o] segundo o cruzamento entre a faixa etária e o sexo, em Goiás	130
Tabela 22 – Vogal média [o] segundo o cruzamento entre a diatopia e a faixa etária, em Goiás	130

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Acre
ALES	<i>Atlas Lingüístico do Espírito Santo</i>
ALF	<i>Atlas Linguistique de La France</i>
ALiB	<i>Atlas Lingüístico do Brasil</i>
ALPR 2	<i>Atlas Lingüístico do Paraná 2</i>
ALPR	<i>Atlas Lingüístico do Paraná</i>
ALS II	<i>Atlas Lingüístico de Sergipe II</i>
ALS	<i>Atlas Lingüístico de Sergipe</i>
AM	Amazonas
AP	Amapá
APFB	<i>Atlas Prévio dos Falares Baianos</i>
CIDS	Congresso de Dialectologia e Sociolinguística
EALMG	<i>Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais</i>
ES	Espírito Santo
GO	Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INF	Informante
INQ	Inquiridor
MG	Minas Gerais
NURC	Projeto Norma Linguística Urbana Culta
PA	Pará
PLC	Projeto de Lei da Câmara dos deputados
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QSL	Questionário Semântico-Lexical
RO	Rondônia
RR	Roraima
SE	Sergipe
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCE	Universidade Federal do Ceará
UFG	Universidade Federal de Goiás

UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
VARFON-MINAS Gerais	Projeto variação fonético-fonológica, morfológica e lexical em Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL – BREVE HISTÓRICO...	22
2.1.1 Sobre a origem das vogais médias pretônicas abertas	25
2.2 ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO BRASIL	27
2.2.1 Região Norte	27
2.2.2 Região Nordeste	28
2.2.3 Região Centro-Oeste	28
2.2.4 Região Sudeste	28
2.2.5 Região Sul	29
2.3 APRESENTAÇÃO DAS ANÁLISES	29
2.3.1 Mota (1979)	29
2.3.2 Bisol (1981)	30
2.3.3 Silva (1989)	31
2.3.4 Bortoni, Gomes e Malvar (1992)	33
2.3.5 Graebin (2008)	34
2.3.6 Dias (2014)	35
2.4 PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE AS PRETÔNICAS REALIZADOS COM OS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL	36
2.4.1 Vieira (2010)	36
2.4.2 Dias (2012)	37
2.4.3 Lopes (2013)	37
2.4.4 Santos (2016)	38
2.5 A DIALETOLOGIA.....	39
2.5.1 Dialetologia Monodimensional e Pluridimensional	41
2.5.2 Histórico da Dialetologia no Brasil	43
2.5.3 As divisões dialetais	47
2.5.4 Os Atlas Regionais e o Atlas Linguístico do Brasil	52
2.5.4.1 Os Atlas Regionais	52
2.5.4.2 O <i>Atlas Linguístico do Brasil</i> (ALiB)	55
2.6 A SOCIOLINGUÍSTICA QUANTITATIVA.....	58
3 METODOLOGIA	64
3.1 A AMOSTRA DA PESQUISA.....	64

3.1.1	Estratificação dos informantes	64
3.1.2	Os Questionários Fonético-Fonológico e Semântico-Lexical	66
3.1.2.1	Questionário Fonético-Fonológico	66
3.1.2.2	Questionário Semântico-Lexical	69
3.1.3	As Localidades analisadas	75
3.2	AS VARIÁVEIS	88
3.2.1	Crítérios para seleção dos vocábulos	94
3.2.2	Tratamento dos dados	94
3.3.3	Rodadas testes	96
4	ANÁLISE DE DADOS E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS	98
4.1	VOGAL PRETÔNICA ANTERIOR [e]	99
4.1.1	Variáveis linguísticas	100
4.1.1.1	Variável vogal tônica.....	100
4.1.1.2	Variável vogal inacentuada imediatamente seguinte.....	104
4.1.1.3	Variável contexto consonantal precedente (por ponto de articulação).....	105
4.1.1.4	Variável contexto consonantal seguinte (por ponto de articulação).....	106
4.1.1.5	Variável linguístico-discursiva	107
4.1.1.5.1	<i>Variável tipo de questionário</i>	107
4.1.2	Variáveis extralinguísticas	108
4.1.2.1	Variável faixa etária.....	108
4.1.2.2	Variável Sexo	109
4.1.2.2	Variável diatopia.....	111
4.1.2.4	Cruzamento das variáveis faixa etária e sexo.....	116
4.1.2.5	Cruzamento entre diatopia e sexo.....	117
4.1.2.6	Cruzamento entre diatopia e faixa etária	118
4.2	VOGAL PRETÔNICA POSTERIOR [o]	119
4.2.1	Variáveis linguísticas	120
4.2.1.1	Variável vogal tônica.....	120
4.2.1.2	Variável vogal inacentuada imediatamente seguinte.....	123
4.2.1.3	Variável contexto consonantal precedente (por ponto de articulação).....	125
4.2.1.4	Variável contexto consonantal seguinte (por ponto de articulação).....	126
4.2.1.5	Variável linguístico-discursiva	126
4.2.1.5.1	<i>Variável tipo de questionário</i>	127
4.2.3	Variáveis extralinguísticas	127
4.2.3.1	Variável faixa etária.....	127

4.2.3.1	Variável diatopia.....	128
4.2.3.1	Cruzamento faixa etária e sexo	129
4.2.3.2	Cruzamento diatopia e faixa etária	130
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
	REFERÊNCIAS	137

1 INTRODUÇÃO

Com o avanço dos estudos da Dialetoleologia e da Sociolinguística, o reconhecimento da língua enquanto um sistema heterogêneo ganhou apoio com a sistematicidade dos estudos. A diversidade da língua no Brasil passou a ser comprovada por meio de investigações que contemplam os vários níveis linguísticos, o fonético, o morfossintático, o semântico e o pragmático. Dessa forma, as pesquisas com uso de dados coletados *in loco* trouxeram uma visão mais ampla para a compreensão dos diversos aspectos que estão relacionados à variação linguística.

Os trabalhos monográficos de Amaral (1920), Marroquim (1934), Nascentes (1953), no século XX, assinalavam a necessidade de destacar os diferentes falares que existem no Brasil. As primeiras propostas de divisão dialetal corroboram essa percepção e evidenciam que cada área apresenta aspectos linguísticos que a caracterizam, diferenciando umas das outras. Essa dimensão ilustra a variação diatópica do país.

À luz dos estudos sociolinguísticos, tornou-se possível verificar a confluência de fatores que atuam na variação dos fenômenos linguísticos, tanto os linguísticos quanto os sociais, conscientes de que, no envelope da variação, nenhum fator age sozinho; portanto, não é possível separá-los, um pode apresentar mais relevância que outro, mas coexistem em uma força conjunta. O tratamento estatístico dos dados permite que essa avaliação seja feita.

O tema desenvolvido nesta dissertação se apresenta seguindo os pressupostos da Dialetoleologia e da Sociolinguística Variacionista e faz parte de uma investigação maior, que é a do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O trabalho foi elaborado com base em materiais coletados para o Projeto, realizado com dados ainda inéditos e obteve autorização de pesquisa concedida pelo Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

A variação das vogais médias pretônicas no Brasil é apontada como um dos principais delimitadores de áreas dialetais, sendo utilizado por Nascentes (1953) como uma das características definidoras dos limites dos *Falares do Sul* e *do Norte*. Na presente pesquisa, discutem-se os fatores linguísticos, extralinguísticos, aqui incluído o diatópico, que atuam na variação entre as vogais médias anteriores [e]: [ɛ] e as vogais médias posteriores [o]: [ɔ].

O fenômeno em questão foi investigado nas localidades interioranas de Goiás que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB, a saber: Porangatu (ponto 118), São Domingos

(119), Aruanã (ponto 120), Formosa (121), Goiás (ponto 122), Jataí (ponto 124), Catalão (ponto 125), Quirinópolis (ponto 126).¹

O estudo da variação das vogais pretônicas empreendido nesta dissertação ocorre como uma continuação do trabalho desenvolvido pela autora durante o período de Iniciação Científica, no Projeto ALiB, em que pode verificar o comportamento dessa variável em dois estados distintos, no Espírito Santo², e em Pernambuco³. Assim, se implantou o desejo de permanecer observando o fenômeno e voltar o olhar para uma área ainda pouco investigada, que é o estado de Goiás.

A escassez de trabalhos sobre o fenômeno na região Centro-oeste, em especial no estado de Goiás, impulsionou a escolha das localidades, visto que, com os dados do Projeto ALiB, pretende-se mapear a diversidade linguística de todo o país. Desse modo, investigando os pontos de pesquisa do Projeto no estado, além de conhecer e discutir os fatores que são importantes para a descrição da variação das vogais médias pretônicas na região e como ocorre a distribuição diatópica das variantes [e] e [o], os resultados aqui encontrados contribuirão para o objetivo final do Projeto ALiB, o qual é a descrição do fenômeno em todo o país.

As hipóteses que nortearam o trabalho foram: (i) os dados documentados pelo ALiB mostrarão que a proposta de delimitação de Nascentes (1953) se mantém atual; (ii) considerando que as vogais médias-altas /e/ e /o/ são as mais constantes na mídia e nas regiões Sul e Sudeste, que, por sua vez, são as regiões que detêm maior poder econômico, os falantes mais jovens utilizam as variantes médias-altas com maior frequência, por essas serem avaliadas como as variantes de prestígio; (iii) o uso das variantes médias baixas parece mostrar-se em situação de mudança linguística, razão pela qual se supõe que um grupo específico de falantes (os jovens e mais escolarizados) as utilizam com menor frequência, enquanto os mais velhos e menos escolarizados utilizam-na com maior frequência.

O objetivo geral é verificar o comportamento das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores nas localidades interioranas de Goiás, com base na rede de pontos do ALiB. Os objetivos específicos são:

- (i) Descrever a realização das vogais médias pretônicas na fala do estado de Goiás.
- (ii) Verificar quais variáveis linguísticas condicionam a ocorrência de cada variante.

¹ O ponto 123 é a capital, Goiânia, que não foi analisada neste trabalho, pois os resultados referentes a ela encontram-se publicados no Vol. I do ALiB.

² O tema do trabalho foi o alteamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo, com os dados do ALiB, orientado pela prof.^a Dr.^a Marcela Paim, no período de 2014-2015.

³ O tema do trabalho foi a variação das vogais médias pretônicas em Pernambuco, com dados do ALiB. Nessa pesquisa foi observada a variação das vogais médias abertas e fechadas e das vogais altas, orientado pela prof.^a Dr.^a Jacyra Mota, no período de 2015-2016.

- (iii) Analisar a divisão feita por Nascente (1953) e contrastar com os resultados encontrados a partir do *corpus* do Projeto ALiB.
- (iv) Observar o uso das variantes à luz da variação diasssexual, diageracional e diatópica.
- (v) Cartografar os resultados diatópicos.

Para a organização do trabalho, foram definidas seis seções, iniciada por esta parte introdutória, à qual se seguem: a fundamentação teórica, a metodologia, a análise dos dados, as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas.

Na fundamentação teórica, seção 2, foram discutidos os pressupostos teóricos que nortearam o trabalho; para isso, foi dividida em três subseções.

A primeira explana sobre o sistema vocálico do Português do Brasil, mostrando aspectos históricos e o levantamento de alguns estudos existentes sobre as vogais pretônicas no país.

A segunda subseção traz o percurso histórico da Dialetologia no Brasil, mostrando suas fases, os estudos característicos de cada uma delas, o método de pesquisa (Geolinguística), as principais propostas de divisão dialetal do país, informações sobre os Atlas Regionais publicados e sobre o Atlas Linguístico do Brasil e um panorama dos estudos realizados sobre as vogais médias pretônicas utilizando o *corpus* do ALiB.

A terceira subseção empreende uma breve discussão sobre a Sociolinguística, os estudos de Labov (1966 e 1972) importantes para o seu estabelecimento enquanto ciência, e conceitos essenciais para um estudo dessa natureza.

Na seção 3, dedicado a expor a metodologia de pesquisa adotada, são apresentados todos os passos seguidos para a concretização do trabalho, a descrição da amostra da pesquisa, os questionários utilizados, as localidades analisadas, as variáveis dependentes e independentes observadas, o tratamento dos dados e as rodadas testes, que resultaram na exclusão de alguns fatores, realizados por meio do programa estatístico *Goldvarb X*

As discussões referentes à análise dos dados são trazidas no capítulo 4, no qual estão descritos e discutidos a frequência das variantes médias no estado, os fatores linguísticos, linguístico-discursivo e extralinguísticos selecionados como relevantes para a compreensão do fenômeno.

Nas considerações finais, seção 5, é feita uma síntese dos resultados encontrados e as possíveis explicações que podem ser suscitadas. São apresentadas também as perspectivas identificadas para novas pesquisas, bem como as limitações encontradas para a realização de um estudo desta natureza.

Ao final da dissertação encontram-se as Referências bibliográficas adotadas na pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção serão tratados os pressupostos teóricos que norteiam e fundamentam esta dissertação e, para fins didáticos, foi subdividida em três partes. Na primeira, foi feito um conciso levantamento sobre os primeiros e principais estudos/estudiosos interessados na investigação sobre a variação das vogais médias pretônicas e sobre trabalhos fundamentais para o desenvolvimento das pesquisas nessa área. A segunda parte foi dedicada à história da Dialetologia no Brasil e aos estudos que marcam os diferentes períodos, bem como à discussão sobre divisões dialetais no Brasil, marcadas pelo fenômeno da variação fonética, em especial a vocálica, objeto deste estudo. Na terceira parte, são apresentadas reflexões feitas acerca da Sociolinguística Variacionista e conceitos importantes para essa ciência.

2.1 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL – BREVE HISTÓRICO

Na língua portuguesa do Brasil, as vogais orais em posição pretônica podem se manifestar como média-alta (tr[o]voada; f[e]rida), média-baixa (tr[ɔ]voada; f[ɛ]rida) ou alta (tr[u]voada; f[i]rida). Segundo Silva (2012), a ocorrência dessas vogais depende de algumas “condições específicas”. A autora afirma que “a ocorrência das vogais [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica acarreta marca de variação dialetal geográfica ou mesmo idioleto”. (SILVA, 2012, p. 33).

Bisol (1983), ao estudar as vogais médias em confronto com as vogais altas, considera que essa variação reflete uma regra antiga, do século IV d. C, advinda do latim e que ainda hoje se mostra produtiva no português. A realização da vogal média (e o) como alta (i u) caracterizou o português quinhentista, e as formas escritas “ora com e o ora com i u são reflexos de variações de pronúncia da época documentada” (p.81). Foi possível chegar a essa constatação a partir de documentos como o *Appendix Probi* (sec. IV d. C), que registrou palavras latinas que estavam passando por variação. Esse documento consta de uma lista de duzentas e vinte e sete palavras escritas em latim ao lado de suas variações, consideradas incorretas, como:

1. *Formica non furmica*
2. *Fomusus non formunsus*
3. *Terrae motus non terrimotium*
4. *Robigo non rubigo*

Fonte: BISOL (1983, p. 82)

Esse registro feito pelo *Appendix Probi* revela que, já no sec. IV, era possível notar a pronúncia diversa das vogais pretônicas.

No século XVI, as vogais da Língua Portuguesa já despertavam um certo interesse por se diferenciar das outras Línguas Românicas. Fernão de Oliveira, considerado o mais importante foneticista da Renascença na România, em 1536, apresenta a *Gramática da Linguagem Portuguesa*, verificando aspectos lexicais, morfológicos, fonéticos, além da variação linguística, estabelecendo diferenças diacrônicas e diatópicas e a diversidade social da fala e da língua.

Sobre as vogais, Oliveira (1975[1536]) identificou, àquela época, oito vogais orais no português, observando, no entanto, que só existiam cinco “figuras” para a representação gráfica; por isso, sugeriu novas “figuras” para a representação. As letras (a), (e), (o) são diferenciadas, assinalando a existência do fonema aberto (grande) e do fechado (pequeno), descrições que revelam que as diferenças na pronúncia das vogais eram perceptíveis.

Paranhos da Silva, na obra *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, 1879, a qual tem o objetivo de comparar a “maneira de falar” do português do Brasil com a “maneira de falar” dos portugueses, tece breves considerações sobre as vogais do português brasileiro, afirmando que os vocábulos da Língua Portuguesa no Brasil têm mais vogais e mais sílabas do que os do português europeu. Essa característica, segundo o autor, “concorre para dar ao luso-brasileiro aquele número ou harmonia, aquela sonoridade e aquela doçura que á mesma roubão as consoantes compostas” (SILVA, 1879, p. 14). A vogal aberta é considerada longa, o que demanda maior tempo na pronúncia, por isso, segundo o autor, ela só é utilizada se houver acento, “por isso também preferimos [...] metade a metade [...] Para o nosso ouvido dous accentos no mesmo vocábulo são insuportáveis.” (SILVA, 1879, p. 18).

Algumas décadas depois, em 1922, na primeira edição⁴ de *O Linguajar Carioca*, Antenor Nascentes já percebia que a pronúncia das pretônicas como abertas ou fechadas era um importante aspecto para distinguir os falares do Brasil. Na segunda edição, 1953, propõe uma divisão dialetal, considerando como a principal característica diferenciadora das regiões brasileiras a ausência de vogais pretônicas abertas no Sul, e a cadência diferente entre o Norte e Sul.

Ainda no século XX, Câmara Jr. constatou que os falantes de língua espanhola, por exemplo, “têm, em regra, dificuldade de entender o português falado, apesar da grande

⁴ A primeira edição da clássica obra de Antenor Nascentes é intitulada como *O Linguajar Carioca em 1922* (NASCENTES, 1922). A partir da 2ª edição o autor passa a nomeá-la *O Linguajar Carioca*.

semelhança entre as duas línguas, por causa dessa complexidade em contraste com a relativa simplicidade e consistência do sistema vocálico espanhol.” (CÂMARA JR., 2004[1970], p.38)

Câmara Jr (1977)⁵ apresenta um estudo sistemático sobre aspectos fonéticos da Língua Portuguesa do Brasil e assegura que o quadro de vogais da língua portuguesa possui 7 elementos que são diferenciados pela articulação, abrimto bucal e arredondamento ou não dos lábios. A articulação e o arredondamento dos lábios constituem duas séries complexas, a das anteriores, em que não há arredondamento (/é/ – /e/ – /i/) e a das posteriores, em que há arredondamento (/ó/ – /o/ – /u/) e o autor afirma que “Estas duas séries com distanciamento estrutural muito grande não sofrem neutralização entre si” (CÂMARA JR., 1977, p. 58).

Levando em conta a observação de Câmara Jr (1977) e o fato de a realização dessas vogais ser, em alguns casos, favorecida por fatores diferentes, decidiu-se analisar as vogais anteriores e posteriores como fenômenos independentes, pois essas vogais possuem características e comportamentos distintos.

Em posição átona, ocorre a anulação da oposição entre /é/ e /e/; /ó/ e /o/. Sendo assim, a oposição encontrada nos vocábulos m[o]lho (substantivo) e m[ɔ]lho (primeira pessoa do presente do indicativo), quando aparece em posição átona, como em m[o]lhado e m[ɔ]lhado, é neutralizada, pois a alternância no uso da vogal aberta ou fechada não implicará alteração semântica.

As vogais, quanto à tonicidade, podem ser tônicas, pretônicas ou postônicas. Câmara Jr. (1977) as organiza da seguinte maneira:

	Tônica		Pretônica		Postônica	
Alta	i	u	i	u	i	u
Média-alta	e	o				
Média -baixa	ɛ	ɔ	e	o		
Baixa		a		a		a

Fonte: adaptado de Câmara Jr. (1977)

⁵ Em 1956, no *Dicionário de Fatos Gramaticais*, Câmara Jr. já apontava a existência das 7 vogais, na língua portuguesa.

Com essa distribuição, percebe-se que há uma redução no quadro de vogais quando essas não estão em posição tônica.

Silva (2012) chama atenção para o fato de a variação das vogais tônicas ocorrer somente em algumas palavras, como f[e]cha: f[ɛ]cha, pego: p[ɛ]go e também ressalta que a distribuição das vogais pretônicas caracteriza a variação dialetal no português brasileiro. A ocorrência das vogais médias-baixas está condicionada a contextos específicos, como em palavras derivadas de sufixo *-mente*, *-inh*, *-zinh* ou *-íssim* e, geralmente, marca variação dialetal. A autora indica que

O que podemos concluir enquanto generalização é que todos os dialetos do português brasileiro apresentam [i, e, a, o, u] em posição pretônica. Todos os falantes também apresentam as vogais [ɛ, ɔ] [...] O que é específico de cada dialeto (ou mesmo idioleto) é a distribuição de [ɛ, ɔ] em posição pretônica em contextos que não apresentam estes sufixos. (SILVA, 2012, p.84)

O quadro de vogais pretônicas apresentado por Silva (2012):

Quadro 1 – Vogais pretônicas do português brasileiro

	Não arredondada	Central	Arredondada
Alta	i		u
Média-alta	e		o
Média-baixa	ɛ		ɔ
Baixa		a	

Fonte: adaptado de SILVA, 2012, p. 79

A percepção da realização variável dessas vogais desde o século XVI e o interesse dos linguistas pelo fenômeno demonstram a importância desse elemento para a distinção dos diferentes falares no Brasil, definindo áreas dialetais e, por esse motivo, tem sido tema de diversos trabalhos no país. Na próxima subseção, estão apresentados alguns dos principais trabalhos sobre o tema, no geral, e para a discussão realizada neste trabalho.

2.1.1 Sobre a origem das vogais médias pretônicas abertas

Teyssier (1959), ao analisar a obra de João de Barros, apresenta três origens da pretônica aberta. Duas de caráter etimológico e uma de caráter morfológico.

Tratando da origem etimológica, o autor defende que as vogais médias abertas são originárias do ditongo latino *ae* e do hiato *ee*. Em relação à origem morfológica, encontram-se os derivados que conservam, geralmente, em sílaba pretônica a vogal aberta, inicialmente tônica, como adverbial > advérbio. Considerando essas origens, Cardoso (1999) afirma que

a realização do Nordeste está mais próxima do que se registra, ainda hoje, para o português de Portugal: palavras como *segmento*, *diferente*, *arquitetura*, etc. são realizadas com a vogal média aberta, enquanto que na região sul domina a realização fechada. (CARDOSO, 1999, p. 95)

Para explicar a possível origem da pretônica aberta, Silva (2013) apresenta quatro hipóteses diferentes:

1. A primeira é a hipótese da restauração, datada de 1958, defendida por Révah. Nesta concepção, as vogais abertas são oriundas de um movimento de restauração “através da grafia” e de “correlações morfológicas que repõem as vogais fechadas, nos dialetos sulistas, já desaparecidas em Portugal, desde a metade do século XVI”.
2. A segunda é a de substrato. Neste viés, as vogais abertas de “feriado, mercado, coração, poluição” sofrem influência das línguas ameríndias.
3. A hipótese da conservação é a terceira que pressupõe que as vogais pretônicas abertas têm origem em fases mais antigas da língua. Serafim da Silva Neto (1976:167) observa que a pronúncia aberta “deve representar, no fundo, não uma modulação emergente da glote indígena, como se tem dito, mas um eco mais nítido e bem conservado do nosso antigo vocalismo”.
4. A quarta hipótese é a de inovação, segundo a qual o traço do Falar do Norte origina-se da pronúncia do português europeu. Silva Neto (1967:167:168) considera uma hipótese pouco provável, mas sugere que as vogais abertas podem ser explicadas como caso de generalização, uma vez que em Portugal utilizam-se vogais pretônicas abertas decorrentes de crases antigas.

Como se pode observar, não há um consenso sobre a origem das vogais pretônicas e fazer essa descoberta não é tarefa simples. Silva (2013) afirma que a história das cidades não oferece

subsídio para explicar a predominância das vogais abertas no Norte e fechadas no Sul, porém admite a possibilidade de se levantar a hipótese de que o

Nordeste – sem a presença da colonização açoriana, sem a coexistência de outras línguas estrangeiras e com melhores condições de preservar-se da interferência do padrão oral lisboeta do século XVIII, já pela distância da Corte no Rio de Janeiro já pelo uso que lá se fazia da língua portuguesa, ditado pelos gramáticos da Metrópole – tivesse, de algum modo, reinterpretado os dados herdados dos imigrantes dos séculos anteriores de modo distinto do Sul. (SILVA, 2013, p. 128)

Sendo assim, considera-se que as vogais abertas são advindas de Portugal e existem desde o século XVI, havendo a expansão para além dos casos citados por Teyssier de redução do ditongo latino *ae* (*preposição – praeposittio*); da contração de hiatos ou da retenção da altura da vogal tônica primitiva em sílaba pretônica de palavras derivadas (*advérbio > adverbais*). O documento de Frei Luís Monte Carmelo, o *Compendio de ortografia*, de 1767, exhibe uma direção sobre a coerência dessa hipótese, pois, nessa obra existe uma lista com mais de trezentas palavras, as quais ocorrem com uma pretônica aberta, correspondendo, em sua maioria, à pronúncia do Nordeste do Brasil.

2.2 ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO BRASIL

Há um grande número de trabalhos que analisam a variação das vogais médias pretônicas no Brasil, pois essa é uma característica que evidencia a diversidade linguística no país e, desde a proposta de divisão dialetal feita por Nascentes (1953), tem servido como um dos principais fatores para a delimitação de área dialetal.

Alguns dos trabalhos realizados nesse sentido, organizados por região, foram:

2.2.1 Região Norte

Nina (1991) verificou o alteamento e o abaixamento na fala urbana de Belém; Freitas (2001) analisou a variação das pretônicas médias e altas, no município de Bragança, Pará; Campos (2008) estudou o alteamento, no município de Mocajuba, Pará; Sousa (2010) analisou o alteamento de vogais médias-altas (e o), objetivando verificar qual das variantes ocorre com mais frequência em Belém – Pará; Dias (2012) analisou as vogais médias pretônicas nas capitais da região Norte do Brasil; Cruz e Sousa (2013) observaram a variação vocálica das médias

pretônicas no português falado na cidade de Belém (PA); Fagundes (2015) estudou o abaixamento das vogais médias pretônicas em Belém (PA).

2.2.2 Região Nordeste

Mota (1979) apresentou os resultados, em um trabalho pioneiro, sobre as vogais médias pretônicas em Ribeirópolis, município de Sergipe; Silva (1989) fez a primeira tese sobre as vogais pretônicas na região nordeste, analisando as vogais altas, médias e baixas, na fala culta de Salvador; Soares (2004) descreveu as pretônicas médias nas comunidades rurais do semi-árido baiano; Araújo (2007) analisou as vogais médias em Fortaleza, Ceará; Silva (2009) verificou as vogais médias e altas, no falar de Teresina, Piauí; Amorim (2009) realizou o estudo sobre abaixamento, manutenção e alteamento das pretônicas, na língua falada culta de Recife, Pernambuco; Lopes (2013) verificou o comportamento das vogais médias pretônicas em Sergipe, utilizando os dados do Projeto ALiB; Mota e Lopes (2014) analisaram os resultados encontrados nas capitais brasileiras, a partir dos dados do ALiB; Almeida (2017) descreveu as realizações de /E/ e /O/, em posição pretônica, no falar culto de Fortaleza- CE.

2.2.3 Região Centro-Oeste

Corrêa (1998) analisou o abaixamento e o alteamento das pretônicas no dialeto de Brasília. No entanto, esse é um trabalho mais abrangente, pois além das vogais, trata da realização do /s/ pós-vocálico; Bortoni, Gomes e Malvar (1992) mostraram resultados referentes à variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília; Graebin (2008) fez o estudo sobre a fala de Formosa/GO, a partir da pronúncia das vogais médias pretônicas, anteriores e posteriores.

2.2.4 Região Sudeste

Viegas (1987) fez sua dissertação sobre o alteamento [i, u] em Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 2001, a autora deu continuidade ao trabalho iniciado na dissertação, com a tese sobre “Alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais”; Yacovenco (1993) pesquisou as vogais médias pretônicas no falar do Rio de Janeiro; Celia (2004) estudou as pretônicas médias e altas na fala culta de Nova Venécia, Espírito Santo; Guimarães (2006) analisou o comportamento das vogais médias pretônicas no Norte e no Sul de Minas Gerais; Silveira (2008) analisou as médias [e, o] e o alteamento [i, u] em São José do Rio Preto, São Paulo; Dias (2014) fez um estudo comparativo acerca da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros, observando as localidades de Piranga, Ouro Branco e Machacalis; Santos

(2016) observou as pretônicas em Minas Gerais, tratando, de maneira mais específica, do Falar Baiano, por meio dos dados do ALiB.

2.2.5 Região Sul

Bisol (1981) estudou o alteamento das vogais pretônicas ([i] e [u]), em quatro comunidades do Rio Grande Sul; Battisti (1993) investigou o alteamento das vogais médias pretônicas em sílaba inicial, em hiatos e prefixos, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul; Schwindt (1995) verificou a atuação da harmonização vocálica no alteamento, nas capitais da região Sul: Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba; Cruz (2010) observou o alteamento sem motivação aparente, em Porto Alegre.

A partir desse breve panorama, é possível perceber que, embora seja um fenômeno com vasto número de pesquisas, poucas são as que tratam da variação apenas entre as médias [e: ε], [o:ɔ]; sendo que a maioria as considera em oposição ao alteamento. No entanto, como o presente trabalho pretende verificar, dentre outros aspectos, a distribuição geográfica das vogais abertas e fechadas, e considera o alteamento um fenômeno supradialetal, em consonância com Silva (1989), utiliza-se a variação entre as médias como fenômeno principal para a análise.

2.3 APRESENTAÇÃO DAS ANÁLISES

Ressaltando a região geográfica contemplada pelo presente estudo, o estado de Goiás, e assinalando a diversidade aparente nas regiões brasileiras, serão mostrados apenas os resultados gerais dos estudos realizadas nas localidades que se encontram no entorno do estado em foco, excetuando-se: (i) a dissertação de Mota (1979), a qual não trata de área fronteiriça à Goiás, no entanto é uma obra precursora, pois iniciou a fase de estudos sistemáticos sobre a variação das vogais pretônicas e (ii) a tese de Bisol (1981), sobre a variedade do Rio Grande do Sul, que não está geograficamente próxima à Goiás, mas apresenta discussão sobre a Harmonização vocálica, regra importante para a análise do fenômeno.

Dos estudos que contemplam áreas próximas ao estado em questão, para representar a Bahia, tem-se o estudo de Silva (1989); para o Centro-oeste, o trabalho de Bortoni, Gomes e Malvar (1992) e o de Graebin (2008) e para os falares mineiros, a pesquisa de Dias (2014).

2.3.1 Mota (1979)

Título: As vogais médias pretônicas no dialeto de Ribeirópolis

Mota (1979) apresenta o primeiro trabalho sobre as vogais médias pretônicas analisadas de forma sistemática no Brasil, utilizando como amostra dados de fala do município de Ribeirópolis, em Sergipe. Os dados da pesquisa foram extraídos de cinco inquéritos realizados no município, através de questionários: dois com cerca de 700 perguntas, elaborados previamente para recolha de dados para o *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)*, e três questionários dirigidos à área semântica mais próxima da atividade profissional do informante. Quatro informantes eram analfabetos e um deles sabe assinar o nome.

O interesse do estudo era verificar a realização alta, média ou baixa das vogais inacentuadas e não foi feita análise estatística. Essa variação foi observada sob dois aspectos, o morfológico e o fonético à luz da proposta da Fonologia Gerativa Natural.

Dentre os resultados encontrados, a autora constatou que ocorre a realização da vogal inacentuada como baixa quando há na mesma sílaba ou no início da palavra seguinte uma soante [-lat, -nas] ou uma contígua [-ant,-cor]. Sobre os fatores de ordem morfológica, pode-se observar que as vogais radicais inacentuadas ocorrem nas formas verbais com a mesma altura que as vogais temáticas, como em beleza > belezura; todavia, essa harmonia não se realiza quando a vogal temática é nasal. Na amostra recolhida em Ribeirópolis, houve mais incidência da vogal baixa.

2.3.2 Bisol (1981)

Título: Harmonização vocálica: Uma regra variável

O estudo feito por Bisol (1981) apesar de não contemplar a variação entre as vogais médias [e]: [ɛ], [o]: [ɔ], analisando o alteamento, mostra a atuação da harmonização vocálica entre a vogal pretônica e a vogal seguinte, contextos de maior e menor probabilidade de haver a harmonização, ações isoladas e conjugadas de fatores. O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir da fala de quatro comunidades sociolinguísticas do Rio Grande do Sul e trinta e dois informantes, distribuídos da seguinte maneira:

- Porto Alegre: oito informantes monolíngues
- Taquara (zona de colonização alemã): oito informantes bilíngues
- Monte Bérico (zona de colonização italiana): oito informantes bilíngues
- Santana do Livramento (cidade fronteiriça): oito informantes monolíngues

Os informantes da amostra principal deviam ter curso primário completo ou incompleto, na faixa etária de 25 a 50 anos. Na amostra suplementar, os indivíduos deveriam ter nível

universitário, em quatro faixas etárias distintas, observadas através do Projeto Norma Urbana Culta (NURC).

Dentre as várias conclusões encontradas, verifica-se que o alteamento é uma regra variável, condicionada por diversos fatores, sendo mais “forte” a vogal alta da sílaba imediatamente seguinte. Assim, a harmonização vocálica consiste em

um processo de assimilação regressiva, desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma, algumas ou todas as vogais médias do contexto. (BISOL, 1981, p. 259)

Outro aspecto observado foi a hierarquia do grupo de fatores importantes para a aplicação da regra, na seguinte ordem: vogal alta da sílaba seguinte, caráter da vogal átona e a consoante vizinha (seguinte); e os fatores que desfavorecem a aplicação da regra, como a palatal precedente, a alveolar precedente ou seguinte, e o acento subjacente à vogal pretônica.

A análise dos dados mostrou que o fenômeno não apresentou estigma social, nas localidades observadas, pois foram encontradas amostras na fala popular e na culta, além de considerar ser possível afirmar “que a regra se encontra em estado de equilíbrio nos quatro grupos sociolinguísticos do dialeto gaúcho estudado.” (BISOL, 1981, p. 261)

2.3.3 Silva (1989)

Título: As pretônicas no Falar Baiano: a variedade culta de Salvador

O trabalho apresentado por Silva (1989) expõe a variação das vogais pretônicas no Falar Baiano, por meio do *corpus* do Projeto NURC, analisando as vogais alta, média e baixa, em Salvador. O Subfalar Baiano é constituído pela Bahia, Sergipe e parte de Minas. Para verificar o comportamento das vogais nessa área, a autora analisou dados de Salvador e os confrontou com dados de 50 pontos do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) e com uma localidade de Sergipe (retirada do trabalho de Mota, 1979), que se encontrava dentro do limite proposto por Nascentes (1953) para o Falar Baiano.

A amostra foi constituída a partir de oito horas de gravação, correspondendo à fala de 24 informantes graduados, estratificados em sexo e três faixas etárias (25 a 35 anos; 36 a 55; maiores de 55 anos).

A autora considerou contextos de sílaba inicial (*existe*); sílabas internas (*proporção*); vogais pré-acentuadas que possuem ditongos (*eleição*) e hiatos (*realmente*), ressaltando que o objetivo do trabalho é descrever os dados e levantar hipóteses que expliquem o funcionamento sincrônico das regras da variedade culta, em Salvador.

Algumas conclusões de Silva (1989) foram as seguintes: no dialeto de Salvador, a alternância entre as vogais altas, média alta e média baixa pode ser encontrada no mesmo vocábulo, como em n[i]c[i]ssita, n[e]c[e]ssitam e n[ɛ]c[ɛ]citam; tanto em Sergipe quanto em Salvador predominam as vogais baixas, exceto antes de vogal média não-nasal (c[o]rreio) e antes de vogal alta, nas quais ocorrem, na maioria das vezes, vogais com a mesma altura (p[i]rigo); as pretônicas médias e baixas ocorrem em distribuição complementar, as médias antes de vogal não nasal de mesma altura (d[e]spesa) e baixa nos outros contextos (int[ɛ]ligente).

Nessa análise, Silva (1989) estabeleceu conjuntos de regras de comportamento categórico e de comportamento variável. As regras de comportamento categórico são quatro:

- Uma regra categórica de elevação: transforma em alto todo <e>, em posição inicial absoluta, seguido de S implosivo, como *iscola*, *iscuro*.
- Três regras categóricas de timbre: (i) transforma em média alta toda vogal <e> que precede consoante palatal em verbos de primeira conjugação, como em *fechar*, *planejar*; (ii) transforma qualquer vogal pretônica (*o* ou *e*) em vogal média quando ela precede outra vogal média não nasal, em qualquer padrão silábico, como em *cerveja*, *correio*; (iii) transforma em baixa todas as pretônicas em que não se aplicam as regras citadas anteriormente, como *ass[ɔ]ciação*, *ap[ɛ]sar*.

As regras variáveis agem depois das de comportamento categórico e concorrem com elas, pois ambas ocorrem no mesmo contexto. No total, são quatro, três de elevação e uma de timbre:

- As duas primeiras regras de variação de elevação apontam como favoráveis à ocorrência das altas: (i) a vogal alta na sílaba seguinte, como em *presunto* e *bruchura*; (ii) a pretônica que varia na “família” lexical com uma vogal tônica alta, como *discubrir*, *discubro* e *sirviço*, *sirvo* e (iii) as consoantes, para *o*: a consoante velar ou labial precedendo a vogal, como *cunheço*, *burracha*; e a consoante seguinte labial, como *cutbertor*, enquanto para *e*, consoante labial ou dentoalveolar não lateral precedente, como *cabiceira* e *tesoureiro*.
- A terceira regra variável de elevação: transforma o *e* inicial seguido de [z] em vogal alta, como em *i[z]ibida*, *i[z]ata*.

- A Regra variável de timbre (realização como médias): (i) vogais da sílaba seguinte, preferencialmente, altas e secundariamente nasais; (ii) pretônica em vocábulos de uso não popular.

2.3.4 Bortoni, Gomes e Malvar (1992)

Título: A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?

O estudo realizado por Bortoni, Gomes e Malvar (1992) faz a reflexão acerca das regras fonológicas que atuam na variação das vogais pretônicas para o alteamento [i], [u] e para o abaixamento de [e]: [ɛ] e de [o]: [ɔ] e o lugar da difusão lexical nesses processos no dialeto de Brasília. Os autores afirmam que “A situação de contato de dialetos regionais e sociais no Distrito Federal difere da situação encontrada em outros centros metropolitanos no Brasil, porque em Brasília não existe um substrato predominante.” (p. 11) A partir dessa circunstância é possível analisar a mudança de *status* de uma variável que pode deixar de ser de natureza regional e passar a ter natureza social. No entanto, os autores ressaltam que trabalhos futuros podem corroborar essa transformação.

Estudos anteriores na região já tinham revelado que há a maior frequência de vogal média alta [e] (69%), seguido da alta [i] (28%) e a baixa [ɛ] (3%). A amostra da pesquisa de Bortoni, Gomes e Malvar (1992) foi constituída a partir da fala de 14 informantes (7 homens e 7 mulheres), com idades entre 11 e 38 anos, seis faziam parte da classe média baixa⁶ e oito da classe média.

Os contextos linguísticos analisados foram: (i) Vogal da sílaba seguinte; (ii) Ambientes fonológicos precedente e seguinte e (iii) Tonicidade subjacente. Os extralinguísticos foram (iv) Sexo; (v) Classe social e a (vi) Origem dos pais.

Quanto aos resultados linguísticos, observou-se que as vogais seguintes altas orais e nasais, excetuando-se o [ĩ], desfavorecem o abaixamento da vogal anterior, e as vogais seguintes [ĩ], [ẽ] e as vogais baixas favorecem o abaixamento da posterior. No fator segmento anterior, o abaixamento de [e] foi condicionado pela alveolar, velar e labial, e o de [o] pela alveolar. Na análise do segmento seguinte, o abaixamento da vogal anterior é condicionado pela

⁶ No que se refere ao estudo do fator social escolaridade, observou-se que, na obra, os autores indicam que os informantes de classe média possuem escolaridade regular, entretanto não é especificado o nível de escolaridade controlado na amostra.

palatal, alveolar e velar e o da posterior pela alveolar e palatal; no fator efeito da tonicidade, a átona permanente desfavorece o abaixamento, nos dois contextos.

Os resultados extralinguísticos não foram expressivos. Entretanto, o fator classe social pode indicar um processo em curso, pois os falantes de classe média baixa estariam utilizando a variante baixa, enquanto para os informantes de classe média, a variante baixa se restringe a alguns casos.

2.3.5 Graebin (2008)

Título: A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas

A dissertação de Graebin (2018) revela o comportamento das vogais pretônicas em uma cidade do estado de Goiás – Formosa, onde foi observada a variação das vogais médias [e]: [ɛ], [o]: [ɔ], e das vogais altas [i] e [u]. A autora explicita que uma das motivações para a realização desse trabalho foi o fato de a vogal aberta “ser uma realização até então estranha aos nossos ouvidos e por considerarmos ser essa uma característica específica de variedades faladas no Nordeste brasileiro” (p. 18). Uma outra motivação foi a localização geográfica da cidade, que fica a, aproximadamente, 70km de Brasília.

Para análise, foram seguidos os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968; LABOV, 1972). O *corpus* da pesquisa consta de 14 informantes, organizados por sexo, classe econômica (classes baixa, média e alta), faixa etária (30 a 45 anos), nível de escolaridade (até 8 anos de estudo; até 11 anos de estudo e mais de 11 anos de estudo) e contato com Brasília.

Os grupos linguísticos analisados foram (i) Zona de articulação das variantes de [e]:[ɛ]:[i] e [o]:[ɔ]:[u]; (ii) Vogal da sílaba seguinte; (iii) Segmento fonológico precedente (CV, CCV, #V, VV) e seguinte (ditongos, hiatos, consoante da sílaba seguinte, sílaba como padrão CVC com coda em /R/, /S/, /N/) (iv) Distanciamento da tônica; (v) Acento secundário.

Os fatores extralinguísticos analisados foram: (vi) Sexo; (vii) Escolaridade; (viii) Classe econômica; (ix) Contato com Brasília; (x) Nível de formalidade do discurso e (xi) Controle lexical.

Os resultados dialetológicos encontrados por Graebin (2008) são importantes para perceber o comportamento linguístico diverso do estado de Goiás. A autora confirmou que

A comparação dos resultados percentuais do *corpus* de Formosa com o de outras pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas, referentes ao Subfalar Baiano, confirmou a classificação feita por Nascentes (1953). Por outro lado, a comparação evidenciou

também que o nível de abaixamento na fala de Formosa (13,2%) é bem menor que o encontrado em Salvador (59%) [...], mas maior que o verificado em Brasília (3,5%), ficando, assim, num nível intermediário. (GRAEBIN, 2008, p. 208)

Nos dados analisados de Formosa (GO), as ocorrências categóricas na média alta e na alta estavam “limitadas a grupos lexicais específicos”, como em *você, semana, piqueno e imbora*. Não foram encontrados dados categóricos com a vogal média baixa. Com isso se chegou à conclusão de que a difusão lexical é recorrente para os casos de elevação, mas não de abaixamento.

2.3.6 Dias (2014)

Título: Estudo comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros

A tese de Dias (2014) analisa e descreve a realização variável das vogais médias pretônicas [e] e [o] e o alteamento [i] e [u], em três cidades de Minas Gerais: Ouro Branco, Piranga e Machacalis. Na divisão dialetal de Zágari (2005[1998]), retratada na subseção das divisões dialetais, Machacalis está na área de Falar Baiano, enquanto Ouro Branco e Piranga na área do Falar Mineiro. De acordo com a proposta de divisão feita por Nascentes (1953), Machacalis está na área de Falar Baiano, Piranga, no Falar Fluminense e Ouro Branco, na área do Falar Mineiro.

O *corpus* da pesquisa se constituiu a partir do banco de dados do grupo de pesquisa Variação fonético-fonológica, morfológica e lexical em Minas Gerais (Varfon-Minas/CNPQ), com dados da fala de 24 informantes, considerando como fatores sociais a origem, o gênero/sexo e a faixa etária (18 a 24 anos e 40 a 60 anos).

Algumas das conclusões desse trabalho foram (i) relevância das vogais nasais – [ẽ] e [õ], na sílaba tônica, pois favorecem a pretônica média baixa em Machacalis; (ii) a relevância da vogal [ẽ], na sílaba tônica, favorecendo a realização das médias altas; (iii) Machacalis mostra um comportamento diferente das outras cidades estudadas; (iv) verificou-se que a variável mais importante para explicar o alteamento e a abertura das vogais, em todas as cidades estudadas, é a vogal da sílaba tônica; (v) o comportamento das vogais e das consoantes “são mais importantes” do que o de acentos. Sobre os fatores sociais, a autora afirma que, na cidade de Piranga, a abertura chega a ser prestigiada por alguns informantes. Quanto à divisão dialetal, Dias (2014) explica que

[...] se levarmos em consideração apenas os processos fonético-fonológicos, poderíamos talvez dizer que a divisão dos falares de Minas apresentada em Zágari (1998) seria a divisão

mais interessante, mas se levarmos em consideração todos os fatores que são favorecedores, podemos dizer que o falar de Piranga poderia ser considerado um falar de transição. (DIAS, 2014, p. 354)

2.4 PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE AS PRETÔNICAS REALIZADOS COM OS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Em um pouco mais de duas décadas, vários trabalhos sobre a realização variável das pretônicas foram realizados no Projeto Atlas Linguístico do Brasil; por isso, para se ter uma visão panorâmica dos estudos produzidos com os dados do Projeto ALiB, foi feito um levantamento dos trabalhos de conclusão de curso de Mestrado (dissertações) e de Graduação (Monografias) sobre o fenômeno. Ainda não há trabalhos de Doutorado finalizados.

2.4.1 Vieira (2010)

Título: O comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo

Em sua dissertação, Shirley Vieira (2010) investiga o comportamento das vogais médias /E/ e /O/, considerando os casos de manutenção [e o], abaixamento [ɛ ɔ] e alçamento [i u], no estado do Espírito Santo. Sua amostra foi constituída a partir do banco de dados do Projeto ALiB, utilizando os dados de Vitória (ponto 190), capital do estado, e do Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES).

Do ALES, utilizaram-se as localidades a seguir: Mucurici (ponto 1); Montanha (ponto 2); Ecoporanga (ponto 3); Pinheiros (ponto 4); Conceição da Barra (ponto 5); Vila Pavão (ponto 6); Barra de São Francisco (ponto 7); Nova Venécia (ponto 8); São Mateus (ponto 9); Águia Branca (ponto 10); Vila Valério (ponto 11); Pancas (ponto 12); Rio Bananal (ponto 13); Linhares (ponto 14); Colatina (ponto 15); Aracruz (ponto 16); Laranja da Terra (ponto 17); Santa Teresa (ponto 18); Serra (ponto 19); Afonso Cláudio (ponto 20); Domingos Martins (ponto 21); Iúna (ponto 22); Muniz Freire (ponto 23); Ibitirama (ponto 24); Alfredo Chaves (ponto 25); Vargem Alta (ponto 26); Muqui (ponto 27); Itapemirim (ponto 28); São José do Calçado (ponto 29); Mimoso do Sul (ponto 30); Presidente Kennedy (ponto 31); Baixo Guandu (ponto 32); Santa Maria de Jetibá (ponto 33); Santa Leopoldina (ponto 34); Castelo (ponto 35) e Vitória (ponto 36).

Um dos objetivos do trabalho era verificar se a precedência dos informantes, rural (observada por meio do ALES) ou urbana (observada por meio do ALiB), apresentaria

resultados relevantes. A análise dos dados revelou a maior frequência das vogais altas [i u] nas áreas rurais.

Os dados ilustraram a maior aplicação da regra de alçamento na parte norte do estado. Quanto às vogais médias, uma das hipóteses iniciais do estudo era a de que haveria variantes abertas e fechadas por todo o estado, porém houve poucos casos de abaixamento, demonstrando a predominância das vogais médias altas [e o].

2.4.2 Dias (2012)

Título: As vogais pretônicas no português falado na região norte do Brasil

Na dissertação de Marcelo Pires Dias (2012), o objetivo é descrever o comportamento das vogais pretônicas [e] e [o], com base na fala dos informantes de seis capitais da região norte: Belém-PA, Manaus-AM, Rio Branco-AC, Macapá-AP, Porto Velho-RR e Boa Vista-RO. Os dados utilizados fazem parte do banco de dados do Projeto ALiB, e os vocábulos foram obtidos por meio do Questionário Fonético-Fonológico e do Semântico-Lexical.

Os resultados obtidos revelaram a maior frequência no uso das variantes fechadas [e] e [o] nas capitais analisadas. A partir da análise, observou-se que os fatores linguísticos que atuam no favorecimento do alteamento, da manutenção e do abaixamento não são os mesmos. Vogais altas na sílaba tônica aumentam a probabilidade de alçamento e vogal baixa na sílaba tônica aumenta a probabilidade de ocorrer abaixamento, excetuando casos específicos, indicando a atuação da harmonização vocálica.

Analisando os grupos sociais, notou-se que os informantes do sexo masculino apresentaram maior probabilidade de utilizar as variantes altas e quanto a faixa etária, os mais jovens foram mais favorecedores à manutenção das médias fechadas, e os mais velhos mais favorecedores ao uso das variantes altas. A observação da escolaridade dos informantes mostrou que o grupo de falantes mais escolarizados possui maior probabilidade de utilização das vogais médias fechadas, enquanto os informantes com o ensino fundamental realizaram, em sua maioria, as variantes altas [i u], demonstrando uma relação direta entre o uso da variante e o nível de escolaridade.

2.4.3 Lopes (2013)

Título: Pretônicas na língua falada em Sergipe: dados do Projeto ALiB

O trabalho de Paulo Henrique Lopes (2013), uma monografia, investigou a variação das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores, nas três localidades que compõem a rede de pontos de Sergipe, no ALiB: Propriá (ponto 78), Aracaju (ponto 79) e Estância (ponto 80). Para a recolha dos dados, foram utilizados os questionários Fonético-Fonológico e Semântico-Lexical.

Os resultados diatópicos encontrados por Lopes (2013) revelaram, nas localidades sergipanas, a tendência para a abertura das vogais, tanto para as anteriores (62,6%), quanto para as posteriores (54,8%). A variável faixa etária se mostrou importante para a variação das vogais médias em posição pretônica, pois, de maneira geral, os mais velhos (faixa II) utilizaram com maior frequência as variantes abertas. O sexo não foi um fator selecionado como relevante.

2.4.4 Santos (2016)

Título: As pretônicas em Minas Gerais: o caso do Falar Baiano

Em sua monografia, Ana Claudia Santos (2016) analisou a variação entre as vogais médias anteriores e posteriores /E/ e /O/, em Minas Gerais, na área considerada por Nascentes (1953) como *Falar Baiano*. Para isso, observaram-se seis localidades da rede de pontos ALiB: Januária (ponto 127), Janaúba (ponto 128), Pedra Azul (ponto 129), Unaí (ponto 130), Montes Claros (ponto 131) e Patos de Minas (ponto 136).

O resultado referente à frequência das variantes abertas e fechadas se mostrou distinto para o contexto anterior e para o posterior. Para /E/, foi encontrada a maior frequência da variante fechada [e] (57%), enquanto para /O/, houve a predominância de [ɔ] (53%). A análise diatópica mostrou na área do *Falar Baiano*, em Minas Gerais, maior ocorrência das variantes fechadas [e] e [o] em Janaúba, Januária e Unaí. Em Montes Claros, Patos de Minas e Pedra Azul, a predominância foi das pretônicas abertas.

A faixa etária revelou que as variantes fechadas estão mais presentes na fala dos mais jovens, faixa etária I. O sexo também foi indicado como fator importante para a análise do fenômeno, e, nos dois contextos, o sexo masculino foi favorecedor ao uso das vogais abertas.

Existe, ainda, a Dissertação “Distribuição geo-Sociolinguística da variável <e> pretônica no português falado no Estado do Pará”, de Edinaldo dos Santos (2009)⁷. O autor observa a pretônica anterior [e] em Soure-PA, Belém-PA, Marabá-PA, Altamira-PA e Jacareacanga-PA.

⁷ A autora não teve acesso ao trabalho completo.

2.5 A DIALETOLOGIA

A Dialetoologia é uma disciplina que procura descobrir e descrever as variações relacionadas com fatores geográficos. Falando-se em variação diatópica, geolinguística ou dialetal, a Dialetoologia tenta identificar áreas mais ou menos coesas e determinar os fatores que levaram à sua formação. De acordo com Dubois (2006),

O termo *Dialetoologia*, usado às vezes como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família (DUBOIS, 2006, p. 185).

Um passo importante para o surgimento da Dialetoologia foi dado no século XIX, na Alemanha, em 1896. Georg Wenker realizou uma pesquisa que objetivava registrar algumas características linguísticas. O trabalho era baseado em uma lista de frases escritas em alemão *standard* enviadas a professores do norte da Alemanha, os quais deveriam responder, transcrevendo-as com o dialeto local. A pesquisa englobava a Alemanha do Norte e o Centro e cada mapa retratava apenas uma forma.

A empreitada pioneira de Wenker foi importante para o desenvolvimento da Dialetoologia na França. Jules Gilliéron se empenhou em melhorar o que havia sido iniciado e idealizou um questionário isolando as unidades específicas daquelas que podiam ter respostas iguais. O questionário era revisado conforme a pesquisa avançava. O trabalho de Gilliéron contou com apenas um inquiridor, Edmond Edmont, que, em quatro anos, de 1896 a 1900, recolheu 700 entrevistas em 639 locais diferentes. Esse estudo resultou no *Atlas Linguistique de La France* (ALF), publicado entre 1902 e 1910, inaugurando a Geografia Linguística enquanto método da Dialetoologia.

Com a Geografia Linguística passa-se a ter o estudo cartográfico dos dialetos. A partir das variações geográficas cria-se um atlas, com o propósito de reunir um conjunto de mapas de um território, mais ou menos vasto, que irá representar e localizar as realizações dos paradigmas de natureza fonética, lexical, morfológica e sintática. Com os atlas, torna-se possível, também, isolar áreas dialetais, que se definem pela concentração de fenômenos linguísticos idênticos, viabilizando a criação de isoglossas (linhas imaginárias que marcam o limite geográfico de um fenômeno linguístico).

Os atlas se tornam um registro documental da língua viva e um produto de reflexão sobre ela, pois através de um atlas é possível identificar, geograficamente, as variações que ocorrem em uma língua, permitindo, ainda, o reconhecimento das mudanças que acontecem no decorrer

do tempo se forem feitas comparações, as regiões ou falantes de idades distintas. Essa noção é de fundamental importância para o reconhecimento dos dialetos e o não estigma das variedades sem prestígio social. Além disso, como instrumento de trabalho, pode ser ponto de partida para novos estudos.

As pesquisas dialetais seguem etapas metodológicas bem estabelecidas, Ferreira e Cardoso (1994) apresentam os principais passos que devem ser seguidos para a concretização de um trabalho dessa natureza:

- (i) A preparação da pesquisa: esta etapa tem início com a definição do campo linguístico a ser investigado, seguido da escolha das localidades ou localidade, informantes, método de investigação (inquéritos *in loco* ou por correspondência).
- (ii) Execução dos inquéritos: neste momento é posto em destaque o acesso às localidades, como ocorrerá o contato com o informante (intermédio de terceiros ou por meio de moradores da região que auxiliam no primeiro contato), o preenchimento da ficha de identificação do informante.
- (iii) Exegese e análise dos materiais recolhidos: a análise dos materiais recolhidos está completamente vinculada com um trabalho de exegese dos dados. Para se evitar interpretações errôneas ou mal entendimentos, as respostas dadas pelos informantes devem ser observadas levando-se em conta o contexto utilizado.
- (iv) Divulgação dos resultados obtidos: a publicação de um trabalho dialetal não indica o término da pesquisa, ao contrário, a conclusão e apresentação desses resultados podem servir como ponto de partida para um outro momento, voltado para a análise de dados ou conclusões sobre o fato investigado.

Cardoso (2010) afirma que o tripé básico para a realização do trabalho dialetal é formado pela rede de pontos, pelos informantes e pelos questionários.

Considera-se que o início dos estudos dialetais no Brasil ocorreu com a comparação feita entre o português brasileiro e o português europeu pelo Visconde de Pedra Branca, em 1826, marcando a primeira fase dos estudos dialetais brasileiros, como será descrito mais detalhadamente na próxima subseção.

Radtke e Thun durante o simpósio “*Novos caminhos da geolinguística Românica*”, em 1996, discutem a situação da geolinguística românica do século passado e os novos parâmetros que estão sendo inseridos nela. Um dos problemas apontados pelos autores era a escassez de jovens pesquisadores na área, além do fato de a Dialetologia e a Geolinguística estarem sendo

ultrapassadas diante de novas áreas de pesquisa como a Sociolinguística, a Pragmática, a Psicolinguística e outras.

Chambers e Trudgill, em 1994, reafirmam o novo rumo da Geografia Linguística, o de centralizar os estudos na Dialetoologia urbana mais do que na rural, considerando a interação entre as variáveis independentes e linguísticas. Assim, os autores afirmam que “O futuro da Geográfica Linguística depende da capacidade de seus seguidores para incorporar os interesses e talvez a metodologia da Dialetoologia urbana”⁸ (p.45)

A Dialetoologia, por meio do seu método a geografia linguística, seguiu o caminho para se tornar uma área mais ampla e, com isso, continuar alcançando seu objetivo de descrever os dialetos, de maneira eficaz, como se verá nos itens que serão abordados em sequência.

2.5.1 Dialetoologia Monodimensional e Pluridimensional

Com o surgimento da Sociolinguística, a Dialetoologia incorporou algumas inovações a seu método, sendo consolidada como pluridimensional no final do século XX.

Na Dialetoologia monodimensional ou tradicional, buscava-se estabelecer relações entre os usos diversos de uma língua, pela identificação dos mesmos fatos ou pela presença/ausência dos fenômenos em uma determinada área. A investigação monodimensional tem o interesse voltado, exclusivamente, para a variação espacial. Isso não implica afirmar que as variáveis sociais não são consideradas, fatores como o sexo e a idade são observadas, como se encontra no *ALF*, no qual houve informantes homens e mulheres, entre 15 e 85 anos, embora não tenham sido contabilizados nos resultados apresentados, pois a ênfase era expor os resultados referentes aos dados diatópicos.

Cardoso (2010) expõe que os estudos dialetológicos, iniciados no século XIX, surgem no momento em que

“ a individualidade geográfica de cada região estava resguardada seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja pela, ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância *entre* as diferentes áreas [...]” (CARDOSO, 2010, p. 39)

Assim, o uso dessa metodologia se justificava, pois se acreditava que o informante da área conheceria melhor a cultura do local e estaria afastado de contato com outros grupos linguísticos, ou seja, estaria mais isolado linguisticamente. Silva Neto (1958, p. 32) afirma

⁸ el futuro de la geografía lingüística depende de la capacidad de sus seguidores para abarcar e incorporar los intereses y quizás la metodología de la dialectología urbana. (Tradução da autora)

que “facilmente se compreende que uma pessoa que tenha freqüentado a escola, mesmo primária, já contaminou a pureza de seu falar com formas da língua comum”, corroborando a ideia de que o indivíduo analfabeto teria a língua “mais pura”, sem influência da escola que ensina formas padrões.

No entanto, com as mudanças sociais e a urbanização das cidades, encontrar algum falante isolado se tornou tarefa difícil. Cardoso (2010) ressalta as mudanças ocorridas no Brasil a partir do século XX. O país passou a ser urbano, houve avanço nos meios de comunicação e ampliação das redes de transportes, facilitando a mobilidade das pessoas, resultando na necessidade de controlar os aspectos sociais que envolviam esse falante, uma vez que, a partir desse momento, ele estava em interação com outras pessoas, o que, certamente, afetaria sua maneira de falar.

Os atlas brasileiros, em sua maioria, foram monodimensionais. Como bidimensionais, no Brasil, tem-se como exemplos: o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (ALS), o *Atlas Lingüístico de Sergipe II* (ALS II), o *Atlas Lingüístico de Paraná* (ALPR) e o *Atlas Lingüístico de Paraná 2* (ALPR 2).

Diferente da monodimensional, a Dialectologia pluridimensional busca estabelecer relações entre a diatopia e as interferências sociais, como idade, sexo, gênero, idade ou classe social, e, embora tenha incorporado fatores sociais em seu método, não se pode confundir com a Sociolinguística. Silva-Corvalán (1988) mostra os pontos de contato entre as duas ciências:

Sociolinguística e Dialectologia são consideradas, até certo ponto, sinônimas por estudarem a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que se dão entre certos traços linguísticos e determinados grupos de indivíduos. Assim como a Sociolinguística, a Dialectologia sempre considerou a existência da heterogeneidade linguística. (SILVA-CORVALÁN, 1988, p.8) ⁹

Callou (2010), no artigo “Quando Dialectologia e Sociolinguística se encontram”, aponta como pontos de interseção entre as duas ciências (i) ter nascido, a partir da década de 60, o interesse pela linguagem urbana; (ii) ter sido necessário pensar em um novo método para o estudo das línguas românicas. Os métodos da dialectologia tradicional sofreram adaptações, objetivando possibilitar o levantamento da linguagem dos centros urbanos, essa modificação, a princípio, fez a Dialectologia urbana confundir-se com a Sociolinguística (CALLOU, 2010, p.34).

⁹ “Sociolingüística y dialectología se han considerado hasta cierto punto sinónimas en cuanto a que ambas disciplinas estudian la lengua hablada, el uso lingüístico y establecen las relaciones que se dan entre ciertos rasgos lingüísticos y ciertos grupos de individuos. Así como la sociolingüística, la dialectología ha reconocido desde siempre la existencia de la heterogeneidad lingüística.” (Tradução da autora)

Dessa forma, a Dialectologia e a Sociolinguística são duas perspectivas de análise da língua que se complementam, enquanto a primeira considera os aspectos sociais, com ênfase na variação espacial, diatópica, a segunda tem as condições sociais como elementos centrais de suas investigações.

2.5.2 Histórico da Dialectologia no Brasil

Os estudos dialetais no Brasil são divididos, hoje, em quatro fases, e o que caracteriza cada uma delas é o caráter inovador de determinada obra, a percepção da necessidade de se ampliarem os estudos dessa natureza, a criação de atlas regionais, até a concretização de um atlas nacional.

A **primeira fase** da Dialectologia no Brasil teve início em 1826 e terminou em 1920, com duração de quase um século. Pode-se considerar como o marco inicial, a publicação do texto do Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, como Introdução ao *Atlas ethnographique du globe (...)*, de Adrien Balbi. Nesse texto, o Visconde mostra as diferenças que o dialeto brasileiro poderia apresentar comparado com o de Portugal (*Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal*). (CARDOSO, 2010, p.37)

O trabalho do Visconde de Pedra Branca apresenta termos e expressões incorporadas ao português através das línguas indígenas faladas no Brasil e variações lexicais. Dessa forma, percebe-se que esse trabalho possui uma visão preliminar sobre diversidade da Língua Portuguesa falada no país e a influência das línguas indígenas sobre ela.

Os estudos dessa época tinham como característica o protagonismo dos estudos lexicais e de suas especificidades no Português do Brasil. A produção era mais voltada para a produção de dicionários, glossários, vocabulários e léxicos regionais. O primeiro estudo de natureza mais abrangente e de caráter gramatical é o *Idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, de Paranhos da Silva, 1879. Nessa obra, Paranhos da Silva trata dos diferentes aspectos da variação do português do Brasil comparado com o português de Portugal.

O marco final foi a publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, pois essa obra é mais ampla do que os trabalhos realizados até o momento.

A **segunda fase** teve início em 1920 com o livro de Amadeu Amaral e terminou em 1952, com o primeiro passo para o desenvolvimento sistemático da Geolinguística no país, com a publicação do Decreto n.º 30.643 de 20 de março de 1952, indicando a necessidade de criação de um Atlas Linguístico do Brasil.

Essa fase é marcada por produção de trabalhos monográficos voltados para observação de uma área, buscando descrever os fenômenos que a caracteriza do ponto de vista semântico-lexical, fonético-fonológico e morfossintático. Nesse momento, a Dialectologia volta o olhar sobre a variação linguística para além das diferenciações lexicais, os outros níveis linguísticos passaram a ser observados e analisados de maneira mais detalhada.

Dos estudos monográficos, os que obtiveram maior destaque foram o de Amadeu Amaral (1920), Antenor Nascentes (1922) e Mário Marroquim (2008[1934]).

O dialeto caipira de Amaral (1920) estuda uma área de São Paulo, identificada como falar caipira. Nessa obra, o autor mostra uma preocupação de que se realizem estudos regionais.

O linguajar carioca de Nascentes (1922) se preocupa em definir o que se entende por falar brasileiro, dando enfoque ao falar carioca. Essa obra trata da fonética, da morfologia, da sintaxe e do léxico e apresenta a primeira proposta de divisão dialetal do Brasil.

A língua do Nordeste de Marroquim (1934) observa os Estados de Pernambuco e Alagoas, mostrando interesse pelos estudos dialetais e preocupação com a escassez de publicações sobre a temática.

A variação quanto às vogais médias pretônicas, tema desta dissertação, está também referida nessas obras. Amaral, em *O dialeto caipira*, observa que as pretônicas “alteram-se mais” (p. 49) e destaca casos de alteamento, como:

- 1) -e inicial aparece mudado para –i nasal. Exemplo: *inzame* > *exame*, *inguá* > *igual*.
- 2) -e medial muda-se, frequentemente, em –i. Exemplo: *tisora*, *piqueno*.
- 3) -o medial muda-se muitas vezes para –u. Exemplo: *ingulir*, *bulir*.
- 4) -em inicial muda-se em in. Exemplo: *imprego*, *insino* (AMARAL, 1920, p. 49)

Nascentes, em *O linguajar carioca*, considera que as vogais átonas “sofrem as mais arbitrárias transformações, que variam do enfraquecimento até a supressão” (p.31).

Com relação à anterior média observa que: “O *e* inicial e protonico ou se conserva [...] ou passa para *i*, nasalizando-se ou não: *erguer*, *herdeiro* [...], diante de palatal (...), *senhor-sinhor*”. (p. 32).

Cita ainda casos de alteamento, documentados no Rio de Janeiro, como *pedir*, *pequeno* – *pidi*, *piqueno*.

A média posterior é dada como fechada, tanto quando inicia o vocábulo, como em *orelha*, como nos casos em que vem precedida de consoante, como nos exemplos *porteiro* e *amoroso*.

Observa, também, que “Em alguns casos, pronuncia-se reduzido, como em Portugal, nas pronúncias normais: *cozinha-cuzinha*, *colegio-culegio*, *cortina-curtina*, *comer-cumê*. (p. 35).”

Marroquim, em *A língua do nordeste*, diz que as vogais átonas, no dialeto nordestino, sofrem várias transformações. A assimilação é o fator principal. Muitas palavras são resíduos fieis do português quinhentista que se conservam intactos no Nordeste, em razão de condições geográficas e sociais. São mostradas algumas características das vogais pretônicas, como:

- 1) O *e* átono pretônico soa como *i*. Exemplo: *tisora*, *sinhô*.
- 2) Quando o *e* é inicial e a consoante posterior é *s*, também soa sempre como *i*. Exemplo: *istação*, *ispuma*, *isquadrão*.

Marroquim, no entanto, afirma que as alterações fonéticas têm aspecto arbitrário, alcançando umas palavras sem atingir a outras.

Ferreira e Cardoso (1994) apresentam as obras produzidas nessa segunda fase em quatro grupos. No primeiro grupo, os léxicos e glossários regionais que continuam sendo observados e produzidos; no segundo grupo, estão presentes as obras que analisam questões rumo a uma perspectiva mais geral; no terceiro grupo, há estudos de caráter regional, abordando aspectos de uma área geográfica e fenômenos específicos da região, e no quarto grupo, há os estudos específicos sobre a contribuição africana.

Ferreira e Cardoso (1994) ressaltam que a proposta de divisão dialetal de Nascentes foi publicada em dois números da revista *Orbis*. (1952 e 1953).

A terceira fase teve início em 1952. Considera-se como marco inicial a publicação do Decreto n.º 30. 643 de 20 de março de 1952, no qual o governo brasileiro colocava como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil.

É válido ressaltar que apenas um ato governamental não seria suficiente para caracterizar uma nova fase dos estudos, seria necessário ampliar a visão. Por isso, trabalhos como os de Nascentes, Celso Cunha, Nelson Rossi e Silva Neto foram essenciais para um novo pensamento sobre a Dialetoлогия.

Nascentes publicou, em 1958, as *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, obra em que se estabeleceram os passos para iniciar um trabalho dessa natureza. Embora reconhecessem a necessidade de elaboração de um atlas nacional, Celso Cunha e Silva Neto também reconheciam a dificuldade que seria realizar um trabalho tão amplo e complexo.

O primeiro passo concreto da Geolinguística do Brasil foi dado por Rossi (1963), com a colaboração de Dinah Isensee e Carlota Ferreira, por meio da publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baiano*, o APFB.

Dessa forma, a característica principal da terceira fase é o começo dos estudos sistemáticos no campo da Geografia Linguística.

Mota e Cardoso (2006) estabelecem o ano de 1996 como início da **quarta fase** dos estudos geolinguísticos, com a retomada do Projeto de um *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), completando, assim, a proposta de Ferreira e Cardoso (1994). A retomada do Projeto ALiB durante o Seminário Nacional *Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil* ocorreu por iniciativa do grupo de pesquisadores de Dialetologia da Universidade Federal da Bahia.

Cardoso (1996) refletiu sobre as diversas dificuldades que seriam encontradas para a realização dessa tarefa, ressaltando, no entanto, que

O quadro histórico-social do Brasil, hoje, [...] e a necessidade do conhecimento sistemático e geral da realidade lingüística brasileira estão a exigir, sem mais demora, um esforço coletivo na tentativa de concretizar estudos mais amplos que levem a esse conhecimento global. (CARDOSO, 1996)

Dessa forma, entende-se que, mesmo não sendo um trabalho fácil de ser concretizado, o país precisava de um estudo que descrevesse a realidade linguística de maneira mais ampla, descrição essa que não é possível apenas com os atlas regionais. Ainda em 1996, Cardoso aponta três aspectos principais que apontam a necessidade de elaboração um atlas nacional:

- (i) A inexistência de uma caracterização geral do português do Brasil a partir de dados obtidos *in loco*.
- (ii) A ausência de dados que permitissem uma divisão dialetal do país.
- (iii) A necessidade de registrar a multidimensionalidade da língua, para que além de demarcar espaços geolinguísticos, pudesse também contribuir para “melhor equacionamento entre a realidade de cada área e o ensino da língua materna eu nela se processa”. (p. 91)

Do ponto de vista metodológico, essa fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística, abandonando a visão monodimensional que predominou na Geolinguística tradicional. A Geolinguística Pluridimensional junta-se ao parâmetro diatópico e ao interesse por outros tipos de variação, como diasssexual e diastrático. Além disso, nesse momento, há ampliação do campo de estudo, pois as pesquisas não se restringem aos dados fonético-fonológicos e semânticos-lexicais, são incorporados dados metalinguísticos, morfossintáticos e outros.

Os trabalhos que tratam sobre a periodização dialetal no Brasil deixam em evidência que os estudos dialetais se renovam, incluindo em seu método características, aspectos de outras ciências, buscando sempre um maior rigor científico. Se antes, com o método tradicional, se buscavam falantes isolados, com pouco contato, com a mudança da organização social e demográfica no Brasil, e auxílio dos pressupostos da Sociolinguística, passou-se a ter interesse não apenas no falante isolado, de área rural, incorporando assim análise dos aspectos sociais na pesquisa dialetológica.

Nota-se, além disso, que os estudos feitos sempre buscavam e buscam completar o que já existe na área, começando pelos glossários, passando para estudos de uma área, aumentando para estudos de uma região, até chegar ao objetivo maior de um atlas que descreva a realidade do Brasil.

Cardoso (2010, p. 197) expõe a definição de atlas de primeira, de segunda e de terceira geração. (i) Os de primeira geração são os que exibem os dados sem apresentar a interpretação dos fenômenos investigados. Nesse grupo, estão os cinco primeiros atlas brasileiros, descritos no Quadro 2; (ii) os de segunda geração são os que trazem as cartas e alguns comentários de análise. Nesse grupo, encontra-se o *Atlas Linguístico do Brasil*; (iii) os de terceira geração exibem as características das 1ª e 2ª gerações e acrescenta-se a possibilidade de audição das respostas, grupo em que se insere o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* e em que pretende figurar o *Atlas Linguístico do Brasil*.

2.5.3 As divisões dialetais

No Brasil, propostas de delimitação surgem desde final do século XIX. As principais são as de Júlio Ribeiro (1891), Rodolfo Garcia (1913) e Antenor Nascentes (1953).

A proposta de Ribeiro (1891) segue critério exclusivamente geográfico, subdividindo o país em quatro áreas:

- 1 Norte: englobando Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.
- 2 Leste: Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.
- 3 Centro: Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.
- 4 Sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A crítica realizada sobre essa divisão consiste, principalmente, no critério exclusivamente geográfico, o que fez com que localidades com aspectos muito distintos ficassem na mesma área, como São Paulo e Alagoas, por exemplo. Nascentes (1953) a considerou toda imperfeita.

A proposta de Garcia (1913) foi tida como “mais aceitável” por Nascentes (1953). Foram combinados critérios geográficos e históricos, surgindo cinco áreas:

- 1 Norte: Amazonas, Pará, Maranhão.
- 2 Norte-oriental: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.
- 3 Central-marítima: Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro.
- 4 Meridional: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
- 5 Altiplana-central: Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

A crítica feita a essa divisão é a mesma já realizada por Nascentes (1953) para a de Ribeiro: estados com características distintas fazendo parte da mesma área, como o Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na zona Central-marítima.

Na década de 1950, surge a proposta de divisão de Nascentes (1953), considerada pertinente até os dias atuais. Trata-se da revisão da proposta original do autor datada de 1922. Diversos estudos têm sido realizados a fim de confirmar ou refutar os limites estabelecidos por ele. Depois de afirmar ter realizado o desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá, fez a divisão que não considera “nem pode considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade” (p. 24).

O critério utilizado foi “a cadencia e a existencia de protonicas abertas em vocabulos que não sejam diminutivos nem adverbios em *mente*” (p. 25). Nascentes utiliza como locais de referências para sua divisão serras, nascentes e foz de rios.

Essa divisão estabeleceu dois falares, o do Norte e o do Sul, compostos por seis Subfalares, distribuídos da seguinte maneira:

1. Falar do Norte

1.1 Subfalar Amazônico: Acre, Amazonas, Pará e parte de Goiás que vai da foz do Aquiri à serra do Estrondo.

1.2 Subfalar Nordestino: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás que vai da serra do estrondo à nascente do Paraíba.

2. Falar do Sul

2.1 Subfalar Baiano: é um Subfalar intermediário, abrangendo Sergipe, Bahia, Minas (norte, nordeste, noroeste), Goiás (parte da nascente do Paraíba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar, até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrependidos).

2.2 Subfalar Fluminense: Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas Gerais (Mata e parte Leste).

2.3 Subfalar Mineiro: Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais.

2.4 Subfalar Sulista: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas –a parte sul e o triângulo – sul de Goiás e Mato Grosso.

Além dos falares anotados e definidos pelo autor, a fronteira do Mato Grosso com o Amazonas e Pará foi considerada incharacterística, pois naquela época era praticamente despovoada.

Figura 1 – Divisão dialetal de Nascentes



Fig. 5 – Divisão de Antenor Nascentes (1950)

Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700).

Zágari, em 1998 (2005)¹⁰, apresenta uma proposta de divisão dialetal, tendo como base a pesquisa realizada para o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, 1977 (EALMG). O autor explica que “A ocupação dos espaços imensos de Minas Gerais, através de três vias a que a geografia e a história deram vida, reforça e ajuda a explicar a existência de três falares no Estado”. (ZÁGARI, 2005, p. 50).

A divisão proposta é composta pelos Falares Baiano, Paulista e Mineiro, organizados da seguinte forma:

- (i) Falar Baiano: parte do Norte até a linha, no sentido Leste-Oeste, abrangendo as localidades de Mantena, Galiléia, Governador Valadares, Nacip Raydan, Água Boa, São Sebastião do Maranhão, Itamarandiba, Várzea da Palma, João Pinheiro, terminando em Paracatu. Uma das características é a predominância das vogais pretônicas baixas, como em [ɔ]rvalho e s[ɛ]reno.
- (ii) Falar Paulista: parte do sul do estado, na cidade de Passa Vinte e, passando para o Norte, engloba Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis e, na parte Oeste, abarca Vazante, passando por Bom Despacho, Dolores do Indaiá, São Gotardo, Patos de Minas e São Gonçalo do Abaeté, faz parte dessa área de falar

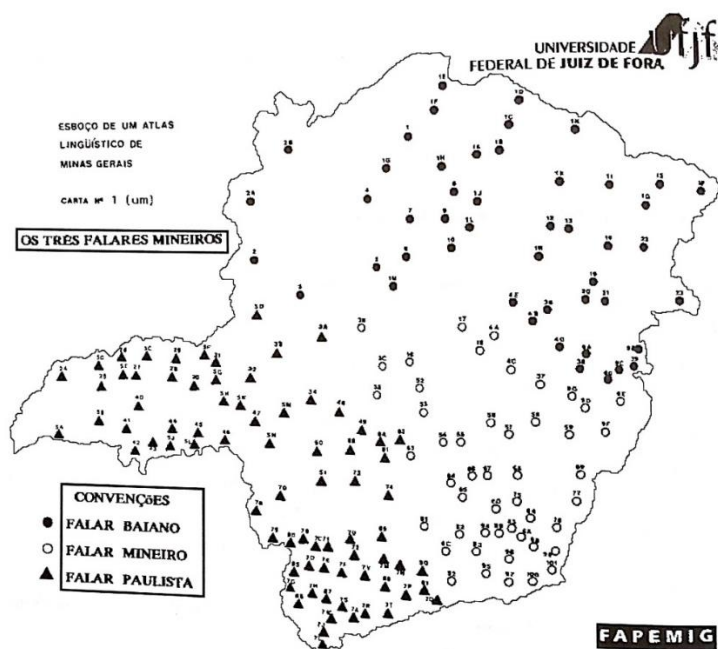
¹⁰ Para esta dissertação foi consultada a obra de 2005, uma republicação, na íntegra, da obra original de 1998.

paulista, portanto, todo o Triângulo e a região Sul do estado. A principal característica dessa área é o [r] retroflexo, também chamado de [r] caipira.

- (iii) Falar Mineiro (nomenclatura de Nascentes): está situado entre o baiano e o paulista, entretanto não possui características suficientes para fazer parte dessas. Um aspecto dessa área é monotongação de [aj], [ej] e [ow] quando não finais e a ditongação em sílabas finais, quando antecidos de sibilante, como em arro[js].

Com essa divisão, os falares de Minas Gerais se distribuíram da forma explicitada na Figura 2:

Figura 2 – Divisão dialetal feita por Zágari em 1998 (2005) do estado de Minas Gerais



Fonte: Zágari (2005, p. 64).

Ao estabelecer essa divisão e assinalar essas características, Zágari 1998 (2005) pondera a impossibilidade de considerá-las definitivas

quer por não se poder balizá-las sem entrecruzamentos, quer porque aqui e ali elas se tocam desordenadamente, quer porque o tempo mostrará que elas se movem, quer porque o que existe são fenômenos fonéticos e lexicais cuja difusão, muitas vezes ou sempre, operam de forma independente. (ZÁGARI, [1998] 2005, p. 51).

A diferença entre a divisão de Nascentes (1953) e a de Zágari (1998 [2005]) está na existência de um Falar Fluminense para Nascentes, que Zágari uniu ao que chamou de Falar Paulista.

Considerando a divisão de Zágari (1998[2005]), algumas localidades de Goiás são fronteiriças com localidades pertencentes ao Falar Baiano e ao Falar Paulista. Na descrição dos dados diatópicos, será verificado se é possível estabelecer relação entre essas localidades.

2.5.4 Os Atlas Regionais e o Atlas Linguístico do Brasil

2.5.4.1 Os Atlas Regionais

Os Atlas Regionais são importantes fontes de registro das variedades locais do país. Como foi explicitado, o anseio pela realização de um atlas que recobrisse o Brasil já era existente desde 1952, com o Decreto da Casa Ruy Barbosa. No entanto, devido à grande dificuldade que seria implementar esse feito, passaram a ser produzidos atlas regionais.

Com esse tipo de registro, é possível fazer um trabalho mais minucioso, pois, por recobrir menos localidades, o enfoque pode ser mais pormenorizado. Um atlas nacional, principalmente um atlas brasileiro, levando em conta a extensão territorial do país, não poderia ser tão minucioso, pois, para concluí-lo, seria necessário muito mais tempo.

No Quadro 2, estão expostos os atlas regionais publicados¹¹, que foi organizado segundo o critério cronológico e contém o número de pontos e breve comentário sobre o *corpus* e a metodologia utilizada.

¹¹Neste levantamento, não foram consideradas as teses.

Quadro 2 – Atlas regionais publicados

Atlas	Ano de Publicação	Autores/ Organizadores	N.º de Pontos	Outras Informações
Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)	1963	Nelson Rossi	50	Composto por 100 informantes, em geral, dois por localidade, sendo 57 mulheres e 43 homens, a maioria entre 39 e 69 anos, analfabetos ou semianalfabetos.
Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)	1977	José Ribeiro, José Passini, Antônio Gaio Mário Roberto Zágari	184	Total de 116 informantes, homens e mulheres, com idade entre 30 e 50 anos. Foram observados informantes analfabetos e de nível superior.
Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)	1984	Maria do Socorro Aragão, Cleusa Palmeira de Menezes	25 (base) 3 (satélites)	Em cada localidade foram entrevistados de 3 a 6 informantes, que foram escolhidos segundo a faixa etária, de 25 a 75 anos, sexo e escolaridade, analfabeto e alfabetizado.
Atlas Lingüístico de Paraná (ALPR)	1994	Vanderci Aguilera	65	Total de 130 informantes, distribuídos por ambos os sexos, com idade entre 27 e 62 anos e escolaridade variando entre analfabetos e primário completo.
Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)	2002	Walter Koch, Mário Klassman, Cléo Altenhofen	294	Foram inquiridos 294 informantes, com idades entre 28 e 58 anos e pouca escolaridade.

Atlas	Ano de Publicação	Autores/ Organizadores	N.º de Pontos	Outras Informações
Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA)	2004	Abdelhak Razky	10	Quarenta informantes, estratificados por sexo e faixa etária, 18 a 30 anos e 40 a 70 anos, com escolaridade até a 4ª série.
Atlas Linguístico de Sergipe II	2005	Suzana Alice Cardoso	15	De cada ponto foram selecionados dois informantes, homens e mulheres, não alfabetizados ou semianalfabetos.
Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)	2007	Dercir Oliveira	32	Total de 128 informantes, 64 homens e 64 mulheres, com escolaridade entre rudimentar ou até 4ª série do ensino fundamental incompleto.
Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE)	2010	José Rogério Bessa	70	Quatro informantes por ponto da rede, 280, no geral, com idades entre 30 e 60 anos, homens e mulheres, analfabetos e com o 1º grau completo.

2.5.4.2 O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

O ALiB surge como marco de um novo momento dos estudos dialetais. Mesmo com a existência dos atlas regionais, a criação de um atlas nacional se fazia presente pois possibilitaria uma visão mais ampliada da variação linguística do país, por meio de pesquisa utilizando o mesmo método, desde a recolha dos dados até sua análise.

Assim, em 1996, durante o seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na UFBA, é dado o primeiro passo para se chegar ao Atlas Linguístico do Brasil.

Para a realização do projeto, os pesquisadores constituíram um Comitê Nacional, responsável por gerenciar e coordenar as atividades do grupo, além de manter a unidade metodológica em todas as regiões. Para realizar essas tarefas, são feitas reuniões anuais.

Considerando a data da última reunião, que ocorreu em 2017, durante o *VI Seminário Regional de Geossociolinguística*, em Belém, faziam parte do Comitê: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso – UFBA (Diretora Presidente)¹², Jacyra Andrade Mota – UFBA (Diretora Executiva), Maria do Socorro Silva de Aragão – UFPB/UFCE (Diretora Científica), Vanderci de Andrade Aguilera – UEL (Diretora Científica), Aparecida Negri Isquerdo – UFMS (Diretora Científica), Abdelhak Razky – UFPA (Diretor Científico) e Felício Wessling Margotti – UFSC (Diretor Científico).¹³

No ano de 2016, decidiu-se convidar professores para integrar o Comitê do Projeto, na qualidade de suplente. Os professores convidados foram: Silvana Soares Costa Ribeiro (Equipe Bahia), Fabiane Cristina Altino (Equipe Paraná), Conceição de Maria de Araujo Ramos (Equipe Ceará), Marilúcia Oliveira (Equipe Pará), Regiane Coelho Pereira Reis (Equipe Mato Grosso do Sul) e Valter Romano (Equipe Santa Catarina).

Os objetivos principais definidos para a elaboração do ALiB, de acordo com Cardoso et al (2013, p. 32-33), são:

1. Descrever a realidade da língua portuguesa no Brasil, com enfoque nas diferenças diatópicas.
2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para melhor interpretação da diversidade do Brasil.

¹² A professora Suzana Cardoso, presidente do Projeto ALiB desde sua fundação, em 1996, faleceu neste ano de 2018, no dia 02 de maio.

¹³ Anterior a data aqui considerada, fizeram parte do Comitê: Mário Roberto Lobuglio Zágari – UFJF (Diretor Científico - *in memoriam*), Walter Koch – UFRGS (Diretor Científico - *in memoriam*), Ana Paula Antunes Rocha – UFOP (Diretora Científica) e Cléo Vilson Altenhofen – UFRGS (Diretor Científico).

3. Descrever a realidade linguística do português do Brasil, objetivando identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais e semânticos característicos da diferenciação ou definição da realidade linguística do território nacional.
4. Estabelecer isoglossas, com o intuito de traçar divisões dialetais.
5. Identificar, com base na análise em tempo aparente, processos de mudanças.
6. Registrar fenômenos linguísticos localizados e específicos de áreas, com o intuito de estudar suas repercussões no ensino-aprendizagem da língua materna.
7. Examinar os dados coletados considerando a interface com outras áreas do conhecimento, como a história, sociologia, antropologia e etc.
8. Oferecer um volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários; aos gramáticos, atualizarem as informações com base na realidade observada a partir das pesquisas realizadas *in loco*; aos autores de livros didáticos e professores aprofundarem o conhecimento da realidade linguística.
9. Contribuir para o entendimento da Língua Portuguesa do Brasil como diverso, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Dezoito anos depois, em 2014, durante o III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística (III CIDS), foram publicados os dois primeiros volumes, dedicados a apresentar o mapeamento realizado nas capitais do Brasil.

No volume I, parte introdutória, são exibidas passagens significativas da história da construção do Atlas Linguístico do Brasil; a metodologia seguida, bem como a rede de pontos, os questionários e os informantes.

No volume II, encontram-se os resultados das 25 capitais¹⁴ brasileiras. É composto por 159 cartas linguísticas, expondo resultados fonéticos, semântico-lexicais e morfossintáticos e 10 cartas introdutórias. Além da apresentação das cartas, são mostrados o perfil dos informantes e informações sobre a realização dos inquéritos, como os inquiridores e os auxiliares das pesquisas.

Tendo em vista a extensão do país, a rede de pontos do ALiB compreende 250 localidades, distribuídas por todas as regiões e o total de 1.100 informantes. A seleção da quantidade de pontos em cada região ocorreu levando-se em consideração aspectos demográficos e culturais, extensão da região, histórico e natureza do povoamento.

¹⁴ Foram excluídas Palmas, capital do Tocantins e o Distrito Federal, devido aos critérios adotados com relação à data de fundação, 1989 e 1961, respectivamente.

Os informantes foram estratificados por sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa I – 18 a 30 anos e faixa II – 50 a 65 anos) e escolaridade (fundamental¹⁵ e universitário). A faixa etária intermediária, que seria de 31 a 50 anos, não foi incluída por “razões operacionais, para não aumentar demasiadamente o número de informantes, dificultando a tarefa que já se apresentava onerosa.” (CARDOSO et al, p.91)

Sobre o nível de escolaridade, ressalta-se que foi observado apenas nas capitais, considerando-se para isso, oito informantes. Nas localidades do interior, por conseguinte, foram inquiridos quatro informantes.

Além desses fatores, foi traçado um perfil dos informantes, o qual era controlado por fichas. Os informantes deveriam ser nascidos na localidade investigada, da qual não poderiam ter se afastado por mais de um terço da sua vida, assim como os pais deveriam ser, preferencialmente, da mesma região linguística.

Houve casos em que os pais do informante não eram naturais da mesma área linguística¹⁶. Isso ocorreu em cidades recém-formadas com grande contingente de falantes de outras áreas. Nessas situações, decidiu-se que as respostas deveriam ser assinaladas nas cartas linguísticas, distinguindo-as das demais, atenção que possibilitará estudos futuros acerca da relação entre a naturalidade dos pais e a fala do indivíduo.

O Quadro 3 ilustra como se deu a distribuição dos informantes por localidade.

Quadro 3 – Distribuição das localidades e dos informantes do ALiB por região

Região		Nº de localidades	Nº de informantes
Norte	Capital	6	48
	Interior	18	72
Nordeste	Capital	9	72
	Interior	68	272
Centro-Oeste	Capital	3	24
	Interior	21	84
Sudeste	Capital	4	32
	Interior	75	300
Sul	Capital	3	24
	Interior	43	172
Total		250	1.100

Fonte: CARDOSO et al, 2014 a. (adaptado)

¹⁵ O curso fundamental abrange as oito primeiras séries, com preferência para aqueles com o curso fundamental incompleto. Em casos especiais, admitiu-se até o segundo grau completo, que corresponde a até 11 anos de escolaridade.

¹⁶ Os exemplos dessa situação são de informantes da faixa etária II de algumas localidades do oeste paulista, como Presidente Epitácio (ponto 161), Adamantina (ponto 162), Teodoro Sampaio (ponto 164) e Presidente Prudente (ponto 165).

Os dados foram obtidos a partir da aplicação de um questionário dividido em fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático. A esses, acrescentam-se as questões de pragmática, temas para discurso semi-dirigido, perguntas metalinguísticas e um texto para leitura.

Em relação à realização das vogais médias pretônicas, nas capitais brasileiras, a partir do *corpus* do ALiB, foram registradas maiores frequências das vogais médias fechadas, tanto entre as anteriores quanto entre as posteriores.

Registraram-se 12.394 ocorrências de vogais anteriores, das quais 8.013 (65%) se realizaram como média fechada [e] e 4.381(35%), como aberta [ɛ] e os resultados das vogais posteriores mostraram 8.828 ocorrências de vogais pretônicas[o] e [ɔ], sendo 5.992 (68%) realizadas como média fechada [o], e enquanto 2.836, como abertas [ɔ].

A distribuição das variantes, nas capitais ocorreu da seguinte forma: houve a predominância da pretônica aberta [ɛ], no Nordeste do país, e em Manaus (AM), no Norte. Nas regiões Sul e Sudeste, a vogal fechada é mais frequente, sendo categórica em São Paulo (SP). Na região Centro-Oeste, nota-se, a maior ocorrência da vogal anterior fechada, nas três capitais: Cuiabá (MT), Campo Grande (MS) e Goiânia (GO). Contudo, em Goiânia, há frequência expressiva da variante aberta.

Quanto às variantes posteriores, o Nordeste, mais uma vez, demonstrou a predominância da vogal aberta, exceto em Natal (RN), onde houve predominância do [o], e, em Fortaleza, em que os valores de [ɔ] e [o] foram próximos. O norte do país, com exceção do Rio Branco (AC), obteve maior frequência do [o], bem como o Sul e o Sudeste do país.

O próximo passo do Projeto ALiB é lançar os demais volumes, com os dados das cidades interioranas, além de outros dados das capitais.

2.6 A SOCIOLINGUÍSTICA QUANTITATIVA

A Sociolinguística já apresentava base para estudos no início do século XX com as discussões empreendidas por Meillet e Saussure, por exemplo. No entanto, é na segunda metade desse século que a ciência ganha força como área de estudo que considera a relação intrínseca entre língua e sociedade, a partir dos postulados de William Labov.

No estudo realizado na ilha de Martha's Vineyard, em 1963, sobre os ditongos /ay/ e /aw/, Labov (2008) afirma que o estudo da frequência e distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/, em diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos dentro da ilha

possibilitaria uma reconstrução da história recente dessa mudança sonora. Com essa investigação, também seria possível correlacionar o padrão linguístico com diferenças na estrutura social que agem diretamente sobre o processo linguístico.

Assim, os estudos embasados nos pressupostos da Sociolinguística passaram a ter como preocupação primordial a análise de contextos sociais que envolvem uma comunidade, em consonância com Labov, admitindo-se que

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. [...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008 [1972], p. 21)

Outro estudo importante para o estabelecimento das bases da Sociolinguística foi sobre a estratificação social do (r). O *corpus* desse trabalho foi formado a partir de entrevistas realizadas em lojas de departamento da cidade de Nova York. A hipótese era de que a pronúncia do (r) variasse de acordo com a posição social ocupada pelo falante. A classe socioeconômica foi observada a partir de três lojas, pois segundo Labov (2008, p. 66) “a ocupação de uma pessoa está intimamente relacionada a seu comportamento linguístico.”

As lojas que fizeram parte da pesquisa foram: 1) Sacks Fifth Avenue (*status* superior); 2) Macy’s (*status* médio) e 3) S. Klein (*status* inferior). As variáveis observadas foram a loja, o andar da loja, o sexo, a idade, o cargo, a raça e o sotaque (se houvesse) do informante.

Os resultados encontrados mostraram a relação direta entre o *status* social e a pronúncia do (r) e a classe média baixa apresentou um exagero no processo de hipercorreção. Esse comportamento pode ser relacionado com a diferente maneira em que ocorre a socialização linguística, para a classe média baixa é mais lenta, uma vez que não tem acesso à universidade.

Os trabalhos de Labov, como os brevemente descritos, dentre outros, permitiram a sistematização dos estudos sociolinguísticos. Assim, passou-se a ter um modelo pautado no levantamento de dados, de análises quantitativas, descrição da variável e de suas variantes, análise de fatores condicionantes e projeção histórica. O tratamento quantitativo dos dados, feito a partir de análise estatística, permite que se observe a relevância dos fatores linguísticos e sociais para a ocorrência dos fenômenos.

Com o surgimento da Sociolinguística foi possível destacar as variáveis sociais que interferem na variação linguística e a maneira de atuação diversa em cada comunidade de fala. Moreno Fernández (1998, p. 33-34) aponta que existem dois motivos pelos quais as variáveis sociais devem ser estudadas, primeiro “porque os fatores sociais atuam sobre a língua de forma

irregular”¹⁷, pois não há nada que determine que a variação de um fenômeno deva ocorrer da mesma maneira em diferentes comunidades de fala, e segundo “porque os fatores sociais não estão configurados de forma idêntica em todas as comunidades”¹⁸, uma vez que cada comunidade possui suas características históricas, físicas e culturais.

Silva-Corvalán (1988) apresenta características amplas e estritas da Sociolinguística. Segundo a autora, no sentido amplo, um estudo sociolinguístico tem relação com os fatores sociais, os quais incluem diferentes sistemas de organização de uma sociedade, como a política, a econômica, a social ou geográficas, além de fatores individuais que têm influência sobre a organização social no geral, como a idade, o sexo, o nível de escolaridade, a etnia do indivíduo e aspectos históricos.

No sentido estrito, Silva-Corvalán (1988) define a Sociolinguística como uma disciplina independente, com metodologia própria, que estuda a língua em seu contexto social e se preocupa em explicar a variação linguística e sua relação com os fatores sociais e o papel da variação nos processos de mudança linguística.

Mollica (2015) afirma que a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso, no contexto das comunidades de fala, com atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. A Sociolinguística é, em sua essência, uma ciência preocupada com o estudo sistemático da língua em uso, considerando sua heterogeneidade e os processos de variação e mudança que são inerentes a ela.

Sendo assim, as pesquisas Sociolinguísticas buscam identificar o conjunto dos fatores que condicionam a ocorrência de determinada variante em detrimento de outra. Para isso, analisam-se os fatores linguísticos combinados com as variáveis sexo, idade, escolaridade, entre outros, podendo ainda partir da avaliação do falante sobre determinada variante, verificar se é uma forma de prestígio ou não na comunidade observada, permitindo a reflexão sobre a relação entre o prestígio e o comportamento do falante.

O prestígio da variante pode determinar o grupo de falantes que a utiliza. Por exemplo, os jovens que estão ingressando no mercado de trabalho e têm mais acesso à mídia podem ser mais sensíveis ao uso da variante de prestígio.

Para estudar a diversidade linguística e compreender os processos pelos quais os fenômenos passam, é necessária a distinção de alguns aspectos, como variante *x* variável e variação *x* mudança.

¹⁷ “porque los factores sociales actúan sobre la lengua de una forma irregular” (Tradução da autora)

¹⁸ “porque los factores sociales no están configurados de forma idêntica en todas las comunidades.” (Tradução da autora)

As variantes são as diversas maneiras de se dizer o mesmo, em um mesmo contexto, sem se alterar o sentido. As variantes podem ser padrão/não padrão, conservadoras/inovadoras, estigmatizadas/de prestígio. Quanto a essa diferença do *status* que uma variante pode ter, Tarallo (1986) explica que

Em geral, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [Ø], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não padrão. (TARALLO, 1986, p.12)

Essa correspondência entre o padrão, a conservação e o estigma não acontece de maneira uniforme em todos os fenômenos, pois é possível se ter casos em que a variante inovadora é considerada a de prestígio. Pode-se considerar, no português do Brasil, a variante palatalizada do /t, d/, que, de acordo com Silva Neto (1979), é a inovadora, pois não foi trazida de Portugal, entretanto, é a variante que possui o prestígio social, como em min[t]ira/min[tʃ]ira; [d]ia/[dʒ]ia.

A variável linguística, por sua vez, é o conjunto das variantes, o fenômeno variável em questão, no caso desta dissertação, as variantes são [e o] x [ɛ ɔ], que formam a variável dependente “vogais médias em posição pretônica”, que podem ser pronunciadas ora como abertas [ɛ ɔ] ora como fechadas [e o].¹⁹

A observação da variação de um fenômeno dentro da comunidade pode apontar para duas situações, a variação estável, quando as duas coexistem sem nenhuma se sobrepôr a outra e a mudança em curso, quando uma variante passa a ser mais utilizada que a outra forma. Sabe-se que nem toda variação se torna uma mudança, no entanto, para que haja mudança pressupõe-se variação.

Para identificar a situação em que se encontra uma variante, é possível realizar a análise em tempo aparente ou em tempo real.

De acordo com Labov (1994) é possível perceber a mudança através da análise quantitativa das variáveis em diferentes faixas etárias, que passou a ser chamado de estudo em tempo aparente.

Por meio do método de análise em tempo aparente, a faixa etária permite verificar se um fenômeno se encontra em variação estável ou se apresenta uma mudança em curso, uma

¹⁹ Ainda é possível a ocorrência das variantes altas [i u], como em s[i]guro e g[u]rdura, as quais não são alvo desta pesquisa.

vez que permite observar se uma variante é mais frequente na fala de jovens ou na fala de adultos. Se a forma for mais recorrente na fala dos jovens, pode indicar a mudança em curso.

Assim, a idade dos falantes passou a ser constantemente observada nos estudos sociolinguísticos, pois “a idade condiciona a variação linguística com mais intensidade”²⁰ e “sua realidade não é alterada por mudanças socioeconômicas, de atitudes ou de organização”²¹ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998 p. 40).

Como ressaltam Campoy e Almeida (2005, p. 42), uma das vantagens do estudo em tempo aparente é o “imediatismo de seus resultados e a maior homogeneidade de planejamento e de desenvolvimento do estudo.”²² Por meio desse tipo de método não há necessidade de esperar anos para verificar o que ocorrerá com determinado fenômeno.

Sobre a observação de faixas etárias, Moreno Fernández (1998, p. 45) assinala que

O desenvolvimento da mudança, observado em determinado momento e em falantes de gerações distintas, oferece uma imagem dinâmica em tempo aparente, que permite projetar como será essa mudança no futuro, enquanto se passa o tempo real.²³ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 45)

Logo, a observação em tempo aparente permite que se faça uma projeção do que ocorrerá com o fenômeno linguístico no futuro.

No entanto, deve-se lembrar do que ressaltou Labov (1994) sobre o fato de um estudo baseado no tempo aparente poder, na verdade, ser apenas aparente, no sentido de estar representando uma gradação etária, ou seja, uma característica que se repete a cada geração.

A outra maneira de estudo é o que se faz em tempo real, em que se observa o comportamento do falante em duas ou mais épocas distintas, considerando-se ser ideal momentos que se distanciem, no mínimo, doze anos e, no máximo, 50 anos.

O tempo real pode ser de longa duração ou de curta duração. O primeiro recorre a textos escritos como maneira de mostrar as formas presentes na língua em épocas anteriores e o segundo apresenta duas perspectivas de análise, o estudo de tendência, que ocorre a partir da comparação de amostras de informantes que apresentem o mesmo perfil dos anteriormente gravados e a metodologia não deve se afastar muito da anteriormente utilizada ou do tipo

²⁰ “[...] la edad condiciona la variación lingüística con más intensidad”. (Tradução da autora)

²¹ “[...] su realidad no se ve alterada por cambios socioeconómicos, de actitudes o de organización.” (Tradução da autora)

²² “Inmediatez de sus resultados y la mayor homogeneidad de la planificación y del desarrollo del estudio” (Tradução da autora)

²³ El desarrollo del cambio, observado en un momento determinado y en hablantes de generaciones distintas, ofrece una imagen dinámica en <<tiempo aparente>> que permite proyectar cómo será ese cambio en el futuro, conforme vaya transcurriendo el <<tiempo real>>. (Tradução da autora)

painel, que compara amostras dos mesmos indivíduos em dois momentos separados por um “lapso” de tempo.

Consciente dos problemas que podem ocorrer tanto na investigação em tempo aparente quanto no estudo em tempo real, Labov (1994, p. 63) ressalta que “a combinação de evidências no tempo aparente e no tempo real é o método básico para o estudo da mudança em progresso”, mostrando que a combinação dos dois métodos seria a maneira mais eficaz de se observar a mudança em curso.

3 METODOLOGIA

O presente estudo definiu seus passos com base na Dialetologia Pluridimensional e na Sociolinguística Variacionista. Nesta seção, serão explicitadas as etapas realizadas para a concretização do trabalho e, para isso, serão descritos a amostra da pesquisa, os pressupostos da Sociolinguística quantitativa, as variáveis analisadas e o processamento estatístico dos dados a partir do *Goldvarb X*.

3.1 A AMOSTRA DA PESQUISA

A amostra é constituída de 2.460 ocorrências de vogais médias pretônicas (1.391 anteriores e 1069 posteriores) obtidas a partir da análise dos questionários Fonético-fonológico e Semântico-lexical. Foram analisados os contextos CV, CCV, CVC, CCVC como em **receber**, **trovão**, **perfume** e **prostituta**, respectivamente, apresentados, a seguir, no item 3.1.2.

O *corpus* deste trabalho faz parte do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, portanto segue a metodologia do Projeto.

3.1.1 Estratificação dos informantes

Os informantes são estratificados por sexo – Masculino e Feminino – e duas faixas etárias – Faixa I (18 a 35 anos) e Faixa II (50 a 65 anos). A seguir, encontra-se o quadro com a distribuição das variáveis sociais nos pontos estudados:

Quadro 4 – Distribuição das variáveis sociais por informante nas localidades

Faixa etária Sexo		Porangatu	São Domingos	Aruanã	Formosa	Goiás	Jataí	Catalão	Quirinópolis
		Masculino	Faixa I	1	1	1	1	1	1
	Faixa II	1	1	1	1	1	1	1	1
Feminino	Faixa I	1	1	1	1	1	1	1	1
	Faixa II	1	1	1	1	1	1	1	1
Total		4	4	4	4	4	4	4	4

No total, fizeram parte do *corpus* 32 informantes, sendo 16 homens e 16 mulheres.

A fim de ilustrar o perfil dos informantes que fizeram parte da presente amostra, foram expostos, no quadro a seguir, a idade, a escolaridade e a procedência dos pais.

Quadro 5– Perfil dos informantes entrevistados nas localidades estudadas

Localidade	N.º do informante	Idade	Nível de escolaridade (E. F.)	Naturalidade dos pais
Porangatu (GO)	1	25 anos	4ª série	Pai e mãe nascidos em Porangatu
	2	25 anos	7ª série	Mãe nascida em Patos de Minas (MG), mas cresceu em Porangatu Pai nascido em Porangatu
	3	57 anos	4ª série	Pai e mãe nascidos em Porangatu
	4	56 anos	2ª série	Mãe nascida em Pires do Rio (GO) Pai nascido em Inhumas (GO)
São Domingos (GO)	1	23 anos	6ª série	Pai e mãe nascidos em São Domingos
	2	23 anos	6ª série	Pai e mãe nascidos em São Domingos
	3	63 anos	2ª série	Pai e mãe nascidos em Santana Brejo (BA)
	4	52 anos	3ª série	Mãe nascida em São Domingos Pai nascido em São Desiderio (BA), mas chegou em São Domingos com 6 anos de idade
Aruanã (GO)	1	29 anos	5ª série	Pai e mãe nascidos em Aruanã
	2	21 anos	8ª série	Pai e mãe nascidos em Carmo do Paranaíba (MG), mas chegaram ainda bebê em Aruanã.
	3	48 anos	1ª série	Pai e mãe nascidos em Aruanã
	4	65 anos	2ª série	Pai e mãe nascidos no Norte de Goiás, mas chegaram em Aruanã ainda jovens.
Formosa (GO)	1	25 anos	8ª série	Mãe nascida em Posse (GO) e pai nascido em Damianópolis (GO)
	2	28 anos	4ª série	Pai e mãe nascidos em Formosa
	3	60 anos	1ª série	Pai e mãe nascidos em Formosa
	4	65 anos	4ª série	Pai e mãe nascidos em Formosa
Goiás (GO)	1	30 anos	4ª série	Pai e mãe nascidos em Goiás
	2	29 anos	2ª série	Pai e mãe nascidos em Goiás
	3	63 anos	4ª série	Pai e mãe nascidos em Goiás
	4	55 anos	4ª série	Pai e mãe nascidos em Goiás
Jataí (GO)	1	21 anos	7ª série	Pai e mãe nascidos em Jataí
	2	29 anos	5ª série	Pai e mãe nascidos em Jataí
	3	66 anos	4ª série	Mãe nascida em Jataí e pai nascido em Porangatu
	4	65 anos	5ª série	Mãe nascida em Rio Verde (GO) Pai nascido em Jataí
Catalão (GO)	1	28 anos	7ª série	Pai e mãe nascidos em Catalão
	2	28 anos	5ª série	Pai e mãe nascidos em Catalão
	3	56 anos	2ª série	Pai e mãe nascidos em Catalão
	4	58 anos	6ª série	Pai e mãe nascidos em Catalão
Quirinópolis (GO)	1	29 anos	x ²⁴	Pai e mãe nascidos em Solândia (PB)
	2	30 anos	4ª série	Pai e mãe nascidos em Uberlândia (MG), mas foram para Goiás há mais de 35 anos e, em Quirinópolis, há mais de 20 anos.
	3	58 anos	4ª série	Mãe nascida em Quirinópolis e pai nascido em Paranaiguara (GO)
	4	61 anos	1ª série	Pai e mãe nascidos em Quirinópolis

²⁴ A informação não consta na ficha do informante.

3.1.2 Os Questionários Fonético-Fonológico e Semântico-Lexical

O levantamento dos dados foi feito a partir de dois questionários que constituem o questionário de entrevistas do Projeto ALiB, o fonético-fonológico (QFF) e o semântico-lexical (QSL).

3.1.2.1 Questionário Fonético-Fonológico

O QFF é composto de 159 perguntas e, por estar no início do inquérito, é considerado um tipo de questionário que recolhe dados em contexto mais tenso. As perguntas dessa parte da entrevista têm o objetivo de verificar os diversos tipos de variação fonético-fonológica que podem ocorrer em vocábulos específicos, como a monotongação em “pexes” (QFF 50), a epêntese em “adevogado” (QFF 101), a variação das vogais médias pretônicas em c[o]ração, c[ɔ]ração (QFF 119).

Para ilustrar, de maneira mais completa, como foram obtidos os vocábulos utilizados na amostra da presente pesquisa, no Quadro 6, estão expostas as perguntas selecionadas para busca das variantes e as respostas obtidas por meio do Questionário Fonético-Fonológico.

Quadro 6 – Perguntas e respostas obtidas por meio do QFF

N.º	Pergunta formulada	Resposta (s) obtida (s)
02	Onde se constrói uma casa?	Terreno Loteamento
03	Como se chama aquilo (mímica), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?	Prateleira
04	Como se chama aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?	Televisão
06	Como se chama o objeto com que se corta tecido?	Tesoura
12	Como se chama aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?	Torneira
22	A carne de porco não é magra porque tem_____.	Gordura
25	A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]	Colher

N.º	Pergunta formulada	Resposta (s) obtida (s)
27	Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?	F <u>e</u> rverdo
29	Como se chama um tempero de comida que quando se está cortando se chora?	C <u>e</u> bola
30	Como se chama aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho de macarrão?	T <u>o</u> mate
36	Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai _____ (<i>mímica</i>) água dentro. [Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai _____ ovo].	B <u>o</u> tar C <u>o</u> locar
37	Qual o contrário de feio?	B <u>o</u> nito
46	Como se chama um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?	B <u>o</u> rboleta
49	Como se chama um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (<i>mímica</i>)?	E <u>l</u> efante
52	Quando se faz assim (<i>mímica</i>) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?	R <u>e</u> mando
74	Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura o corretor e faz o quê?	S <u>e</u> guro
83	Quem se elege para dirigir uma cidade?	P <u>r</u> efeito
85	O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?	C <u>o</u> lega
87	Como se chama aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?	B <u>o</u> rracha
92	Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?	P <u>e</u> rnambucano P <u>e</u> rnambuquense
94	Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?	C <u>o</u> rreio
95	De vez em quando, as lojas querem vender toda mercadoria para acabar com o estoque, às vezes para acabar até com a loja, então baixam muito os preços. O que é que elas fazem?	P <u>r</u> om <u>o</u> ção
97	No futebol, os jogadores que não jogam no ataque onde é que jogam? [Numa luta, quem não está no ataque está na _____.]	D <u>e</u> fesa/D <u>e</u> fender D <u>e</u> fende

N.º	Pergunta formulada	Resposta (s) obtida (s)
101	Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?	Advogado
102	Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a _____?	Questão
104	Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?	Inocente
107	Nas festas da igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?	Procissão
109	Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê?	Pecado
110	Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus?	Perdão
111	Como se chama aquilo que os reis colocam na cabeça (<i>mímica</i>)?	Coroa
113	Como se chama esta parte (<i>apontar</i>)?	Pescoço
119	Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?	Coração
120	Aqui (<i>mostrar</i>) é a frente, e aqui (<i>mostrar</i>)?	Coluna
123	Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?	Ferida
144	O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?	Perfume
145	Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?	Presente
147	Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um _____? Ou <i>mímica</i> .	Sorriso
148	A pessoa que não está acordada, está _____ (<i>mímica</i>)?	Dormindo
149	Como se chama isto? Assobiar	Assovio
150	Quando não se acha uma coisa, ela fica _____?	Perdida
152	Quando se quer saber uma coisa, se vai _____?	Perguntar Procurar
159	Quem não está vivo é porque já _____?	Morreu

3.1.2.2 Questionário Semântico-Lexical

O QSL é composto por 202 perguntas e é um tipo de questionário considerado menos tenso, pois, para chegar a essa parte da entrevista, o informante já respondeu muitas questões, já se passaram mais de 40 minutos de entrevista e a interação entre o inquiridor e o informante, geralmente, se torna mais natural. Essas perguntas são organizadas por campos semânticos: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempos, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuários e acessórios e vida urbana.

As perguntas desse questionário permitem respostas mais livres, pois se objetiva verificar a variação lexical e os contextos de usos, a exemplo de formas para designar o “osso redondo que fica na frente do joelho”, podendo obter *rótula*, *redondo*, *bolacha* e outras (QSL 117).

No Quadro 7, seguem as perguntas selecionadas e as respostas obtidas por meio do Questionário Semântico Lexical.

Quadro 7 – Perguntas e respostas obtidas por meio do QSL

N.º	Pergunta formulada	Resposta (s) obtida (s)
04	Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isso?	Redemoinho Rebojo
07	Como se chama o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?	Redemoinho
08	Como se chama um clarão que surge no céu em dias de chuva?	Relâmpago
10	Como se chama o barulho forte que se escuta logo depois de um ____? (cf. item 9) ²⁵	Trovão/ Trovoada
11	Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente?	Tempestade Temporal Temporana
12	Existem outros nomes para ____? (Cf. item 11)	Tempestade Temporal/ Temporana

²⁵ De acordo com as convenções estabelecidas pelo Projeto ALiB, o itálico figura remissões a itens anteriores. Nesse caso, há uma remissão à resposta obtida no item 09 “Como se chama uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?”

N.º	Pergunta formulada	Resposta (s) obtida (s)
20	De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como se chamam aquilo que molha a grama?	S <u>er</u> eno
21	Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como se chamam isso?	N <u>eb</u> lina
22	Como se chama a parte do dia quando começa a clarear?	Aman <u>h</u> ecer
28	Como se chama o começo da noite?	Ano <u>it</u> ecer
33	Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como se chamam esta banda ou faixa?	Constela <u>ç</u> ão
34	Quais são os meses do ano?	F <u>e</u> vereiro S <u>e</u> tembro N <u>o</u> vembro D <u>e</u> zembro
39	Como se chamam as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são? <i>Pedir para descrever, para apurar as diferenças entre as designações citadas pelo informante.</i>	Tanger <u>in</u> a
41	Como se chamam umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar? <i>Mostrar</i>	Cam <u>o</u> mila
47	Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?	So <u>q</u> ueira
54	Como se chama a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca?	For <u>q</u> uilha
59	Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?	Bor <u>r</u> ego
60	Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?	P <u>e</u> rdeu

N.º	Pergunta formulada	Resposta (s) obtida (s)
63	Como se chama o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?	V <u>e</u> reda
65	Como se chama o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?	C <u>o</u> libri
67	Como se chama a ave e criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?	C <u>o</u> car
70	Como se chama um cachorro de rabo cortado?	C <u>o</u> tó
83	Como se chama um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?	V <u>a</u> rejeira
86	Como se chama aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?	C <u>o</u> ró
87	Como se chama aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?	C <u>o</u> ró
88	Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? <i>Imitar zumbido.</i>	P <u>e</u> rnilongo
89	Como se chama esta parte que cobre o olho? <i>Apontar.</i>	P <u>e</u> stana
94	Como se chama a bolinha que nasce na ____ (<i>cf. item 89</i>), fica vermelho e incha?	T <u>e</u> rçol
99	Como se chamam esses dentes grandes no fundo da boa, vizinhos dos ____ (<i>cf. item 98</i>) ²⁶ ? <i>Apontar.</i>	M <u>o</u> lar
102	Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?	M <u>e</u> leca
103	Como se chama este barulhinho que se faz? <i>Soluçar.</i>	S <u>o</u> luço
107	Como se chama a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim? (Mímica)	C <u>o</u> rcunda (o)
114	Como se chama a pessoa que não tem uma perna?	D <u>e</u> ficiente
117	Como se chama o osso redondo que fica na frente do joelho?	B <u>o</u> lacha R <u>o</u> dela
118	Como se chama isto? <i>Apontar.</i>	T <u>o</u> rnozelo
122	Numa certa idade acaba a/o ____ (<i>cf. item 121</i>). ²⁷ Quando isso acontece, se diz que a mulher _____.	M <u>e</u> nopausa

²⁶ QSL 098 “Como se chamam os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?”

²⁷ QSL 121 “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”

N.º	Pergunta formulada	Resposta (s) obtida (s)
126	Quando uma mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve_____.	Ab <u>o</u> rtou
127	Quando uma mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela_____?	Per <u>d</u> eu
130	Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?	Ad <u>o</u> tivo Ad <u>o</u> tado
135	Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?	Fale <u>c</u> ido
136	Como se chama a pessoa que fala demais?	Fofo <u>q</u> ueira
138	Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?	Miserá <u>v</u> el So <u>v</u> ina
140	Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?	Pisto <u>l</u> eiro
142	Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?	Pro <u>s</u> tituta
147	Deus está no céu e no inferno está_____.	Dem <u>ô</u> nio
150	Como se chama o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?	Ferrol <u>h</u> o Ferrad <u>u</u> ra C <u>o</u> rdão Defumad <u>o</u> r
151	Como se chama uma mulher que tira mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?	Re <u>z</u> adeira Benze <u>d</u> eira
152	Como se chama a pessoa que trata doenças através de ervas e plantas?	Benze <u>d</u> eira
153	Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?	Me <u>d</u> alha Co <u>l</u> ar Co <u>r</u> rente Ro <u>s</u> ário Ve <u>r</u> ônica
154	No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como se chama isso?	Pre <u>s</u> épio
156	Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?	Bol <u>i</u> ta

N.º	Pergunta formulada	Resposta (s) obtida (s)
157	Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (<i>mímica</i>), que os meninos usam para matar passarinho?	B <u>o</u> doque
169	Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade?	V <u>e</u> ne <u>z</u> iana
172	Como se chama a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?	B <u>o</u> rralho
175	Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?	I <u>n</u> terruptor A <u>c</u> endedor T <u>o</u> mada
177	Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?	G <u>e</u> leia
183	Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou _____.	R <u>e</u> pu <u>n</u> dando
184	Como se chama uma pessoa que normalmente come demais?	C <u>o</u> milão C <u>o</u> medor
185	Como se chama aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? <i>Mostrar. PEDIR PARA DESCRIVER.</i>	(Balinha de) M <u>o</u> rango
194	Na cidade o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?	S <u>e</u> máforo
198	Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?	R <u>o</u> tatória R <u>e</u> torno R <u>e</u> dondo
199	Como se chama a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?	T <u>e</u> rreno
200	Como se chama a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?	C <u>o</u> l <u>e</u> tivo
201	Como se chama a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?	C <u>o</u> l <u>e</u> tivo
202	Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber __ (<i>cf. item182</i>) ²⁸ e onde também se pode comprar alguma outra coisa?	M <u>e</u> rcearia

²⁸ QSL 182 “Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar? ”

Os exemplos de (01) a (04) ilustram os vocábulos obtidos por meio dos inquiridos trabalhados.

(01) INQ.: “Como se chama aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?”

(cf. Comitê... 2001, p. 8)

INF.: Tornera. [tofi'nɛra].

(QFF 12. Inq. 122/04 (Goiás) / Inf.: mulher, faixa II.)

(02) INQ.: “Como se chama quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, quem vem embrulhado?” (cf. Comitê... 2001, p. 18)

INF.: Presente. [pre'zẽtʃi]

(QFF 145. Inq.118/01 (Porangatu) / Inf.: homem, faixa I)

(03) INQ.: “Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chama isso?” (cf. Comitê... 2001, p. 22)

INF.: Neblina. É, tá neblinado. [ne'blinɐ] [nebli'nadu]

INQ.: Conhece por outro nome aqui?

INF.: Nevuero, uns falam... [nevu'ɛru]

INQ.: E você fala como?

INF.: Neblina. [ne'blinɐ]

(QSL 21. Inq.121/02 (Formosa) / Inf.: mulher, faixa I)

(04) INQ.: “Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? (Imitar o zumbido)” (cf. Comitê... 2001, p. 28)

INF.: Muriçoca ... ou pernilongo. [pɛfɪn'i'lõgu]

INQ.: Tem diferença entre os dois?

INF.: Ah... muriçoca...

INQ.: A muriçoca é o mesmo pernilongo?

INF.: Não... a muriçoca é... é... bem dizê ela é urbano... e o pernilongo [pɛfɪn'i'lõgu] é ru... é da zona rural... mais de beira de rio...

(QSL 88. Inq. 124/03 (Jataí) / Inf.: homem, faixa II)

Como exposto anteriormente e observável por meio do exemplo (03), as perguntas do QSL dão margem à obtenção de um número imprevisto de vocábulos a considerar. É possível que por meio de uma pergunta ocorram mais de uma resposta com vocábulos para estudo, neste caso: “neblina”, “neblinado” e “nevueiro”.

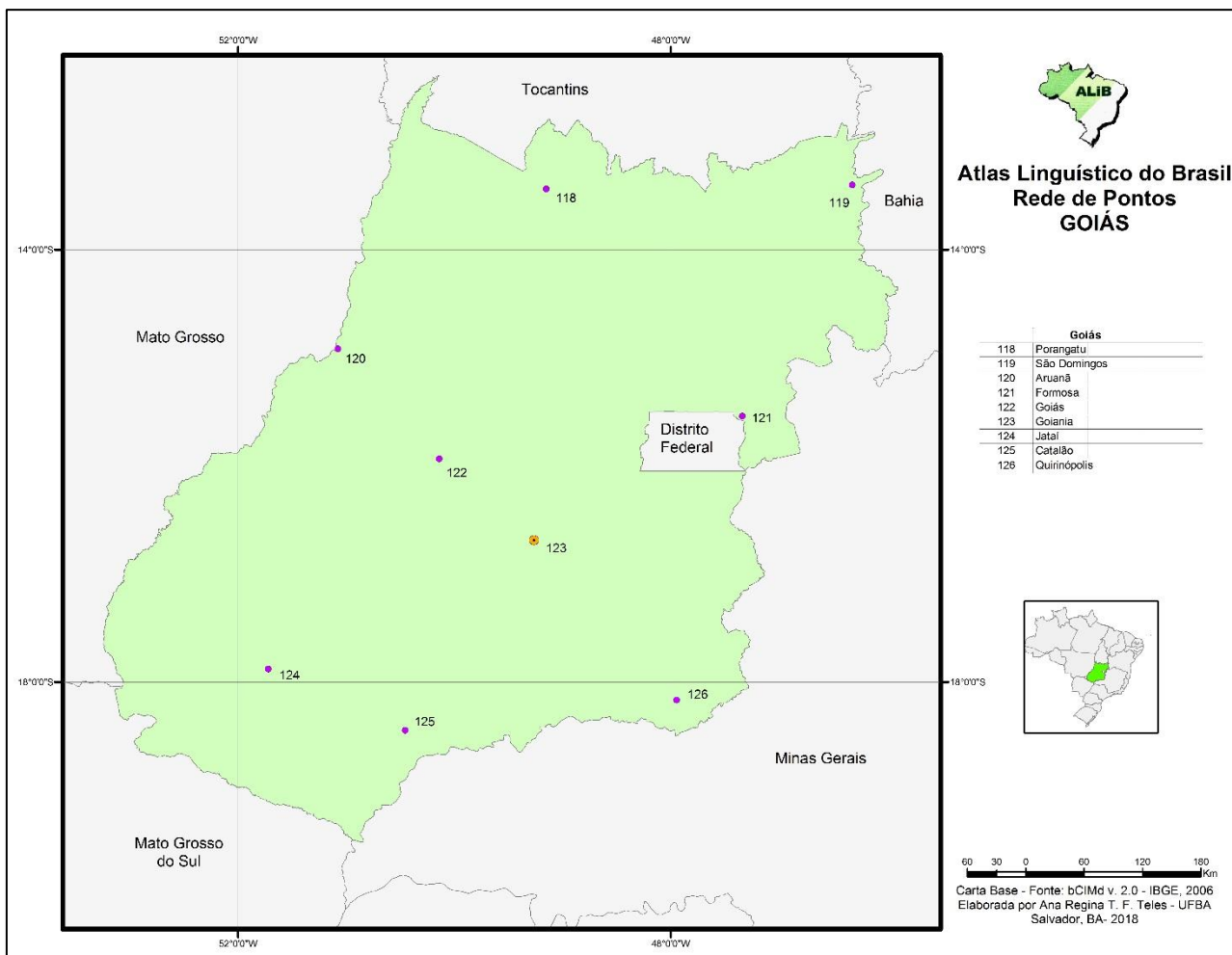
3.1.3 As Localidades analisadas

A amostra foi composta por oito localidades interioranas do estado de Goiás que fazem parte da rede de pontos do ALiB. São os pontos 118. Porangatu; 119. São Domingos; 120. Aruanã; 121. Formosa; 122. Goiás; 124. Jataí; 125. Catalão e 126. Quirinópolis. O ponto 123 é a capital, Goiânia, que não fez parte da análise por não ser o propósito do trabalho investigar a capital. Ademais, os resultados referentes a essa já se encontram nos volumes 1 e 2 do ALiB, publicados em 2014.

Os critérios que nortearam a escolha desta amostra foram os poucos estudos voltados para a análise do fenômeno nessa região e as características do estado de Goiás, como um estado constituído por migrações de povos de diferentes regiões do Brasil.

Como explicitado anteriormente, a rede de pontos é composta por oito localidades interioranas do estado goiano, dispostos como mostra a figura a seguir.

Figura 3 – Rede de pontos do ALiB, no estado de Goiás



Nos próximos parágrafos será feita uma breve apresentação do estado, abordando características de sua população, a criação de Brasília, a separação da parte Norte, criando o estado de Tocantins, o perfil migrante de sua população e das localidades que compõe a rede de pontos, considerando a fundação e outros aspectos relevantes.

As informações sobre o estado são embasadas nos dados fornecidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e nos trabalhos de NETO (2009) e RODRIGUES (2008).

O estado de Goiás

Goiás é o estado mais populoso da região Centro-Oeste do Brasil, com densidade demográfica de 17,65 habitantes por km², possuindo 246 municípios, população de 340.106,492 e o bioma predominante é o cerrado. As fronteiras do estado são compartilhadas com cinco estados do país: Mato Grosso do Sul, Mato Grosso (na Região Centro-Oeste), Tocantins (na Região Norte), Bahia (na Região Nordeste), Minas Gerais (na Região Sudeste), e Brasília, capital do país, que fica localizada, no Distrito Federal.

Sua história é composta por diversas transformações sociais, econômicas e políticas, o estado teve de se reconstruir e adaptar às mudanças que lhe foram impostas, desde a alteração da principal fonte econômica do ouro para a agricultura, perpassando pela transferência da capital do país para seu espaço, em 1960, até o desmembramento em dois, Goiás e Tocantins, em 1988.

A formação do estado começa com a descoberta das primeiras minas de ouro, nos séculos XVII e XVIII, iniciada com a chegada dos bandeirantes, vindos de São Paulo em 1727. O povoamento, portanto, coincide com o ciclo do ouro. O bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, é considerado o descobridor de Goiás, pois foi o primeiro a se fixar no estado.

Um dos principais momentos para mudança de perspectiva da população foi a transferência da capital do país para o estado. Entre 1956 e 1960 foi construído o Distrito Federal, trazendo mudanças para todo Centro-Oeste do Brasil e expectativas para a região, principalmente para o estado de Goiás. Com a atenção voltada para essa área, havia esperança de desenvolvimento social, cultural e econômico para a região ainda tão pouco povoada. No entanto, o progresso não ocorreu da maneira esperada, o historiador Oliveira Neto explica que

uma rápida mistura de culturas mudou radicalmente a pacata vida dos sertanejos goianos, que esperavam por um desenvolvimento que trouxesse progressos e modernidade que lhes permitissem melhores condições de vida. [...] Pessoas vinham de todos os cantos do Brasil, visando dias melhores se alojavam nas cidades do entorno, espalhando uma zona de pobreza na região. (OLIVEIRA NETO, p. 132 e 133)

O estado recebeu pessoas de muitas regiões do país, a maioria pertencente à classe baixa, que foram para aquela região em busca de melhores condições de vida. O excedente de pessoas em busca de emprego levou à criação de novas áreas de trabalho no setor agrícola, agropecuário e indústria extrativa. Além disso, criaram-se setores em que “o subemprego tornou-se inevitável, dando origem a um ‘subproletariado marginal urbano’”. (OLIVEIRA NETO, p. 23)

Outro marco significativo para a história de Goiás foi a cisão das partes Norte e Sul do estado. Para compreender os motivos que impulsionaram o desmembramento, é importante conhecer alguns aspectos relevantes da história do estado.

Apesar de ter sido construída a partir da mineração, da busca do ouro pelos bandeirantes, foram a pecuária e a agricultura as responsáveis pelo seu crescimento e desenvolvimento. No século XVIII, as minas de ouro não eram tão produtivas como antes, fazendo o estado entrar em uma situação de decadência, pois muitas pessoas que foram em busca desse metal passaram a procurar outras regiões do país.

Durante a transição desse novo momento econômico do estado, houve relutância em considerar a agricultura como meio de subsistência, mas se não fosse o trabalho com a terra e com o gado, Goiás seria completamente abandonado pelos seus moradores. Entretanto, a aceitação da agricultura e da pecuária como as novas formas de sustento daquela população transformou o território muito produtivo nessas duas áreas. Neto (2009) chega a considerar que

A verdadeira vocação social e econômica dos goianos e do seu imenso território não era cavoucar a terra à procura do ouro incerto, mas nela plantar e criar para produzir alimentos, nem que fosse para a subsistência das pessoas. [...] os que aqui [Goiás] permaneceram souberam reencontrar o leito natural de sua história e de sua vocação social e econômica: ser vaqueiro e lavrador. (NETO, 2009, p. 25)

A população goiana foi formada a partir de diversos fluxos migratórios, com povos de lugares diferentes do país. Com isso, devido à diversidade da ocupação do Norte e do Sul do estado, essas regiões passaram a apresentar características distintas, resultando, em 1988, na separação da parte norte do país, originando o estado de Tocantins.

A parte Sul do estado teve sua ocupação realizada por imigrantes paulistas, enquanto na parte Norte houve uma ocupação oriunda das regiões norte e nordeste do país, principalmente

de Belém (capitania Grão-Pará). O estado permaneceu com a mesma configuração de 1727 a 1988.

A diversidade na constituição do estado favoreceu as diversas ações e manifestações em prol da emancipação do norte de Goiás, no entanto, somente em 1988, houve a separação. O início da concretização desse feito foi o ano de 1890, quando houve a publicação do Alvará de 18 de março, dividindo a Capitania de Goiás em duas comarcas, a comarca sul e a comarca norte. Rodrigues (2008) enfatiza que esse marco não implica afirmar que antes não tivesse acontecido ações a favor da emancipação do norte do estado. O autor considera que os curraleiros nordestinos deram início ao movimento separatista, com a instalação da Comarca de Palas, em 1809. De 1821 a 1824 surge um outro governo separatista, organizado pelos criadores de Gado.

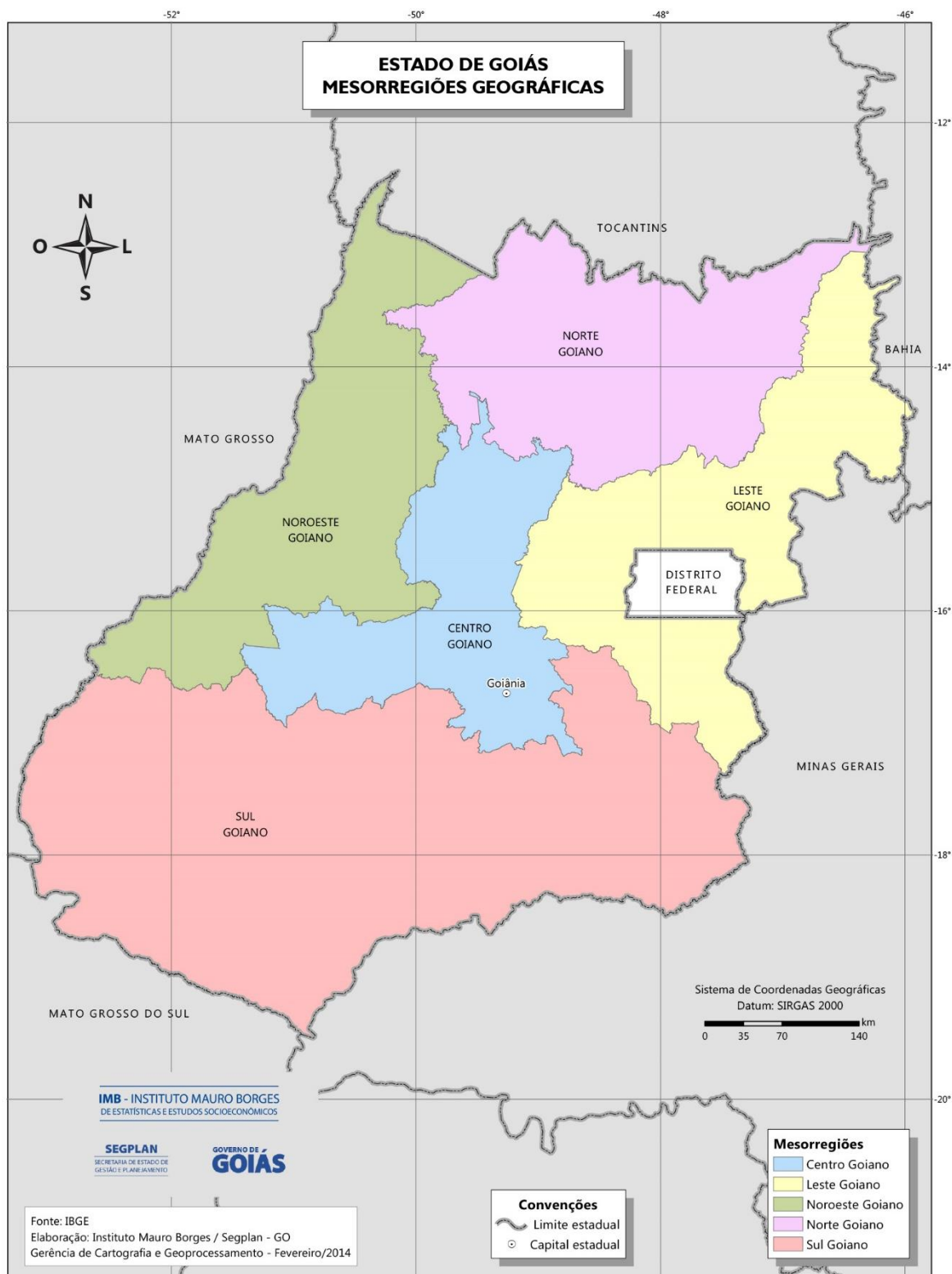
Revelando ser inevitável a separação do estado em dois, Silva (1996 *apud* Rodrigues, 2008, p.41) afirma que “[...] desde os primórdios do desbravamento e povoamento destas ribeiras, sempre existiram dois Goiás: o Sul, colonizado pelos paulistas e o Norte, colonizado pelo vaqueiro e dono de curral, vindos do Nordeste brasileiro”.

Figura 4 – Goiás, em 1957, antes da divisão em Goiás e Tocantins



Fonte: Ferreira (1957). Enciclopédia dos municípios brasileiros, p. 33.

Figura 5 – Configuração atual do estado de Goiás



Fonte: Instituto Mauro Borges de estatísticas e estudos socioeconômicos (IMB)

A diversidade migratória do referido estado foi explicitada por pesquisa realizada pelo Instituto Mauro Borges Estatísticas e Estudos Socioeconômicos da Secretaria de Gestão e

Planejamento, a qual demonstrou que Goiás possui mais de 27% de pessoas nascidas em outros estados, correspondendo a mais de um milhão de indivíduos.

Na Figura 6, que traz uma tabela populacional elaborada pelo Instituto Mauro Borges Estatísticas e Estudos Socioeconômicos de Goiás, vê-se que 72,9% da população do estado de Goiás nasceu no próprio estado e dos 27% advindos de outros lugares, 5,1% nasceram em Minas Gerais, 3,9% no Distrito Federal, 3,7% na Bahia, 2,7% no Maranhão, 1,8% no Tocantins, 1,5% em São Paulo e no Piauí, 1,2% no Ceará e 5,7% em outros estados com números menos expressivos de migração. Esses números atuais confirmam o aspecto diverso de migração que caracteriza o estado desde a sua formação.

Figura 6 – População de Goiás por localidade de nascimento

Estado	Total	%
Goiás	4.349.089	72,9
Minas Gerais	302.813	5,1
Distrito Federal	234.718	3,9
Bahia	218.329	3,7
Maranhão	161.712	2,7
Tocantins	107.842	1,8
São Paulo	92.336	1,5
Piauí	89.628	1,5
Ceará	69.124	1,2
Outros	342.607	5,7

Fonte: Censo de 2010. Elaborado pelo Instituto Mauro Borges Estatísticas e Estudos Socioeconômicos.

A seguir, como se demonstra por meio do Quadro 8, encontram-se as informações geográficas e sociais (matrículas no ensino médio) sobre as localidades investigadas. É importante destacar que a constituição histórica de algumas dessas localidades e a data de fundação não são claras, pois há muitas lendas sobre como essas cidades foram formadas, o que se confunde, muitas vezes, com a história. As informações aqui utilizadas foram recolhidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

É importante destacar que há dois Projetos de Lei na Câmara dos Deputados (PLC 5/2018 e PLC 7/2018) que apontam a criação de duas universidades federais em Jataí e Catalão, a partir do desmembramento da Universidade Federal de Goiás, única universidade federal do estado. Segundo a ementa, o objetivo é ampliar a oferta de ensino superior nas áreas interioranas.

Quadro 8 – Características geográficas e sociais das localidades interioranas de Goiás

Localidade	População (2010)	Densidade Demográfica Km ² (2010)	Extensão territorial (2016)	Matriculas no ensino médio (2015)
Porangatu	42.355	8,79	4.820,524 km ²	1.738
São Domingos	11.272	3,42	3.295,740 km ²	372
Aruanã	7.496	2,46	3.055,292 km ²	268
Formosa	100.085	17,22	5.811,788 km ²	4.598
Goiás	24.727	7,96	3.108,019 km ² .	1.059
Jataí	86.006	12,27	7.174,225 km ²	3.344
Catalão	86.646	22,66	3.821,463 Km ²	3.612
Quirinópolis	48.508	11,41	3.789,084 km ²	1.404

Fonte: IBGE (adaptação realizada pela autora da dissertação)

Por ser uma área constituída por povos diferentes em cada momento de sua história, pode-se pensar que essa situação a tenha tornado uma área de transição em relação à pretônica, apresentando características próximas tanto do sul e sudeste quanto do norte e nordeste do país.

Acredita-se que um estudo sistemático analisando, além de fatores linguísticos e diatópicos, os sociais poderá fornecer uma visão mais ampla da variação das vogais médias no Brasil, uma vez que há escassez de estudos nessa área, se compararmos com regiões como o Nordeste, Sudeste e Sul do país.

Porangatu (Ponto 118 do ALiB)

Figura 7 – Igreja Matriz



Fonte: Disponível em: <<http://www.visiteobrasil.com.br/centro-oeste/goias/atrativos/porangatu>>. Acesso em: 04 ago. 2018

As informações históricas sobre essa localidade restringem-se a poucos elementos, como os primeiros habitantes e a época em que ocorreu o povoamento. Considera-se que os primeiros habitantes dessa cidade foram índios da tribo dos canoeiros. O povoamento da região ocorreu com a descoberta do ouro, no século XVIII, esse novo núcleo foi chamado de Descoberto e, somente em 1943, passou a denominar-se Porangatu, que em tupi significa paisagem bela. A emancipação da cidade se deu em 1948.

A criação da rodovia BR-153 (Belém - Brasília), em 1958, aumentou a influência do município na região.

São Domingos (Ponto 119 do ALiB)

Figura 8 – Orla de São Domingos



Fonte: Disponível em: <<https://www.ferias.tur.br/fotos/2320/sao-domingos-go.html>>. Acesso em: 04 ago. 2018

São Domingos surgiu como povoado em fins do século XVII e início do século XVIII. Os primeiros colonizadores foram os irmãos portugueses, Domingos e José Valente, vindos de Salvador - Bahia em busca de ouro. Acredita-se que a região foi ocupada, primeiramente, por criadores de gado, que chegaram ao local em busca de animais que fugiam dos currais localizados em fazendas próximas ao Rio São Francisco, em busca da vasta alimentação existente nas planícies às margens do Vão Paranã (microrregião do estado)²⁹. No entanto, esses criadores nunca chegaram a fundar um centro urbano. Assim, a região em que se localiza o município, entre os rios São Francisco e o rio Paranã (rio Tocantins), passou por um processo de ocupação diferente do ocorrido em outras partes de Goiás.

²⁹ Microrregião do estado composta por 12 municípios, dentre eles, São Domingos. Do total da população, segundo censo do IBGE, 64,3% vive em área urbana e 35,7% em área rural. Os demais municípios que compõem a microrregião são: Alvorada do Norte, Buritinópolis, Damianópolis, Divinópolis de Goiás, Flores de Goiás, Guarani de Goiás, Iaciara, Mambáí, Posse, Simolândia e Sítio D'Abadia.

A primeira escola do povoado foi construída pelos padres jesuítas. A cidade possui alguns símbolos marcantes, como o prédio do Seminário da cidade, construído em 1937, e a Igreja da Matriz de São Domingos (construída, provavelmente, em 1907), situada na parte antiga da cidade.

Aruanã (Ponto 120 do Projeto ALiB)

Figura 9 – Rio Araguaia



Fonte: Disponível em: <<http://www.abaaruana.com.br/aruana/>>. Acesso em: 04 ago. 2018

A cidade de Aruanã foi formada a partir da criação do presídio Leopoldina próximo à aldeia indígena Karajá, em 1849. Esse presídio foi destruído pela tribo dos Karajá, mas, três anos depois foi reconstruído, facilitando, assim, a formação de um povoado naquele local. Esse povoado tornou-se um distrito em 1875, devido à criação da Comarca do Araguaia, chamando-se Santa Leopoldina. Essa era uma área considerada isolada.

Apenas em 1958, foi concedida a emancipação política do distrito, passando a chamar-se Aruanã, nome de um peixe abundante na região. Aruanã é também o nome de uma dança sagrada dos Karajá.

Formosa (Ponto 121 do Projeto ALiB)

Figura 10 – Catedral de Formosa



Fonte: Disponível em:<<https://viagemeturismo.abril.com.br/formosa/>>. Acesso em: 04 ago. 2018

Formosa foi criada na segunda metade do século XVII, a partir de uma divisão da cidade de Luziânia (à época ainda era também um arraial), chamando-se, inicialmente, Arraial de Couros. De acordo com o IBGE, as primeiras casas foram erguidas por negros fugindo da febre amarela, que estaria dizimando os moradores de um outro Arraial, o de Santo Antônio do Itiquira, na barra do rio Itiquira com o rio Paranã.

A instalação da Estação Fiscal de Registro da Lagoa Feia, em 1736, foi um marco histórico para a cidade, pois o rei de Portugal temia o término do ouro e, por consequência, o não pagamento dos tributos.

Em 1843, o arraial foi elevado à categoria de vila e, pela primeira vez, utilizou-se o nome Formosa, em Vila Formosa da Imperatriz, e, em 1844, o município de Formosa foi instalado.

Goiás (Ponto 122 do Projeto ALiB)

Figura 11 – Rio Vermelho³⁰



Fonte: Disponível em: < <https://viagemeturismo.abril.com.br/goias/>>. Acesso em: 04 ago. 2018

Bartolomeu Filho fundou, em 1726, o arraial da Barra, hoje Buenolândia, e no ano seguinte, os de Ouro Fino, Ferreiro e Santana, originando-se deste último a atual cidade de Goiás.

³⁰ Local onde a vila foi fundada. À esquerda está a Casa de Cora Coralina, famosa escritora Goiana.

No IBGE, encontra-se a informação de que

O distrito e freguesia foram criados em 1729, com a denominação de Santana de Goiás. Por fora da Carta regia datada de 11 de fevereiro de 1736, foi criado o Município, que recebeu o nome de vila Boa de Goiás, instalado em 25 de julho de 1739. Em 8 de novembro de 1744, recebeu qualidade de sede administrativa da Capitania de Goiás, por fora do Alvará que a criou. A sede municipal coube foros de cidade, e o topônimo do Município foi simplificado para Goiás, por efeito da Carta de lei de 17 de setembro de 1818. Perdeu a qualidade de sede de governo em obediência ao Decreto estadual n.º 1 816, de 23 de março de 1937, que oficializou a transferência da Capital do Estado para Goiânia. (IBGE, 2018)

Essa nova cidade foi sede administrativa da Capitania e do Estado de Goiás, no período de 1744 até 1937, quando houve a transferência oficial da Capital estadual para Goiânia, até os dias atuais.

Jataí (Ponto 124 do Projeto ALiB)

Figura 12 – Parque Juscelino Kubitschek



Fonte: Disponível em:< <http://mochileiro.tur.br/jatai.html>>. Acesso em: 04 ago. 2018

A cidade de Jataí foi formada na fase da expansão do gado que se estendeu de Minas Gerais a Goiás e Mato Grosso. A povoação da região, inicialmente chamada de Paraíso, se deu a partir de terreno doado por Francisco Joaquim Vilela e sua mulher Genoveva Maximina Vilela.

Em 17 de agosto de 1864, passou a chamar-se Paraíso de Jataí, por influência da Capela do Divino Espírito Santo de Jataí que passou a ser considerada freguesia, e já em 2 de fevereiro de 1885 recebeu o nome de Jataí.

Catalão (Ponto 125 do Projeto ALiB)

Figura 13 – Museu Cornélio Ramos



Fonte: Disponível em:< <https://www.skyscrapercity.com/showthread>>. Acesso em: 04 ago. 2018

A história dessa cidade confunde-se com lendas, não sendo possível estabelecer a data de sua fundação. Se afirma que, por volta de 1722 ou 1723, membros da comitiva do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva (filho), da qual faziam parte homens de armas, cavaleiros e religiosos, fizeram uma roça nas paragens onde está hoje situada a cidade.

Acredita-se que a data do início do povoado é 1936, sendo elevado a vila somente em 1835. Durante esse período, Catalão era apenas um “pouso de bandeirantes”.

Quirinópolis (Ponto 126 do Projeto ALiB)³¹

Figura 14 – Vista aérea de Quirinópolis



Fonte: Disponível em:< <https://www.ferias.tur.br/fotos/2293/quirinopolis-go.html> >. Acesso em: 04 ago. 2018

³¹ Neste ponto foi realizada a primeira entrevista do ALiB.

Os primeiros exploradores chegaram em 1832. Em 1843, José Vicente de Lima e José Ferreira de Jesus doaram uma faixa de terra à Igreja Católica, originando o povoado de Abadia do Paranaíba, recebendo posteriormente o nome de Nossa Senhora D'Abadia.

José Quirino Cardoso, em 1910, construiu a atual Velha Matriz, com o auxílio do povoado; o nome da cidade, Quirinópolis, surgiu a partir do seu sobrenome. O povoado se tornou cidade em 1943, separando-se do município de Rio Verde.

3.2 AS VARIÁVEIS

Na pesquisa Sociolinguística, é necessário estabelecer as variáveis dependentes e independentes que serão investigadas. Entende-se por variável dependente “as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável” (MOLLICA, 2015, p. 10), ou seja, são as diversas maneiras de utilização de uma forma linguística, que se equivalem e possuem o mesmo valor semântico. Essas possibilidades são denominadas variantes.

Seguem as variáveis dependentes e as possíveis realizações investigadas no presente trabalho:

Quadro 9 – Distribuição das variantes para o fenômeno das vogais médias pretônicas³²

Variável dependente	Variantes			
	Médias fechadas	Exemplo	Médias abertas	Exemplo
Vogais médias anteriores	[e]	col[e]tivo	[ɛ]	col[ɛ]tivo
Vogais média posteriores	[o]	b[o]rralho.	[ɔ]	b[ɔ]rralho

Consideraram-se as variantes fechadas como as que detêm o maior prestígio, por serem as recorrentes no sul e sudeste, regiões vistas como referência econômica e social para o restante do país e ainda por serem as veiculadas nas mídias. Silva (1989) e Maia (1986) consideravam essa hipótese para explicar o uso das vogais médias fechadas nas variedades de Salvador (BA) e de Natal (RN), respectivamente.

Para explicar as vogais fechadas no dialeto de Salvador, Silva (1989, p. 37) afirma que

“A hipótese explicativa para esses dados é a de que essa regra tenha se introduzido no dialeto de Salvador – e em outros falares do Norte – como um traço de prestígio, cuja origem é a cidade do Rio de Janeiro, antiga capital brasileira, e até hoje foco de difusão de hábitos culturais” (SILVA, 1989, p.37)

³² Enfatiza-se que o recorte realizado no presente estudo não contempla as variantes altas [i] e [u].

Acredita-se que na variação entre as médias não haja estigma social tão acentuado quanto o encontrado em outros fenômenos, como a iotização do –lh (palha > pa[j]a). No entanto, o uso recorrente das variantes fechadas nos centros sulistas pode agir na fala dos indivíduos. Seguindo esse critério, analisou-se o fenômeno em função das variantes médias fechadas.

Para verificar, de maneira mais segura, o prestígio social das variantes, seria necessário um estudo voltado para a percepção que os falantes têm sobre as vogais.

Variáveis independentes

As variáveis independentes ou grupo de fatores permitem conferir se aspectos internos ou externos à língua exercem influência sobre os usos, aumentando ou diminuindo a frequência das ocorrências.

As variáveis independentes utilizadas neste estudo foram definidas durante o período de pesquisa de Iniciação Científica da autora (2014-2016), realizada no Projeto ALiB. A partir das experiências dos trabalhos anteriores, notou-se a necessidade de se fazerem ajustes para que os resultados conseguissem explicitar, de maneira mais clara, os condicionamentos exercidos pelas variáveis.

A partir dessa adequação, realizaram-se testes no programa *Goldvarb X*, até chegar-se à chave de codificação com onze variáveis independentes, sendo duas de natureza social, sexo e faixa etária; uma linguística-discursiva, tipo de questionário; uma diatópica, localidade do informante e sete linguísticas.

As variáveis sociais

Como ficou evidenciado, com o avanço dos estudos dialetais, amparados pelo método da Sociolinguística, o estudo dos contextos sociais passou a ser imprescindível em trabalhos dessa natureza. Desde os estudos pioneiros de Labov, entende-se que

Não existe a variação livre como tal, sem a variação social e/ou contextualmente condicionada, em que cada variante deve ser descrita em termos de frequência de uso, atendendo tanto a fatores sociais inatos (sexo, grupo geracional, raça, etnia, grupo social, etc.) como adquiridos (nível socioeconômico, nível de formação educacional, etc.) e/ou contextuais (situações e estilos) (CAMPOY E ALMEIDA, 2005, p. 38)³³

³³ No existe la ‘variación libre’ como tal, sino la variación social y/o contextualmente condicionada, donde cada variante ha de describirse en términos de frecuencia de uso atendiendo a factores sociales tanto adscritos (sexo, grupo generacional, raza, etnia, casta, etc.) como adquiridos (nivel socio-económico, nivel de formación educativa, etc.) y/o contextuales (situaciones y estilos) [...] (Tradução da autora)

Com isso, os autores corroboram que a importância de analisar tais aspectos consiste no fato de as variáveis não atuarem de maneira isolada, ao contrário, agirem de maneira complexa, correlacionando fatores que condicionam ou inibem o uso de determinada forma. Assim, para compreender a difusão de um fenômeno ou seu recuo, é necessário ponderar os diversos aspectos que estão operando, simultaneamente, sobre ele.

Com base nesses pressupostos e seguindo a metodologia do Projeto ALiB, foram analisados o sexo e a faixa etária dos informantes.

A variável linguístico-discursiva

A variável tipo de questionário foi controlada com o objetivo de analisar se há diferença no comportamento linguístico dos falantes no questionário fonético-fonológico, considerado mais tenso, por ser aplicado nos primeiros minutos de entrevistas e possuir perguntas mais objetivas, como exemplificado anteriormente, e no questionário semântico-lexical, considerado menos tenso, uma vez que se espera uma maior interação entre inquiridor e informante, e perguntas que permitem respostas mais livres.

As variáveis linguísticas

A seleção prévia dos fatores linguísticos foi feita levando em conta os diversos estudos existentes. Após essa seleção, foram realizados testes, por meio do *Goldvarb X*, até finalizar a chave de codificação com as variáveis linguísticas explicitadas a seguir.

1. Posição da vogal pretônica em relação à tônica: contígua ou não contígua.

Este fator avalia se a proximidade da vogal pretônica com a vogal tônica exerce alguma influência na sua pronúncia como média alta ou média baixa. A hipótese é de que as vogais contíguas tenham maior possibilidade de sofrer influência da tônica. Para isso, consideraram-se duas distâncias:

Vogal pretônica contígua à tônica: **cebola**, **borralho**.

Vogal pretônica não contígua à tônica: **pernambucano**, **procissão**.

2. Vogal tônica.

A vogal tônica tem sido o fator mais determinante para a análise da variação das vogais médias pretônicas. Objetivando verificar a relevância de cada vogal para o fenômeno, foram analisadas, de maneira individual, tanto as orais quanto as nasais e as nasalizadas:

- [i]: serviço, adotivo.
- [e]: defesa, borrego.
- [ɛ]: geleia, colega.
- [a]: pecado, cocar.
- [ɔ]: bergamota, rotatória.
- [o]: cebola, coroa.
- [u]: seguro, solução.
- [ĩ]: tangerina, dormindo.
- [ẽ]: fervendo, inocente.
- [ẽ̃]: veneziana, trovão.
- [õ]: demônio, promoções.
- [ũ]: perfume, coluna.

Neste contexto, a hipótese é de que ocorra a harmonização vocálica. Acredita-se que as vogais tônicas baixas irão influenciar a pronúncia da pretônica também como baixa e as vogais tônicas altas irão influenciar a pronúncia da pretônica como alta. Espera-se que as vogais nasais ou nasalizadas não sejam relevantes para a realização da pretônica média alta, pois diversos estudos, como o de Silva (1989), atestam que as vogais nasais ou nasalizadas são favorecedoras da abertura.

3. Vogal inacentuada imediatamente seguinte

A partir dessa variável observa-se, em palavras trissilábicas e polissilábicas, se a vogal átona imediatamente seguinte à pretônica demonstra relevância na ocorrência do fenômeno. Assim como no contexto da vogal tônica, as vogais foram observadas separadamente, totalizando doze vogais; no entanto não apareceram vocábulos com todas essas, e, no final, foram analisadas dez vogais:

- [i]: televisão, procissão.
 [e]: redemoinho, corredeira.
 [ɛ]: Televisão.
 [a]: conversador, coração.
 [ɔ]: promoção.
 [o]: borboleta.
 [u]: repunando, procurar.
 [ẽ]: defender, correnteza.
 [ũ]: perguntar,

Sobre o comportamento dessa variável, Silva (1989) explica que

[...] deve-se admitir que, se a vogal da sílaba acentuada não contígua tiver sobre a pretônica algum efeito, esse efeito deverá assemelhar-se ao que têm a vogal da sílaba acentuada contígua e, conseqüentemente, a vogal da sílaba da sílaba inacentuada contígua. (SILVA, 1989, p. 92)

Com esse fator, supõe-se que a vogal inacentuada possa apresentar importância semelhante à vogal tônica, atuando a partir da harmonização vocálica.

4. Contextos consonantais

Foram considerados o contexto precedente e seguinte. A escolha dessa variável ocorreu devido à importância de realizar a análise dos contextos que ficam próximos à vogal pretônica.

Acredita-se que o ponto de articulação da consoante possa influenciar na realização da vogal como aberta ou fechada, tendo em vista que para o alteamento existem trabalhos que expõem a relevância das velares e das palatais. Alguns estudos mostraram a importância das alveolares favorecendo o abaixamento. Desse modo, a partir da variável contextos consonantais, será possível observar se algum grupo de consoante condiciona o uso das variantes médias fechadas [e o].

Ademais, analisando este contexto, será possível a realização de uma análise mais completa e até certo ponto mais aprofundada.

As consoantes precedentes agrupadas pelo ponto de articulação foram:

Bilabial [p, b, m]: perdeu, botar, morreu.

Labiodental [f, v]:	ferida, advog <u>ado</u> .
Dentoalveolar [t, d, s, n, r, l]:	tes <u>ou</u> ra, de <u>f</u> esa, sor <u>ri</u> so, in <u>o</u> cente, p <u>r</u> esente, col <u>o</u> car
Palatal [ʃ, ʒ]:	ch <u>o</u> colate, ge <u>l</u> eia,.
Velar [k, g]:	qu <u>e</u> stão, g <u>o</u> rdura.
Glotal [h]:	rotat <u>ó</u> ria, r <u>e</u> torno.

As consoantes seguintes agrupadas pelo ponto de articulação foram:

Bilabial [p, b, m]:	menop <u>a</u> usa, ne <u>bl</u> ina, prom <u>o</u> tor.
Labiodental [f, v]:	elef <u>an</u> te, soy <u>in</u> a.
Dentoalveolar [t, d, s, z, r, ʃ, ʒ, l]:	bot <u>ar</u> , med <u>al</u> ha, pes <u>ço</u> ço, vene <u>z</u> iana, fer <u>id</u> a, ser <u>vi</u> ço, ca <u>l</u> oteiro.
Palatal/palatalizada [ʃ, ʒ, tʃ, dʒ]:	col <u>h</u> er, primog <u>ê</u> nito, colet <u>i</u> vo, red <u>im</u> unho. ³⁴
Velar [k, g]:	Pro <u>cu</u> rar, peg <u>o</u> .
Glotal [h]:	per <u>n</u> eta, tor <u>ne</u> ira

5. Tipo de sílaba

O critério utilizado para a escolha deste fator partiu da hipótese de que uma consoante após a vogal pretônica possa agir sobre sua realização, talvez dificultando a harmonização vocálica. Para verificar essa atuação, consideraram-se dois tipos de sílaba:

Leve (CV, CCV): seguro, colégio.

Pesada (CVC, CCVC): pescoço, prostituta.

6. Constituição da sílaba

Este fator atua de forma semelhante à variável tipo de sílaba, acrescentando à análise se a existência de uma ou duas consoantes antes da pretônica influencia na sua realização como aberta ou fechada.

Inicialmente, havia sido considerado cada padrão separadamente, todavia, isso não se mostrou produtivo. A fim de avaliar outra possibilidade de interpretação, foram agrupados os

³⁴ Todas as ocorrências das consoantes dentoalveolares [t] e [d], diante de [i], foram palatalizadas [tʃ] [dʒ].

padrões CV e CCV, como em TERreno e PREsente, respectivamente; CVC e CCVC, como em TORneira e PROStituta, respectivamente.

3.2.1 Critérios para seleção dos vocábulos

Como observado anteriormente, consideraram-se, neste trabalho, a variação entre vogais médias, anteriores e posteriores, apenas orais e documentadas nos padrões CV, CVC, CCV e CCVC.

Desse modo, não se consideraram:

- a) os casos de alteamento, como em s[i]guro, g[u]rdura;
- b) as estruturas V e VC, como em *elefante e escola*;
- c) as vogais nasais ou nasalizadas, como em *encontrar, emprego e mentira*.

Outras decisões metodológicas visaram a evitar o enviesamento dos dados, como as expostas a seguir.

- (1) Os casos de repetição do mesmo vocábulo foram contabilizados até o limite máximo de três vezes para cada item, por informante.
- (2) Foram consideradas todas as formas obtidas nos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical que apresentaram vogais pretônicas, dentro dos padrões selecionados, independentemente de sua adequação aos objetivos dos questionários. Exemplo: Pernambuquense (QFF 92).
- (3) Foram descartados os vocábulos com radicais compostos, em virtude da existência, em geral, de acentuação secundária sobre a sílaba que poderia ser interpretada como pretônica: quebra-molas.
- (4) Nos casos em que a vogal pretônica vem seguida de consoante nasal, consideraram-se apenas as realizações não nasalizadas.

3.2.2 Tratamento dos dados

Análise de aspectos fonéticos sempre requer muita cautela e atenção na fase de escuta dos inquiridos, pois, muitas vezes, a variante usada pelo informante não fica evidente na primeira audição, e é preciso ouvir diversas vezes. A respeito da variação estudada nesta pesquisa, não poderia ser diferente, pois por terem o ponto articulatorio próximo, as duas são médias, a realização das vogais como abertas ou fechadas não é sempre de fácil percepção. Por isso, para

não haver equívoco nessa identificação, os inquiridos foram ouvidos com atenção e calma, voltando-se à questão quantas vezes fossem necessárias.

Todos os dados foram transcritos grafematicamente e foneticamente. Para a transcrição fonética utilizou-se a fonte *SilDoulosIPA* 14. Após as transcrições, os dados foram organizados em quadros, a fim de se ter, de maneira mais organizada, todas as ocorrências obtidas, e codificadas, para serem submetidas ao programa de análise estatística *GoldVarb X*.

Ao se utilizar um programa estatístico, deve-se ter consciência de que por ser entendida como alternância entre dois fatos linguísticos, a variação linguística não pode ser estudada visando a uma descrição ou a uma análise categórica ou apenas qualitativa. Antes de se estabelecer o método quantitativo para as análises sociolinguísticas, a variação era vista como elemento secundário, a estatística “tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras.” (GUY e ZILLES, 2007, p. 73)

A partir desse olhar, tornou-se possível descobrir a relevância dos fatores para a ocorrência dos fenômenos, verificar a aplicação das regras na comunidade investigada, transformando, assim, a análise sociolinguística em um estudo sistemático, capaz de definir quais variáveis, sejam elas sociais, linguísticas ou de outra natureza, estão atuando sobre a variação.

Com o uso do *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) é possível obter os pesos relativos, que indicam a probabilidade de a variante ocorrer em relação à determinada variável. Guy e Zilles (2007) definem o peso relativo da seguinte maneira

O peso relativo de um fator é o valor calculado pelo Varbrul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto. O valor dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca ocorre quando este fator está presente, e um valor de 1 indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente[...] Os valores dos pesos recaem no mesmo intervalo entre 0 e 1 que as probabilidades, e representam tendências probabilísticas. (GUY e ZILLES, 2007, p. 239)

Na seção de análise dados, serão apresentados os resultados em valores percentuais e em peso relativo. Os pesos relativos que se aproximaram de 0,50 foram considerados irrelevantes para a aplicação da regra, pois estão no ponto neutro, apresentando um “valor que nem favorece nem desfavorece o uso da variante investigada.” (GUY e ZILLES, 2007, p. 239).

Os programas estatísticos são recursos para o tratamento dos dados, mas não explicam os padrões e as particularidades, o entendimento desses aspectos é de responsabilidade do

pesquisador, que deve fazer uso do programa apenas como um instrumento para se chegar às análises definitivas.

3.3.3 Rodadas testes

Para se chegar à análise final, antes, realizaram-se testes com alguns fatores que foram descartados por não se mostrarem relevantes.

- I. Distância do início da palavra (distância 1, distância 2, distância 3): esse fator foi selecionado, inicialmente, para verificar se a proximidade da pretônica com a tônica condiciona a ocorrência da harmonização vocálica. Nesse processo, a vogal pretônica assimila o traço da altura da vogal tônica, tornando-se de mesma altura, como em *ferida*, em que a pretônica média /E/ assimila o traço da vogal tônica [i], e passa a ser realizada como f[i]rida. No entanto, o ideal para essa averiguação seria um maior número de vocábulos trissílabos e polissílabos. Com os dados existentes não houve, aparentemente, relação entre esse fator e a ocorrência do fenômeno. A fim de continuar controlando esse contexto, utilizou-se a contiguidade ou não contiguidade da pretônica.
- II. Número de sílaba do vocábulo (dissílabo, trissílabo, polissílabo): essa variável está diretamente relacionada à distância do início da palavra. Como a primeira não foi observada como relevante, pelos motivos mencionados, após a análise preliminar dos resultados, também se optou pela sua retirada.
- III. Frequência de uso do vocábulo (mais frequente – produtivo; menos frequente – não produtivo): esse fator é importante para se verificar a relação entre a frequência em que o vocábulo é usado e a variante escolhida, mas controlá-lo no *corpus* utilizado é complexo, pois a relação entre o vocábulo e o falante deve ser relativizada, pois, por exemplo, ao responder a questões do campo semântico religião, determinado informante pode ter mais acesso a essa realidade, usando com mais frequência vocábulos como *presépio*, *medalha* etc. Para essa investigação ser feita de maneira mais assertiva, seria necessário outro tipo de questionário ou outro tipo de sondagem com os informantes.
- IV. Classe morfológica (nomes ou verbos): embora os verbos tenham sido selecionados pelo programa como favorecedores da manutenção, quando feita a análise dos vocábulos, verificou-se que a influência de fato não era da classificação morfológica: vocábulos como *amanhecer*, *anoitecer* foram os mais recorrentes, fazendo o programa estatístico

ler que os verbos eram importantes para a realização como média fechada. Todavia, sabe-se que a vogal tônica é o fator mais importante para a análise do fenômeno, e os verbos existentes tinham, em sua maioria, a vogal tônica fechada, favorecendo a manutenção da pretônica. Portanto, para não serem feitas afirmações equivocadas, com base em pouca diversidade de ocorrências, essa variável foi descartada.

- V. Exposição do falante à mídia: observar o nível de exposição do falante à mídia é importante por permitir a correlação entre a variante utilizada com a variante mais recorrente na mídia. No entanto, o questionário aplicado não tem esse enfoque, e as questões da ficha dos informantes não fornecem dados suficientes. Para tanto seria mais recomendável perguntas que contemplassem o quanto a mídia está presente na vida do falante.

4 ANÁLISE DE DADOS E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Nesta seção apresentam-se os resultados obtidos por meio do programa *Goldvarb X* e a análise desses dados, a fim de descrever a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a realização das vogais médias pretônicas como abertas ou fechadas, nos contextos anterior e posterior, a saber:

Quadro 10 – Vogais médias anteriores e posteriores

Contexto	Vogal média-alta	Vogal média-baixa
Anterior	p[e]rdão, t[e]rreno	p[ɛ]rdão, t[ɛ]rreno
Posterior	c[o]ração, b[o]rracha	c[ɔ]ração, b[ɔ]rracha

Apesar de os contextos observados – anterior e posterior – compartilharem características articulatórias, como a altura da língua (alta, média-alta, média-baixa, baixa), a literatura existente expõe e os resultados aqui encontrados corroboraram que algumas variáveis agem de maneira distinta na aplicação da regra nesses contextos. Por isso, neste trabalho, realizam-se as análises de [e] e [o] separadamente.

Em termos de organização, na primeira parte serão analisados resultados referentes à manutenção da vogal anterior, indicados na subseção 3.1 e, na segunda, referentes à manutenção da posterior, indicados na subseção 3.2. A ordem de explicação do fenômeno segue o critério de importância observado na análise e não a ordem dada pelo *Goldvarb X*.

Em cada descrição, apresentam-se os resultados obtidos descritos em dois grupos: (i) variáveis linguísticas e (ii) variáveis extralinguísticas.

Para as variáveis linguísticas foram observados os contextos vocálicos e consonantais que se mostraram relevantes, bem como o comportamento da variável linguístico-discursiva (tipo de Questionário). Diante do exposto, têm-se a seguinte subdivisão: (i) variável vogal tônica; (ii) variável vogal inacentuada imediatamente seguinte; (iii) variável contexto consonantal precedente (por ponto de articulação); (iv) variável contexto consonantal seguinte (por ponto de articulação); (v) variável linguístico-discursiva (tipo de questionário).

Para as variáveis extralinguísticas, consideraram-se: (i) variável faixa etária; (ii) variável sexo e (iii) variável diatopia.

4.1 VOGAL PRETÔNICA ANTERIOR [e]

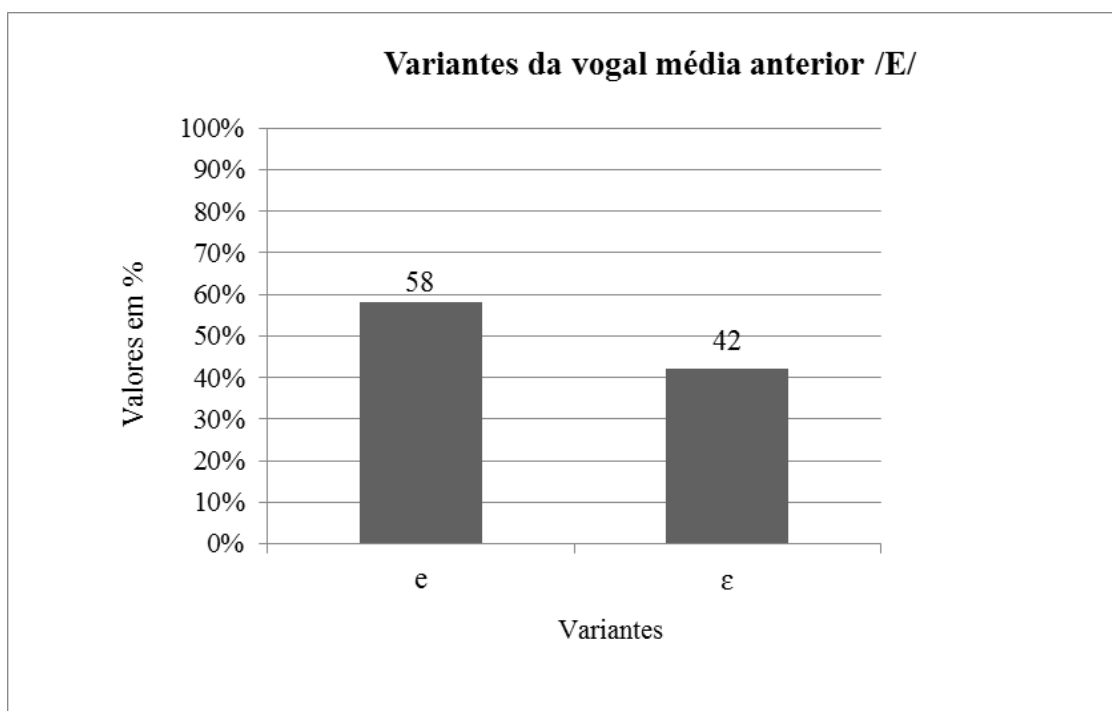
De maneira geral, no estado de Goiás, observou-se uma maior ocorrência das vogais fechadas, sendo válido ressaltar que, mesmo não sendo a maioria, a realização das vogais abertas é expressiva, como exposto na Tabela 1:

Tabela 1– Frequência das variantes médias para a vogal média anterior /E/, em Goiás

Variantes	Ocorrência	%
e	807	58
ɛ	584	42
Total	1.391	100

O Gráfico 1 mostra, de maneira mais clara, a distribuição das variantes.

Gráfico 1- Frequência das variantes médias para a vogal média anterior /E/, em Goiás



A seguir encontram-se a ordem de seleção do *Goldvarb X* e a ordem de apresentação da análise:

Ordem de Seleção das variáveis pelo programa estatístico *Goldvarb*:

- Vogal tônica

- Diatopia
- Vogal inacentuada imediatamente seguinte
- Faixa etária
- Contexto consonantal seguinte (por ponto de articulação)
- Tipo de questionário
- Sexo
- Contexto consonantal precedente (por ponto de articulação)

Ordem de apresentação da análise

- Fatores linguísticos: vogal tônica, vogal inacentuada imediatamente seguinte, contextos consonantais precedente e seguinte e a variável linguístico-discursiva, tipo de questionário.
- Fatores extralinguísticos: faixa etária, sexo e diatopia.
- Cruzamento entre os fatores extralinguísticos.

4.1.1 Variáveis linguísticas

Para a realização da vogal média anterior, foram selecionadas quatro variáveis linguísticas: (i) a vogal tônica; (ii) vogal inacentuada imediatamente seguinte; (iii) contexto consonantal precedente e (iv) contexto consonantal seguinte, sendo que a primeira está presente em todos os trabalhos que investigam o fenômeno linguístico aqui estudado, por ser considerada a mais relevante.

4.1.1.1 Variável vogal tônica

A vogal média baixa posterior [ɔ] não foi considerada, por haver surgido, nesse contexto, apenas uma ocorrência de t[e]rç[ɔ]l. Dessa maneira, não houve dados suficientes para a análise, com esse contexto. Na tabela seguinte, serão expostas as vogais tônicas selecionadas como favorecedoras da manutenção da vogal média [e]:

Tabela 2 – Vogal média [e] segundo a variável vogal tônica, em Goiás

Vogal tônica	Ocorrência/Total	%	P.R.	Exemplo
[e]	237/244	97	0,99	Defesa
[o]	115/125	92	0,95	Cebola
[ũ]	68/89	76	0,45	Perfume
[i]	70/109	64	0,41	Coletivo
[ẽ]	151/285	53	0,27	Relâmpago
[u]	10/27	37	0,21	Seguro
[ẽ]	74/246	30	0,13	Deficiente
[ĩ]	34/45	76	0,09	Neblina
[õ]	17/41	41	0,07	Pernilongo
[a]	24/127	19	0,05	Perguntar
[ɛ]	5/51	10	0,00	Geleia

Significância = 0.019

As vogais tônicas fechadas [e, o] favorecem a ocorrência da pretônica fechada [e] de maneira semicategórica, em virtude do efeito da harmonização vocálica. Com esse efeito, a pretônica assimila o traço da altura da tônica, tornando-se da mesma altura. A aplicação desse efeito tem se mostrado imprescindível para explicar a realização de [e].

Os resultados expostos na tese de Silva (1989) ilustram a importância dessa regra para frequência da vogal média fechada na fala culta de Salvador. Trabalhos como os de Almeida (2007), na fala culta de Fortaleza, de Lopes (2013), na fala de Sergipe, de Santos (2016), em Minas Gerais, dentre outros, também apontam as vogais [e, o] favorecendo a manutenção de [e].

Considerando-se que essa é uma regra categórica no Nordeste, levanta-se a questão se ela é, realmente, apenas semicategórica em Goiás, ou houve fatores intervenientes (um determinado item lexical, um determinado informante etc.) que levaram a esse resultado. A fim de verificar esses aspectos, a seguir, serão expostos os vocábulos com as vogais tônicas [e] e [o], em que não houve a aplicação da regra:

- i) Apenas sete vocábulos, com a vogal tônica [e], foram realizados com a vogal pretônica aberta:

Vocábulo	Quantidade de ocorrências	Perfil do informante (sexo, faixa etária e localidade)
D[ɛ]fesa	1	Homem, faixa I, Jataí
Conv[ɛ]rsadeira	1	Homem, faixa II, Porangatu
D[ɛ]fender	4	Homem, faixa I, São Domingos Mulher, faixa I, Aruanã Mulher, faixa II, Formosa Homem, faixa I, Jataí
R[ɛ]zadeira	1	Homem, faixa II, Catalão

- ii) Dez vocábulos, com a vogal tônica [o], foram realizados com a vogal pretônica aberta:

Vocábulo	Quantidade de ocorrências	Perfil do informante (sexo, faixa etária e localidade)
Conv[ɛ]rsador	7	Homem, faixa II, Porangatu Mulher, faixa I, São Domingos Mulher, faixa I, São Domingos Mulher, faixa II, São Domingos (2x) Homem, faixa I, Aruanã Mulher, faixa II, Jataí Homem, faixa II, Quirinópolis
Int[ɛ]rruptor	3	Homem, faixa II, Porangatu Homem, faixa II, Jataí

As vogais [ũ] e [i] não estão condicionando a ocorrência de [e], mas apresentam, em percentual, os valores de 76% e 64%, respectivamente. Os vocábulos com tônica [ũ] foram os seguintes:

Quadro 11 – Ocorrências da pretônica [e], em vocábulos com a vogal alta nasal [ũ] como tônica

Vocábulo	Quantidade de ocorrências
<i>Redemunho</i> ³⁵	44
<i>Perfume</i>	13
<i>Pergunta</i>	4
<i>Pergunto</i>	3
<i>Bebum</i>	2
<i>Jerimum</i>	2

Observando os vocábulos com a vogal tônica alta posterior nasal, nota-se que desses, 44 são “redemunho”, dos quais seis têm como vogal imediatamente seguinte a vogal média fechada (r[e]d[e]munho), contexto também propício à harmonização vocálica; 33 têm como vogal imediatamente seguinte a vogal alta anterior, r[e]d[i]munho. Esse contexto pode estar evidenciando a assimilação parcial, em que uma vogal média assimila o traço da vogal alta, como explica Bisol (2013)

A harmonização que atinge as médias abertas /ɛ,o/ com o efeito parcial tem a peculiaridade de funcionar como alimentadora da harmonia total /e,o/ > /i,u/, embora disponha da liberdade de não prosseguir, aumentando o número de médias no sistema [...] (BISOL, 2013, p. 56)

A pretônica [e], em r[e]d[i]munho, pode estar assimilando o traço + alto da vogal seguinte [i], que, por sua vez, é influenciada pela altura da tônica alta nasal [ũ].

Apenas cinco das ocorrências de “redemoinho” têm a pretônica [e] contíguas à tônica [ũ], sem influência de [e] ou [i] em contexto seguinte. Essas ocorrências estão distribuídas na fala de três informantes, os homens jovens de Porangatu (118) e Catalão (125) e a mulher jovem de São Domingos (119).

Tendo em vista os contextos observados, torna-se possível relacionar o alto valor percentual da tônica [ũ] à repetição de vocábulos. Para confirmar esse resultado, seria necessária a análise de outras palavras com contextos diferentes.

³⁵ Quando necessário, para facilitar a compreensão da análise, a transcrição do vocábulo foi feita da forma pronunciada pelo informante.

Além das vogais nasais, a vogal alta oral [u], a vogal oral [a] e a vogal aberta [ɛ], nos dados observados, inibiram a manutenção.

4.1.1.2 Variável vogal inacentuada imediatamente seguinte

Com a vogal inacentuada imediatamente seguinte [i] houve apenas uma ocorrência, realizada com a variante fechada *n[e]bl[i]nado*. A vogal átona seguinte [ɔ] também apresentou apenas um exemplo, ocorrendo com a variante aberta *s[ɛ]b[ɔ]rreia*. Não foram encontrados casos de [o] como vogal inacentuada seguinte. A seguir, estão as vogais átonas selecionadas:

Tabela 3 – Vogal média [e] segundo a variável vogal inacentuada seguinte, em Goiás

Vogal inacentuada seguinte	Ocorrência/ Total	%	P.R.	Exemplo
[i]	99/129	78	0,80	Persiana
[e]	48/52	92	0,71	Redemunho
[ũ]	6/18	33	0,61	Perguntar
[ẽ]	21/36	58	0,52	Pernambucano
[ɛ]	18/37	49	0,43	Televisão
[u]	9/19	47	0,39	Repunando
[ẽ]	2/7	29	0,00	Defender
[a]	1/17	6	0,00	Pernalonga

Significância = 0.019

A vogal alta [i] apresentou o maior índice de favorecimento à manutenção de [e], com 0,80. Esse contexto foi encontrado em oito vocábulos, *red[i]munho*, *telev[i]são*, *def[i]ciente*, *pern[i]longo*, *pers[i]ana*, *venez[i]ana*, *falec[i]mento* e *telev[i]sor*.

Silva (1989) também encontra a vogal inacentuada [i] favorecendo o fechamento de [e] (0,60), Araújo (2007) encontrou valor, em peso relativo, quase idêntico ao encontrado aqui, 0,79, e, em Lopes (2013), a alta [i] também se mostrou favorecedora ao fechamento.

Acredita-se que a presença de uma vogal média fechada na sílaba seguinte cria ambiente propício à harmonização vocálica, e, neste trabalho, o valor 0,71 mostra a alta probabilidade de ocorrer [e] pretônico diante do [e] inacentuado. As palavras com esse contexto foram: *red[e]moinho*, *fev[e]reiro*, *dev[e]dor*, *ven[e]ziana*, *tel[e]visão*, *benz[e]dera*³⁶.

³⁶ Não houve registro do vocábulo pronunciado com ditongo.

A situação do [ũ] inacentuado seguinte merece atenção, pois está se apresentando como grande favorecedor da manutenção de [e]; entretanto, essa afirmação não deve ser feita categoricamente, pois as seis ocorrências encontradas são do mesmo vocábulo, “perg[ũ]ntar”.

O valor obtido para a vogal seguinte nasal [ẽ] está próximo do ponto neutro, com a ocorrência dos vocábulos “pern[ẽ]mbucano” e “rel[ẽ]piano”³⁷.

A vogal aberta [ɛ] (0,43), a vogal alta [u] (0,39), a vogal nasal [ẽ] (0,00) e a vogal central [a] (0,00) aparecem desfavorecendo a manutenção.

Verificando as vogais inacentuadas, nota-se que a vogal média fechada [e] e a alta anterior [i] são as que mais condicionam a manutenção da pretônica, reafirmando a atuação da harmonização vocálica, como discutido na análise das vogais tônicas.

4.1.1.3 Variável contexto consonantal precedente (por ponto de articulação)

Os contextos consonantais precedentes e seguintes são analisados a fim de verificar a influência que esses elementos podem exercer sobre as vogais. As consoantes foram classificadas de acordo com o ponto de articulação, resultando em seis contextos: Palatal/palatalizado (/ʃ/- /ʒ/), Velar (/k/ - /g/), Bilabial (/p/ - /b/ - /m/), Dentoalveolar (/t/ - /d/- /s/ /n/-/r/-/l/), Labiodental (/f/ - /v/) e Glotal (/h/).

Tabela 4 – Vogal média [e] segundo a variável contexto consonantal precedente (por ponto de articulação), em Goiás

Ponto de articulação	Ocorrência/Total	%	P.R.	Exemplo
Palatal/palatalizado	7/21	33	0,93	<i>Geleia</i>
Velar	16/25	64	0,61	<i>Questão</i>
Bilabial	203/408	50	0,50	<i>Tempestade</i>
Dentoalveolar	404/670	60	0,50	<i>Elefante</i>
Labiodental	93/142	65	0,42	<i>Vereda</i>
Glotal	84/125	67	0,40	<i>Residência</i>

Significância = 0.019

Os resultados expressos na Tabela 4 mostram que houve a maior probabilidade de ocorrer a vogal média fechada [e] quando precedida de consoante palatal/palatalizada e velar. Esse resultado não é verificado de modo uniforme nos trabalhos correlatos expostos a seguir:

³⁷ Não foram encontrados casos de relampejando ou relampeando.

Em Araújo (2007), as consoantes não favoreceram a aplicação da regra, com leve atuação das labiais (0,51) e alveolares (0,52); as velares e as palatais, aqui apontadas como maiores favorecedoras, nos dados de Araújo, foram inibidoras.

Em Graebin (2008), as palatais (0,78), as dentais (0,63) e as bilabiais (0,60) foram apontadas como relevantes para a manutenção. A velar foi inibidora da aplicação da regra, com 0,34, em peso relativo.

Em Almeida (2017), as alveolares (0,53) e as glotais (0,53) foram as principais condicionantes para a manutenção de [e] e as velares foram inibidoras com 0,20.

Em Dias (2012), as dentoalveolares [t d] e as labiodentais [f v] favorecem a manutenção, com 0,66 e 0,56, respectivamente.

Essa divergência nos resultados pode apontar para o fato de que as consoantes exercem alguma influência sobre a manutenção, mas indicar qual a mais favorecedora, aparentemente, tem dependido do *corpus* utilizado.

Examinando os vocábulos encontrados no grupo dos palatais/palatalizados e das velares, tem-se três palavras para o primeiro — “tangerina” (duas ocorrências), “geleia” (três ocorrências) e “jerimum” (duas ocorrências), considerando-se que não houve variação em “tangerina” e “jerimum” —, e, para o grupo das velares, a recorrência apenas do vocábulo “questão”. Sendo assim, não é possível afirmar, sem questionamentos, que esses grupos são os favorecedores da aplicação da regra.

As bilabiais e as dentoalveolares apresentaram valores no ponto neutro (0,50) e as labiodentais e glotais desfavoreceram a manutenção.

4.1.1.4 Variável contexto consonantal seguinte (por ponto de articulação)

A Tabela 5 mostra os efeitos das consoantes seguintes sobre a preservação de [e], indicando um favorecimento das bilabiais, palatais/palatalizadas e velares.

Tabela 5 – Vogal média [e] segundo a variável contexto consonantal seguinte (por ponto de articulação), em Goiás

Ponto de articulação	Ocorrência/Total	%	P.R.	Exemplo
Bilabial	89/106	84	0,94	Demônio
Palatal/palatalizado	76/85	90	0,81	Redimunho
Velar	12/37	32	0,61	Pecado

Dentoalveolar	362/694	52	0,48	Veneziana
Glotal	131/277	49	0,38	Beterraba
Labiodental	137/192	71	0,20	Devedor

Significância = 0.019

Analisando os contextos em que as bilabiais e palatalizadas ocorreram, observam-se os vocábulos elencados no Quadro 12 que segue:

Quadro 12 – Ocorrências da vogal pretônica [e] seguida de consoantes bilabiais e palatais/palatalizadas

Bilabial	Palatal/palatalizado
Redemoinho, Neblina, Neblinado, Cebola, Demônio, Rebojo, Repunando ³⁸ , Beberrão, Remando, Semáforo, Remédio	Cole[t̪i]vo, Re[d̪i]muinho ³⁹ , Varejeira, Pe[d̪i]da

Por meio dos vocábulos listados, nota-se que, excetuando “remando”, “semáforo” e “remédio”, as vogais inacentuadas seguintes ou as vogais tônicas são médias fechadas ou altas, que, como se discutiu anteriormente, são contextos que favorecem a manutenção de [e].

As velares, apesar de exibirem apenas 32% de frequência de [e], apresentam 0,61, em peso relativo, mostrando a probabilidade de ocorrência de [e]. Com esse contexto, foram encontradas quatro ocorrências, a saber: pegou (1 vez), seguro (3 vezes), pecado (7 vezes) e pegar (1 vez).

Em Araújo (2007), as alveolares (0,53) e as palatais (0,58) foram indicadas como favorecedoras, mostrando, no entanto, valores pouco expressivos; no trabalho de Almeida (2017), as palatais (0,66) e as velares (0,51) foram as mais favorecedoras.

As dentoalveolares (0,48), as glotais (0,38) e as labiodentais (0,20) desfavoreceram a aplicação da regra.

4.1.1.5 Variável linguístico-discursiva

4.1.1.5.1 Variável tipo de questionário

Esta variável foi selecionada pelo *Goldvarb X* como a quinta mais importante para a aplicação da regra. Como exposto anteriormente, esse fator permite avaliar se o contexto mais

³⁸ Para facilitar a compreensão da análise, o vocábulo está transcrito da maneira pronunciada pelo informante, a forma dicionarizada é “repugnando”.

³⁹ Para facilitar a compreensão da análise, o vocábulo está transcrito da maneira pronunciada pelo informante.

monitorado (QFF) ou menos monitorado (QSL) interfere no uso das variantes. Na Tabela 6, encontram-se os valores obtidos.

Tabela 6 – Vogal média [e] segundo a variável tipo de questionário, em Goiás

Questionário	Ocorrência/Total	%	P.R.
Fonético-fonológico	372/626	59	0,56
Semântico-lexical	435/765	57	0,44

Significância = 0.019

O questionário fonético-fonológico (QFF) foi selecionado como o mais provável de ocorrer a vogal média fechada. O valor encontrado (0,56) não foi expressivo, mas pode indicar uma relação entre a tensão do informante e a variante escolhida, pois no QFF, considerado o mais tenso, há maior possibilidade de ocorrer a variante de prestígio, a média fechada.

Os vocábulos encontrados foram:

Quadro 13 – Ocorrência dos vocábulos com a pretônica [e], no QFF

Vocábulos
Terreno, Televisão, Tesoura, Peneira, Fervendo, Cebola, Elefante, Remando, Seguro, Serviço, Prefeito, Pernambucano/Pernambucoense, Defesa, Bermuda, Serviço, Questão, Pergunta, Pecado, Perdão, Pescoço, Ferida, Perfume, Presente, Perdida, Perguntar.

A pesquisa de Lopes (2013), sobre a fala de Sergipe, apresenta resultado semelhante a este: no QFF, houve maior probabilidade de uso da vogal [e] e no QSL da vogal [ɛ].

4.1.2 Variáveis extralinguísticas

Nesta parte, serão descritos e discutidos os resultados referentes às variáveis sociais e à variável diatópica. Foram feitos cruzamentos, a fim de se verificar a possível relação que existe entre as variáveis em estudo.

4.1.2.1 Variável faixa etária

A variável faixa etária foi selecionada pelo *Goldvarb X* como relevante para a manutenção das médias em Goiás. Na Tabela 7, estão expostos os resultados.

Tabela 7 – Vogal média [e] segundo a variável faixa etária, em Goiás

Faixa etária	Ocorrência/Total	%	P.R.
Faixa 1 (18-30 anos)	462/690	67	0,63
Faixa 2 (50-65 anos)	345/701	49	0,37

Significância = 0.019

A partir dos valores obtidos, observa-se a maior frequência da variante fechada. Como dito anteriormente (cf. capítulo da metodologia), consideram-se, neste trabalho, as variantes fechadas como as que detêm o maior prestígio, por serem as recorrentes no sul e sudeste, regiões vistas como referência econômica e social para o restante do país e ainda por serem as veiculadas nas mídias.

Como exposto na Tabela 7, os mais velhos apresentaram apenas 0,37 de frequência no uso da variante fechada contra os 0,63 dos mais jovens. Isso pode indicar uma possível mudança em curso. Pensando na ideia de projeção do futuro, pode-se refletir sobre a possibilidade de, em alguns anos, a variante fechada ser ainda mais frequente nessa região.

Para testar a pertinência dessa hipótese, seria importante a inclusão de uma faixa etária intermediária que se distinguísse das extremidades, permitindo um resultado mais completo.

Trabalhos como o de Cruz e Sousa (2013) na fala de Belém, Araújo (2007), na fala de Fortaleza, Yacovenco (1993), no falar culto carioca, e Dias (2012), na região Norte do Brasil, mostraram um favorecimento dos mais jovens à realização de [e], em consonância com o resultado aqui encontrado.

Admitindo as dificuldades de análise com base em um recorte de tempo, Labov (1994) diz que a melhor maneira de observar a mudança é fazer relação entre o estudo em tempo aparente e em tempo real. Freitag (2005), em estudo intitulado “Idade: uma variável sociolinguística complexa”, faz uma ressalva, afirmando que “somente observação de um fenômeno em tempo aparente não permite identificar se trata-se de uma mudança em progresso ou não” (p. 110). Com isso, consideram-se as discussões aqui empreendidas como possibilidades de interpretações.

4.1.2.2 Variável Sexo

Em alguns trabalhos que consideram o sexo como variável social, há a afirmação de que quando uma variante inovadora é estigmatizada há uma tendência de as mulheres serem

conservadoras; em contrapartida, quando a variante inovadora não sofre estigma há uma tendência em implementar a mudança. Este é um ponto discutível na atualidade.

Tomando por base o clássico trabalho de William Labov, nota-se que esse comportamento foi por ele mostrado, no estudo sobre o inglês de Nova York. A pronúncia retroflexa do –r pós-vocálico era a forma socialmente prestigiada, logo, se notou uma tendência das mulheres em liderar esse processo de mudança.

É preciso levar em consideração a estrutura social a qual pertencem os falantes, pois, se na comunidade, os papéis dos homens e das mulheres não apresentam diferenças significativas, se as mulheres estão imersas tanto quanto os homens no mercado de trabalho, é provável que o comportamento linguístico entre eles não apresente diferenças expressivas; entretanto, se na comunidade homens e mulheres têm funções distintas, e há pouca possibilidade de mobilidade social para as mulheres, provavelmente essa distinção aparecerá no comportamento linguístico.

Moreno Fernández (1998, p. 39) afirma que “é evidente que não se pode oferecer uma explicação que seja igualmente válida para todas as comunidades”, confirmando a necessidade de relativização quando a variável sexo é analisada, pois o perfil dos informantes depende do contexto sociocultural do qual fazem parte. As transformações na organização social podem resultar na neutralização do efeito dessa variável.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é a característica do fenômeno linguístico em foco, pois se sabe que as diferenças entre homens e mulheres são maiores nos fatos linguísticos em que os falantes têm uma maior consciência, nos quais as características podem “transformar-se, com mais facilidade, em marcas ou símbolos sociais.”⁴⁰ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 40) e sabe-se que a pronúncia das vogais abertas ou fechadas não apresenta marcas estigmatizantes acentuadas como outros aspectos linguísticos, a exemplo da concordância nominal.

A seguir encontram-se os resultados referentes ao sexo, nas localidades de Goiás.

Tabela 8 – Vogal média [e] segundo a variável sexo, em Goiás

Faixa etária	Ocorrência/Total	%	P.R.
Feminino	413/692	60	0,54
Masculino	394/699	56	0,45

Significância = 0.019

⁴⁰. “convertirse con más facilidad en marcas o símbolos sociales.” (Tradução da autora).

Apesar de ter sido selecionado pelo programa, ao analisar o fator, nota-se que a frequência no uso da variante fechada é próxima entre os homens e as mulheres, o peso relativo se aproxima do neutro para os dois sexos. Mesmo havendo uma aparente preferência das mulheres pela variante de prestígio, não é possível afirmar que isso ocorre devido apenas à variável sexo.

A diferença no comportamento entre homens e mulheres já não vem sendo sinalizada como relevante para a variação das vogais no português do Brasil. Nas investigações de Dias (2014) e Araújo (2007), a variável não foi selecionada pelo programa.

Graebin (2008) confrontando alteamento, abaixamento e manutenção constatou que os homens se mostraram mais conservadores, apresentando peso relativo de 0,56 para manutenção do [e].

Vieira (2010) observou que a média fechada é usada com frequências muito aproximadas, 74% para as mulheres e 70% para os homens.

Partindo do exposto, nota-se que o sexo parece ter efeito neutro sobre o fenômeno, o fato de ser do sexo masculino ou feminino não apresenta grande relevância na realização da pretônica como aberta ou fechada.

4.1.2.2 Variável diatopia

A diatopia foi considerada pelo *Goldvarb X* como o segundo fator mais favorecedor à manutenção da vogal [e]. Observando as localidades e a frequência das ocorrências em cada uma delas, avalia-se que, de fato, a distribuição geográfica das variantes é uma importante característica dessa região, como exposto na Tabela 9:

Tabela 9 – Vogal média [e] segundo a variável diatopia, em Goiás

Localidade (n.º do ponto)	Ocorrência/Total	%	P.R.
Quirinópolis (126)	137/177	77	0,82
Catalão (125)	136/190	72	0,72
Aruanã (120)	104/154	67	0,63
Goiás (122)	94/156	60	0,58
Jataí (124)	106/213	50	0,36
Formosa (121)	90/187	48	0,35
São Domingos (119)	66/143	46	0,28
Porangatu (118)	74/171	43	0,21

Significância = 0.019

No estado de Goiás, considerando as localidades analisadas, houve maior ocorrência da vogal fechada [e], 58%, verificando-se, no entanto, que a frequência entre abertas e fechadas não é tão discrepante. Essa diferença se verifica de forma mais acentuada quando é realizada a análise individual das localidades.

Análise realizada por Mota e Lopes (2014) com os dados do ALiB sobre a capital – Goiânia – mostrou que, das capitais do Centro-Oeste, essa é a que apresenta a menor frequência da vogal fechada, com 67%, enquanto Cuiabá (MT) tem 75% e Campo Grande 79%. Há a predominância da vogal fechada nas capitais do Centro-Oeste, e Goiânia, diferente das demais, não alcança mais de 70% dessa frequência.

A fim de verificar se é possível estabelecer relação entre a capital e as localidades interioranas, o Quadro 14 ilustra a distância entre elas, organizada da mais próxima à mais distante.

Quadro 14 – Distância das localidades interioranas (GO), em relação à capital Goiânia

Localidades	Distância da capital
Goiás (122)	129 km
Catalão (125)	260 km
Aruanã (120)	275 km
Formosa (121)	282 km
Quirinópolis (126)	285 km
Jataí (124)	320 km
Porangatu (118)	408 km
São Domingos (119)	640 km

Verifica-se que Jataí, São Domingos e Porangatu, cidades com menor índice de manutenção, com 0.36, 0.28, 0.21, em peso relativo, respectivamente, são as cidades mais distantes da capital; Formosa, que apresentou apenas 0.35 de frequência, não é distante geograficamente, se comparada às outras, mas possui uma particularidade, a proximidade com o Distrito Federal, apenas 83km.

Sabe-se que o Distrito Federal foi formado a partir de migrações de diversas partes do Brasil. Bortoni et al (1992) atribuem a isso a característica distinta de Brasília se comparado a outros centros do país.

A situação de contato de dialetos regionais e sociais no Distrito Federal difere da situação de contato encontrada em outros centros metropolitanos no Brasil, porque em Brasília não existe um substrato predominante. (BORTONI et al. 1992, p. 11)

Pesquisa realizada em 2011, pela Companhia de Planejamento (CODEPLAN) do Distrito Federal, revelou que mais da metade da população migrante do Distrito Federal é oriunda de estados do Nordeste. Dessa migração, mais de 75% vem da Bahia, Piauí, Maranhão e Ceará.

A presença de tantos nordestinos nessa região pode ter deixado suas marcas na fala da população que ali se desenvolveu.

A informante da faixa etária II, de Catalão (125), apresenta um importante registro da presença de nordestinos na região.

(05) INQ.: A senhora falou que seu marido é nordestino. Tem muito nordestino aqui?

INF.: Tem...

INQ.: “numa conversa informal, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?”

INF.: Ah...Finado [fi'nadu]. Quem tem muito o hábito de falar isso é *os nordestino*. É que tem muito tempo. Desde que vieram as minerações pra cá, porque *as minerações vieram do nordeste, então chegou muito nordestino*, e o pessoal já tão assim... com esse hábito de falar as pessoa de finado, mas num tinha isso não, falava o nome, “ah, a pessoa já morreu..., fulano de tal que já morreu...”, mas *depois que eles [nordestinos] chegaram*, todo mundo já tá adaptado com esse, essa idioma aí de finado. ((risos)) (grifo nosso)

(Inq. 125/04 (Catalão – GO) Inf.: mulher, faixa etária II)

O léxico é a parte mais sensível numa situação de contato, suas interferências são mais evidentes do que no nível fonético, por exemplo, pois

O léxico é o nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem na sua trajetória histórica. [...] Nessa perspectiva, as migrações do homem se traduzem também em migrações de palavras que ora se fixam na fala de determinados grupos sociais, ora são substituídas por outras que melhor traduzam a realidade sociocultural desses grupos. (ISQUERDO, 2009, p. 43)

Sendo assim, a percepção da informante sobre a influência dos nordestinos assinala a grande presença da população migrante naquela área, influenciando nas realizações linguísticas da população local.

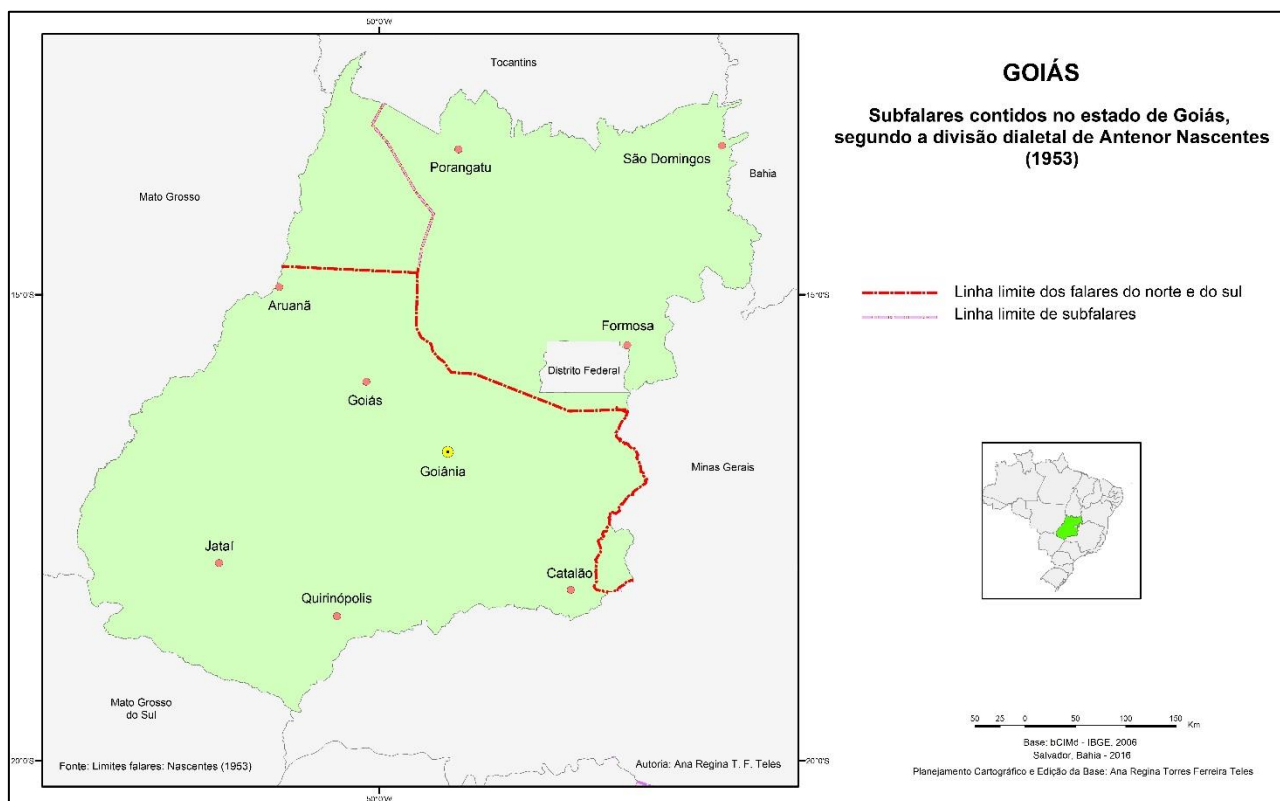
Outro fator de interesse para uma análise dialetológica são as divisões dialetais que buscam encontrar áreas com características em comum.

O perfil diverso das localidades de Goiás já havia sido percebido por Nascentes (1953). Na divisão dialetal proposta pelo autor, o estado de Goiás pertence a quatro Subfalares – o *Amazônico*, o *Nordestino*, o *Baiano* e o *Sulista*. Ressaltando que essa distribuição foi feita antes

do estado se separar em dois, Goiás e Tocantins, em 1988. Com a nova organização do território, o atual Goiás faz parte do *Falar Baiano* e do *Sulista*.

Na Figura 15, observa-se a linha que divide o *Falar do Norte* e o *Falar do Sul*.

Figura 15 – Falares do Norte e do Sul, em Goiás, a partir da divisão dialetal de Nascentes (1953)



Dos pontos investigados, na proposta de Nascentes (1953), Porangatu (118), São Domingos (119) e Formosa (121) fazem parte do Subfalar Baiano, lembrando que o critério utilizado para essa divisão, estabelecida pelo autor, foi a existência de pretônicas abertas na área do *Falar Baiano*. Desse modo, os resultados aqui encontrados corroboram esse aspecto, uma vez que nessas cidades houve predominância da vogal aberta.

Jataí foi a única localidade que expôs resultado não esperado, pois, fazendo parte do *Subfalar Sulista*, não se esperava a predominância, mas, pelo menos, uma maior frequência da vogal fechada.

Graebin (2008) verifica a variação das pretônicas em Formosa. Os resultados alcançados mostraram apenas 13,2% de abaixamento, pouca frequência se compararmos às cidades baianas como Salvador (59%), segundo Silva (1989), e Jeremoabo (50,5%), de acordo com Soares (2004), mas considerada expressiva pela autora, se comparada a outras regiões do Sudeste.

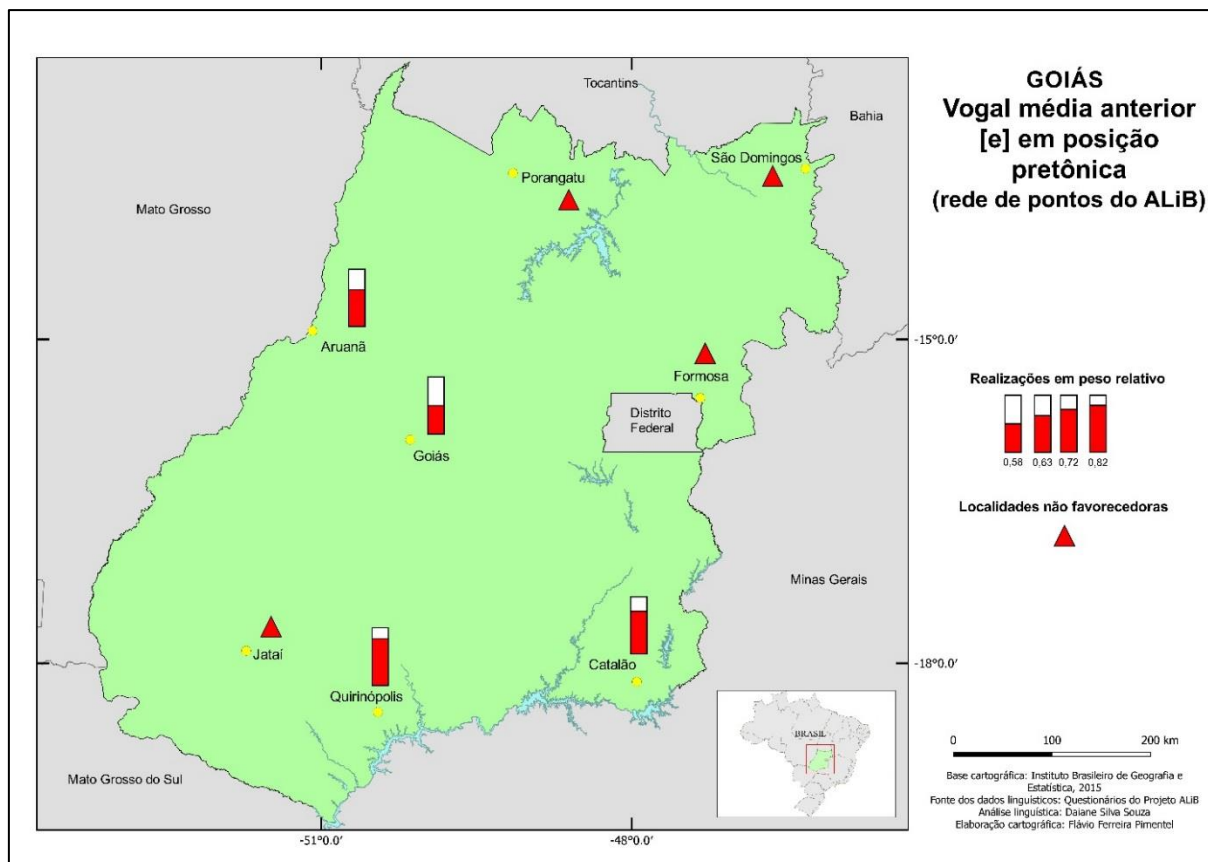
Os resultados aqui encontrados mostram 52% de índice de abaixamento, mostrando o perfil mais próximo de Formosa com as localidades nordestinas.

É preciso ressaltar que as metodologias utilizadas nos trabalhos supracitados são diferentes da adotada no presente estudo, pois, além da variação das vogais médias, eles verificaram a ocorrência das altas, o que influencia na análise da distribuição das médias; portanto, não são totalmente comparáveis, mas são importantes para atestar o comportamento da vogal pretônica nessas áreas.

Quirinópolis, Catalão, Aruanã e Goiás pertencem ao *Falar Sulista* e apresentaram, de fato, a predominância da vogal fechada. Quirinópolis e Catalão com mais de 70% de frequência estão próximas da região do triângulo mineiro, o qual é apontado por Zágari (2005) como pertencente ao *Falar Paulista*.

A distribuição diatópica da vogal média fechada [e] configurou-se como explicitado na Figura 16.

Figura 16 – Carta distribuição diatópica de [e], em Goiás



4.1.2.4 Cruzamento das variáveis faixa etária e sexo

Para a manutenção do [e], as duas variáveis sociais analisadas foram selecionadas pelo programa estatístico *Goldvarb X*, mas o sexo não foi um fator expressivo. A fim de testar se é possível relacionar o sexo com a faixa etária do informante, foi feito o cruzamento das variáveis. Paiva (2015) reitera a importância de correlacionar esses aspectos, pois

Do cruzamento entre a variável gênero/sexo com outras variáveis independentes [...] podem emergir padrões de correlação diferenciados que apontam a relatividade das correlações entre o uso das variantes linguísticas e o gênero/sexo do falante. (PAIVA, 2015, p. 37)

Tabela 10 – Vogal média [e] segundo o cruzamento entre faixa etária e sexo, em Goiás

Fatores		Ap./Tot.	%	P.R
Masculino	Faixa I	223/355	63	0,54
	Faixa II	171/344	50	0,41
Feminino	Faixa I	239/335	71	0,63
	Faixa II	174/357	49	0,40

Significância = 0.000

Os valores encontrados não se diferenciam de quando foram analisados separadamente; no entanto, as mulheres jovens merecem atenção, pois apresentaram 71% de frequência da variante fechada, com 0.66 em peso relativo. Esse resultado traz a reflexão sobre a questão do prestígio da vogal fechada, pois os grupos que se apresentam na literatura como os favorecedores da variante de prestígio, os jovens e as mulheres, foram indicados como maiores favorecedores da regra.

Assim como foi ressaltado nas análises anteriores, reiteram-se algumas ampliações necessárias para a obtenção de resultados mais completos, para a faixa etária, uma faixa intermediária, e, para o sexo, uma análise mais detalhada do perfil dos informantes.

4.1.2.5 Cruzamento entre diatopia e sexo

Considerando a necessidade de relativização de resultados sociais observados separadamente, foram feitos cruzamentos entre a diatopia e o sexo e a diatopia e a faixa etária. Na Tabela 11, verifica-se se o sexo dos informantes é um fator que se diferencia nas localidades estudadas.

Tabela 11 – Vogal média [e] segundo o cruzamento entre a diatopia e o sexo, em Goiás

Fatores	Masculino			Feminino		
	Apl./ Tot.	%	P.R	Apl./ Tot.	%	P.R
Quirinópolis	64/87	74	0,66	73/90	81	0,75
Aruanã	57/77	74	0,66	47/77	61	0,52
Catalão	74/104	71	0,63	62/86	72	0,64
Goiás	42/72	58	0,49	52/84	62	0,53
Formosa	46/92	50	0,41	44/94	46	0,37
Jataí	46/104	44	0,35	60/109	55	0,46
São Domingos	27/66	41	0,32	39/77	51	0,41
Porangatu	38/97	39	0,31	36/74	49	0,40

Significância = 0.000

O que se pode constatar é que os homens e as mulheres, em Quirinópolis e Catalão, e apenas os homens, em Aruanã, apresentaram índices expressivos. Se considerada a margem de erro (para cima ou para baixo), os demais resultados tornam-se inexpressivos. Esse comportamento assinala um equilíbrio do fenômeno em relação ao sexo dos informantes.

4.1.2.6 Cruzamento entre diatopia e faixa etária

Com este cruzamento, pretende-se verificar se a faixa etária dos informantes apresenta comportamento distinto ou próximo em cada localidade investigada.

Tabela 12 – Vogal média [e] segundo o cruzamento entre a diatopia e a faixa etária, em Goiás

Localidade	Faixa I			Faixa II		
	Apl./ Tot.	%	P.R	Apl./ Tot.	%	P.R
Aruanã	74/90	82	0,76	30/64	47	0,38
Quirinópolis	75/94	80	0,73	62/83	75	0,67
Catalão	70/89	79	0,71	66/101	65	0,56
Formosa	59/85	69	0,61	31/102	30	0,23
Jataí	63/102	62	0,52	43/111	39	0,30
São Domingos	42/71	59	0,50	8/29	33	0,25
Goiás	43/78	55	0,46	51/78	65	0,56
Porangatu	36/81	44	0,35	38/90	42	0,33

Significância = 0.000

A faixa etária 1 confirmou sua importância para a compreensão do fenômeno. Com exceção de duas localidades, Goiás, em que houve leve favorecimento da faixa etária II, e Porangatu, em que os valores são muito próximos, os mais jovens se comportaram como os mais favorecidos à manutenção da vogal, mostrando valores significativos. Os jovens de Jataí e São Domingos, apesar de apresentarem maior frequência do que os mais velhos, têm peso relativo próximo ao ponto neutro, pois essas foram localidades com baixa frequência de vogal fechada. Em Porangatu, por sua vez, localidade em que ocorreu menor índice de [e], a faixa I e a faixa II apresentaram números próximos, tanto em frequência quanto em peso relativo, no uso da vogal média anterior fechada.

4.2 VOGAL PRETÔNICA POSTERIOR [o]

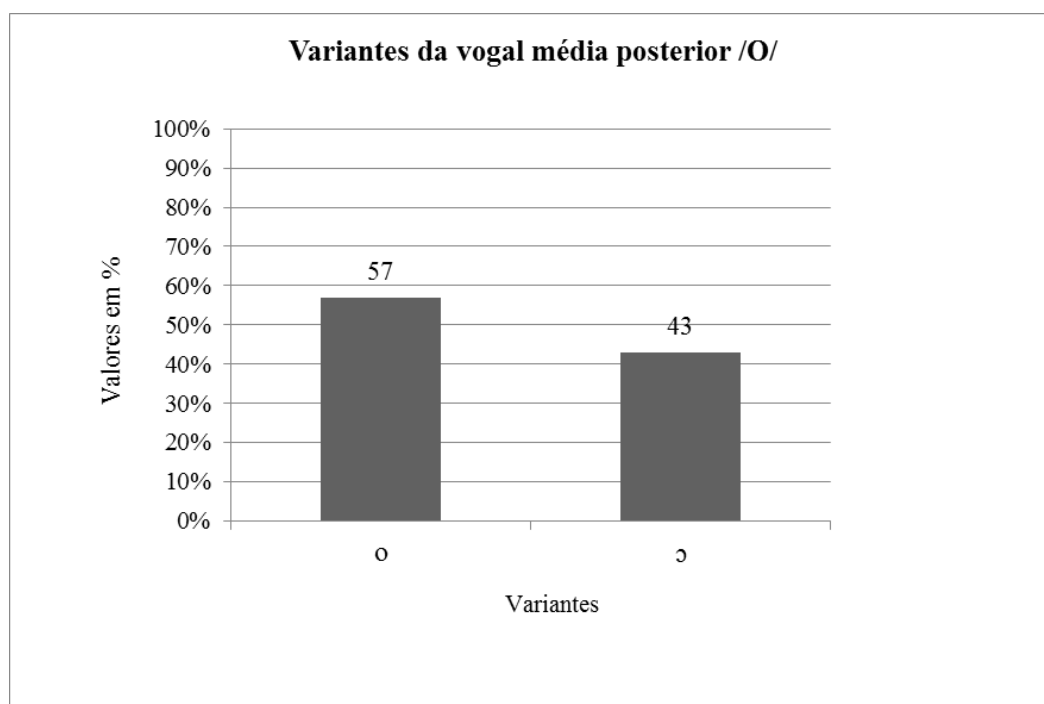
Assim como ocorreu no contexto da vogal anterior [e], a variante fechada apresentou maior frequência nas localidades estudadas, 58%, e a variante aberta, apesar de menos frequente, também apresenta um número expressivo de ocorrências:

Tabela 13 – Frequência das variantes médias para a vogal média posterior /O/, em Goiás

Variantes	Ocorrência	%
o	609	57
ɔ	460	43
Total	1069	100

O Gráfico 2 expõe, de maneira mais clara, a distribuição das variantes.

Gráfico 2 – Frequência das variantes médias para a vogal média posterior /O/, em Goiás



Para analisar os fatores que influenciam a ocorrência da vogal [o] em detrimento da vogal [ɔ] pretônica, serão considerados sete variáveis, as selecionadas pelo programa estatístico na seguinte ordem de relevância:

- Vogal tônica
- Vogal inacentuada imediatamente seguinte
- Faixa etária
- Contexto consonantal seguinte (por ponto de articulação)
- Diatopia
- Contexto consonantal precedente (por ponto de articulação)
- Tipo de questionário

Como é possível notar, a ordem de relevância das variáveis deste contexto se diferencia da anterior: nos dois primeiros lugares, tem-se fatores linguísticos, e, em terceiro, um fator extralinguístico. A diatopia, segunda colocada na seleção da anterior [e], para a [o] aparece como quinta selecionada. Essa ordem já nos dá indícios de que as vogais se comportam de maneira distintas e podem estar passando por processos também distintos.

A apresentação dos resultados será feita da seguinte maneira:

- Fatores linguísticos: vogal tônica, vogal inacentuada imediatamente seguinte, contextos consonantais precedente e seguinte e a variável linguístico-discursiva: tipo de questionário.
- Fatores extralinguísticos: faixa etária, sexo e diatopia.
- Cruzamento entre os fatores extralinguísticos.

4.2.1 Variáveis linguísticas

Assim como no contexto anterior, para o condicionamento de [o], foram selecionadas quatro variáveis linguísticas, (i) vogal tônica; (ii) vogal imediatamente seguinte; (iii) contexto consonantal precedente e (iv) contexto consonantal seguinte.

4.2.1.1 Variável vogal tônica

O único caso categórico foi a vogal tônica [o], a qual favoreceu 100% o fechamento da vogal pretônica posterior (51 ocorrências), tendo em vista que as duas vogais possuem a mesma altura e ponto de articulação, resultando na atuação da harmonização vocálica. As ocorrências

com a vogal tônica [o] foram: c[o]roa (30), ab[o]rtou (14), pr[o]m[o]tor (4), gongolô (2)⁴¹ e c[o]rredor (1).

Na tabela seguinte, serão expostas as vogais tônicas selecionadas:

Tabela 14 – Vogal média [o] segundo a variável vogal tônica, em Goiás

Vogal tônica	Ocorrência/Total	%	P.R.	Exemplo
[o]	51/51	100	-	Coroa
[e]	212/228	93	0,96	Pistoleiro
[u]	53/68	78	0,77	Procura
[ũ]	23/28	82	0,74	Corcunda
[ĩ]	13/15	87	0,67	Sovina
[õ]	5/8	62	0,60	Procissões
[i]	70/94	74	0,52	Sorriso
[ẽ]	77/137	56	0,48	Trovão
[ē]	18/60	30	0,14	Inocente
[a]	61/237	26	0,12	Advogado
[ɔ]	9/75	12	0,10	Gogó
[ɛ]	17/68	25	0,10	Colega

Significância = 0,000

Neste contexto, as vogais médias fechadas em posição tônica foram as mais favorecedoras da manutenção de [o], em consonância com diversos estudos dessa natureza, como os de Silva (1989), Vieira (2010), na fala do Espírito Santo, Santos (2016) e Sousa 2010, realizando as rodadas com [e] e [o] juntos, na fala urbana de Belém – Pará, dentre outros.

As palavras com a vogal tônica [e], em que houve a realização da pretônica aberta [ɔ], foram apenas c[ɔ]rrent[e]za (9) e b[ɔ]rbol[e]ta (7).

Diferente do que ocorreu no contexto anterior, em que, em peso relativo, foram relevantes apenas as médias fechadas, os valores aqui se apresentam mais diversos. Para compreender os valores dados pelo programa nos contextos selecionados como os mais favorecedores, analisam-se os vocábulos.

A vogal alta oral [u] e a alta nasal/nasalizada [ũ] apresentaram 0,77 e 0,74, em peso relativo, respectivamente. As ocorrências com essas vogais tônicas estão exibidas a seguir:

⁴¹ Resposta obtida na questão 086 do QSL: “Como se chama aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?”

Quadro 15 – Ocorrência da vogal pretônica posterior [o] em vocábulos com as vogais tônicas [ũ] e [u]

Vogal tônica [u]	Quantidade de ocorrências	Vogal tônica [ũ]	Quantidade de ocorrências
Prostituta	18	Corcunda(o) ⁴²	21
Gordura	15	Coluna	5
Solução	15		
Borrachudo	3		
Procura	1		
Coruba (ferida) ⁴³	1		

Observando os vocábulos encontrados, nota-se que “gordura”, “solução”, “procura”, “corcunda” e “coluna” têm a vogal pretônica [o] contígua às tônicas [u] e [ũ] e em “prostituta”, maior número de ocorrência, essas vogais não são contíguas à tônica, mas há uma vogal alta na sílaba seguinte [i]. Essas frequências apontam para a importância das vogais altas no processo de manutenção da posterior [o].

Silva (1989, p. 89) mostra o efeito das pretônicas antes de vogal tônica contígua, em que as tônicas altas orais [i, u] e as altas nasais [ĩ, ã] apresentam peso relativo expressivo na manutenção de [o], com 0,61, nos dois contextos. Graebin (2008) encontra o efeito favorecedor apenas de [u], com 0,56. Lembrando-se que esses trabalhos comparam a ocorrência das vogais médias com as vogais altas.

A vogal tônica alta nasal [ĩ] foi condicionante para o fechamento de [o], 0,67. As treze ocorrências encontradas correspondem a dois vocábulos, “sovina” e “dormindo”, uma e doze ocorrências, respectivamente. Os resultados encontrados por Lopes (2013) também indicaram o favorecimento de [ĩ] para a manutenção de [o], com apenas dois exemplos, “dormindo” e “fominha”. Por conta da pouca variedade das palavras com esse contexto, certamente não se pode atribuir apenas a ele a influência na aplicação da regra, pois pode ser uma particularidade dessa palavra que se repete.

A vogal média nasal [õ] favoreceu a manutenção com 0,60, em peso relativo. As cinco ocorrências de [õ] favorecendo o fechamento são referentes a “procissões”, “porronco”⁴⁴ e “promoções”.

Devido ao questionário utilizado na pesquisa, algumas palavras se repetem quando as respostas de todos informantes são colocadas no mesmo arquivo, pois são palavras conhecidas

⁴² Não foi feita a distinção de flexão de gênero nas palavras por não influenciar na análise das variáveis linguísticas.

⁴³ Este vocábulo foi aceito, pois, apesar de apenas uma informante o dizer, o seu uso foi bem contextualizado.

⁴⁴ Cigarro de palha.

pela maioria, que quase nunca os informantes deixam de dizer, como foi o caso de “corcunda(o)”, “solução”, “prostituta” e “dormindo”, razão pela qual, antes de afirmar a influência da tonicidade, deve-se atentar às palavras que compõem cada grupo.

As vogais nasais [ẽ] (0,48) e [ẽ̃] (0,14) e as orais [i] (0,52), [a] (0,12), [ɛ] (0,10), [ɔ] (0,10) favoreceram a vogal média aberta.

4.2.1.2 Variável vogal inacentuada imediatamente seguinte

Neste contexto, a vogal aberta [ɛ] foi excluída, pois houve apenas a ocorrência de c[o]m[ɛ]lão. Na Tabela 15, estão expostas as vogais inacentuadas seguintes selecionadas:

Tabela 15 – Vogal média [o] segundo a variável vogal inacentuada seguinte, em Goiás

Vogal Inacentuada	Ocorrência/Total	%	P.R	Exemplo
[u]	17/25	68	0,85	Tornuzelo
[e]	22/30	73	0,84	Corredera
[i]	40/61	66	0,63	Procissão
[o]	57/63	90	0,48	Promoção
[ɔ]	10/18	56	0,34	Colocar
[a]	13/59	22	0,26	Coração
[ẽ]	2/11	18	0,00	Correnteza

Significância = 0,000

A vogal média [e], mesma altura da pretônica [o], em posição átona seguinte, assim como no contexto anterior, aparece como favorecedora da manutenção da pretônica fechada, com 0,84, em peso relativo. No entanto, deve-se chamar atenção para os vocábulos encontrados, a saber: “coletivo” (19 ocorrências), “corredeira” (duas ocorrências) e “começando” (uma ocorrência).

Observa-se que a maioria das ocorrências possui a vogal tônica que favorece a manutenção da pretônica fechada. A vogal tônica [i], apesar de apresentar peso relativo próximo ao ponto neutro, como exposto na Tabela 14, na literatura existente, é apontada como condicionante à manutenção de [o], e a vogal tônica [e] semicategórica para a aplicação da regra.

Como afirma Araújo (2007), a seleção desse fator e a frequência com que as vogais altas e médias fechadas favorecem a manutenção de suas vogais contextuais podem indicar que a

altura da vogal seja o traço mais importante. Todavia, tendo em vista os casos expostos, ao analisar o fator de vogal inacentuada seguinte, deve-se considerar até que ponto é atuação da vogal inacentuada ou da vogal tônica.

As vogais inacentuadas altas orais [u, i] foram favoráveis à manutenção, com 0,85 e 0,63, respectivamente, consonante aos resultados de Santos (2016). Nos dados de Almeida (2017), a vogal [i] foi favorecedora e a vogal [u] desfavorecedora.

Apesar de o *Goldvarb X* não ter dado relevância, em peso relativo, para a vogal inacentuada [o], nota-se alta frequência em percentual, pois 90% dos vocábulos com vogal átona seguinte [o] ocorreram com a pretônica fechada. Foram eles: “borboleta”, “tornozelo”, “promoção”, “fofoqueira”, “chocolate”, “promotor”, distribuídos conforme Quadro 16.

Quadro 16 – Ocorrência dos vocábulos com a vogal [o] como inacentuada imediatamente seguinte

Vocábulos	Quantidade de ocorrências
Borboleta	19
Tornozelo	18
Promoção	11
Fofoqueira	4
Chocolate	3
Promotor	2

Verifica-se que, das 57 ocorrências, 43 possuem a vogal tônica [e], a qual foi selecionada com 0,96 de favorecimento à manutenção de [o]. Apenas *promoção* e *chocolate* não têm essa vogal.

As vogais átonas [ɔ] e [a] desfavoreceram a manutenção, com 0,34 e 0,26, respectivamente. Com a vogal inacentuada nasal [ẽ] houve apenas um vocábulo, “correnteza”, que ocorreu duas vezes com a vogal pretônica fechada e onze vezes com a vogal pretônica aberta, desfavorecendo a manutenção (0,00).

4.2.1.3 Variável contexto consonantal precedente (por ponto de articulação)

Assim como para o contexto da vogal anterior, para a manutenção de [o], ressalta-se a importância que as vogais tônicas têm para a compreensão do fenômeno e a necessidade de relativização dos resultados referentes aos contextos consonantais.

Nesta variável, foram observados cinco grupos de consoantes: as dentoalveolares, as labiodentais, as velares, as bilabiais e as glotais. As palatais/palatalizadas foram excluídas, pois apesar de estarem sendo selecionadas pelo programa estatístico com 0,97 de probabilidade de ocorrer [o], verificou-se, no entanto, a recorrência apenas do vocábulo “chocolate”, com três ocorrências com a vogal média fechada e uma com a vogal média aberta. Sendo assim, optou-se por fazer outra rodada, resultando nos valores a seguir:

Tabela 16 – Vogal média [o] segundo a variável contexto consonantal precedente (por ponto de articulação), em Goiás

Ponto de articulação	Ocorrência/Total	%	P.R.	Exemplo
Dentoalveolar	282/394	72	0,68	<i>Inocente</i>
Labiodental	13/44	29	0,42	<i>Arvoredo</i>
Velar	168/354	47	0,40	<i>Coluna</i>
Bilabial	133/240	55	0,39	<i>Bonito</i>
Glotal	7/29	24	0,21	<i>Rotatória</i>

Significância = 0,000

Como explicitado na Tabela 16, o único contexto selecionado como favorecedor da manutenção de [o] foi o das consoantes dentoalveolares, com 0,68 de probabilidade de aplicação da regra. Os demais grupos exibiram valores abaixo do ponto neutro, revelando desfavorecimento na aplicação da regra, as labiodentais com 0,42, as velares com 0,40, as bilabiais com 0,39 e as glotais com 0,21.

Os resultados de Almeida (2017) mostram as velares (0,79) e as glotais (0,68) como as principais para a manutenção de [o]. Nos dados de Dias (2012), a bilabial [m] e as dentoalveolares [t d] foram as mais condicionantes, com a probabilidade de 0,54 e 0,58, respectivamente.

Observa-se que não há uma uniformidade nos resultados encontrados na análise desse fator, os trabalhos que tratam sobre o fenômeno em questão apontam para condicionamentos distintos, expondo, mais uma vez, a necessidade de relativização dos resultados.

4.2.1.4 Variável contexto consonantal seguinte (por ponto de articulação)

Nesta variável, foram selecionadas como favorecedoras as consoantes glotais e as palatais/palatalizadas.

Tabela 17 – Vogal média [o] segundo a variável contexto consonantal seguinte (por ponto de articulação), em Goiás

Ponto de articulação	Ocorrência/Total	%	P.R.	Exemplo
Glotal	195/246	79	0,75	Tornera
Palatal/palatalizado	23/31	74	0,59	Adotivo
Bilabial	46/65	71	0,49	Tomate
Dentoalveolar	266/523	51	0,45	Prostituta
Velar	38/125	30	0,26	Soquera ⁴⁵
Labiodental	35/71	49	0,25	Trovão

Significância = 0.000

Em Almeida (2017), as palatais/palatalizadas foram apontadas como favorecedoras da manutenção, com 0,66, e as glotais, nesta pesquisa, selecionada como a mais favorecedora, com 0,75, foi a mais desfavorecedora em Almeida (2017), com 0,35.

Na investigação de Araújo (2007), as consoantes foram pouco relevantes, apresentando, em sua maioria, valores probabilísticos menores que 0,50.

Nesta pesquisa, as bilabiais (0,49), as dentoalveolares (0,45), as velares (0,26) e as labiodentais (0,25) não foram eleitas como favorecedoras.

4.2.1.5 Variável linguístico-discursiva

⁴⁵ QSL 047: Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se cama essa parte?

4.2.1.5.1 Variável tipo de questionário

Para a vogal posterior, o tipo de questionário foi o sexto fator selecionado para a manutenção de [o].

Tabela 18 – Vogal média [o] segundo a variável tipo de questionário, em Goiás

Questionário	Ocorrência/Total	%	P.R.
Fonético-fonológico	362/579	62	0,59
Semântico-lexical	247/490	50	0,38

Significância = 0,000

O questionário fonético-fonológico (QFF), assim como no contexto da vogal anterior, foi selecionado como o mais provável de ocorrer a vogal média fechada, com 0,59, em peso relativo. O valor obtido mostra o leve favorecimento no uso da variante fechada, quando o questionário é o mais tenso, o QFF. Os vocábulos encontrados foram:

Quadro 17 – Ocorrência dos vocábulos com a pretônica [o], no QFF

Vocábulos
Torneira, Colher, Gordura, Tomate, Botar, Bonito, Borboleta, Colegas, Borracha, Correio, Promoção, Colega, Advogado, Inocente, Procissão, Coroa, Coração, Coluna, Sorriso, Dormindo, Assovio/Assoviar, Procurar, Morreu.

4.2.3 Variáveis extralinguísticas

Nesta subseção, serão descritos e discutidos os resultados referentes à faixa etária, única variável social selecionada pelo *Goldvarb X* e à diatopia. Assim como na vogal anterior, foram feitos cruzamentos, a fim de se verificar a possível relação que existe entre esses fatores.

4.2.3.1 Variável faixa etária

A faixa etária foi o quarto fator importante para a manutenção da posterior [o]. Os valores encontram-se expostos na Tabela 19.

Tabela 19 – Vogal média [o] segundo a variável faixa etária, em Goiás

Faixa etária	Ocorrência/Total	%	P.R.
Faixa 1 (18-30 anos)	352/543	65	0,62
Faixa 2 (50-65 anos)	257/526	49	0,37

Significância = 0.000

Assim como ocorreu com a anterior [e], os mais jovens também se mostraram mais favoráveis ao uso da variante fechada [o]. Em Dias (2012), a faixa etária dos mais jovens (18 a 30 anos) também favoreceu a realização de [o], bem como nos estudos de Freitas (2001), no falar de Bragança. Nos dados de Almeida (2017), os fatores sociais não foram estatisticamente relevantes para a análise da variação entre as médias.

Trabalhos com os de Araújo (2007) e Silva (1989) indicam o contato com as mídias e a atuação no mercado de trabalho como hipóteses para explicar a maior manutenção da vogal na fala dos jovens. Os jovens mais expostos à mídia, e, por consequência, à variante de prestígio, a incorporam na sua fala, talvez não de modo consciente, pois não é uma distinção estigmatizada, fazendo uso da variante característica dos grandes centros econômicos do país.

4.2.3.1 Variável diatopia

A diatopia foi selecionada, em quinta posição, como fator condicionante para a ocorrência da vogal fechada [o]; todavia, os valores não foram tão expressivos quanto para a vogal anterior. Neste contexto, os valores não passaram de 68% de frequência. Na Tabela 20, encontram-se os resultados de cada localidade:

Tabela 20 – Vogal média [o] segundo a variável diatopia, em Goiás

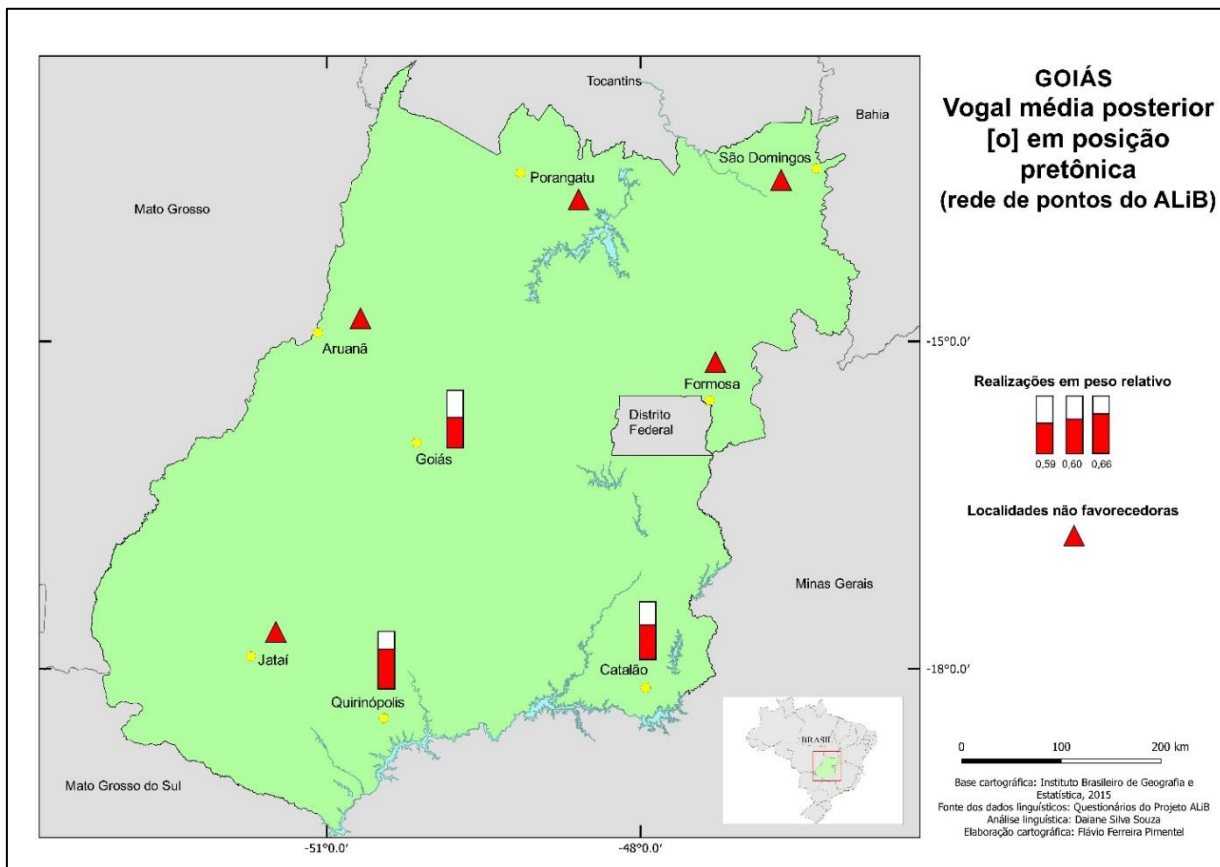
Localidade (n.º do ponto)	Ocorrência/Total	%	P.R.
Quirinópolis (126)	102/149	68	0,66
Catalão (125)	79/124	64	0,60
Goiás (122)	83/137	61	0,59
Aruanã (120)	70/126	56	0,49
Formosa (121)	82/156	53	0,43
Jataí (124)	70/132	53	0,43
São Domingos (119)	54/105	51	0,41
Porangatu (118)	69/140	49	0,33

Significância = 0.000

Se comparado com a divisão dialetal de Nascentes (1953), Quirinópolis, Catalão e Goiás, localidades apresentadas como pertencentes ao *Falar Sulista*, revelaram a maior probabilidade de ocorrência da vogal fechada [o], corroborando as características encontradas por Nascentes para essa área. Aruanã e Jataí, também pertencentes ao *Falar Sulista*, fogem do que se espera em localidades desse grupo, pois mostram baixo índice de fechamento. Enquanto Aruanã está

mais próxima do ponto neutro (0,49), Jataí expõe probabilidade de realização de [o] mais próxima das localidades pertencentes ao *Falar Baiano* do que as do *Falar Sulista* (0,43). Na Figura 17, encontra-se a distribuição diatópica de [o].

Figura 17 – Carta distribuição diatópica de [o], em Goiás



4.2.3.1 Cruzamento faixa etária e sexo

A variável sexo não foi selecionada pelo *Goldvarb X*, como estatisticamente relevante para a escolha entre abertas e fechadas. Assim como nos estudos de Silva (1989) e Fagundes (2015), o sexo também não foi selecionado pelo programa no contexto da vogal posterior. Apesar disso, acredita-se ser importante considerar a análise do cruzamento, pois os dados aparentemente sem significância também podem revelar alguma situação relevante a ser observada, segundo Guy e Zilles (2007, p. 215)

[...] há vários motivos que determinam um resultado sem significância. Um deles, obviamente, é que o possível efeito investigado realmente não exista no mundo. Mas também é possível que o efeito exista, mas que os dados coletados sejam insuficientes para revelá-lo. (GUY; ZILLES, 2007, p. 215)

Atrelado a esse fato, expõem-se, a seguir, os valores obtidos com o cruzamento da faixa etária *versus* sexo:

Tabela 21 – Vogal média [o] segundo o cruzamento entre a faixa etária e o sexo, em Goiás

Fatores		Ap./Tot.	%	P.R
Masculino	Faixa I	168/273	61	0,54
	Faixa II	127/248	51	0,44
Feminino	Faixa I	184/279	68	0,61
	Faixa II	130/278	47	0,39

Significância = 0.000

Quando analisado juntamente com a faixa etária, notamos que as mulheres jovens apresentam comportamento quase idêntico ao encontrado para a vogal [e], favorecendo sua manutenção. Em Dias (2012), o sexo feminino favoreceu a manutenção de [o], assim como em Almeida (2017). Vieira (2010) não encontrou diferenças significativas entre as pronúncias dos homens e das mulheres. Graebin (2008), na fala de Formosa (GO), obteve resultado diverso, com a variável fechada mais frequente nos homens, com 0,56 de peso relativo.

4.2.3.2 Cruzamento diatopia e faixa etária

O cruzamento entre a diatopia e a faixa etária demonstrou que os mais jovens, em todas as localidades, são os que apresentam a maior probabilidade de realização da vogal pretônica como fechada, ressaltando que em Quirinópolis, Goiás e Catalão, os valores estão equilibrados, não sendo possível atribuir a uma faixa etária a relevância para o uso de uma variante em detrimento de outra.

Tabela 22 – Vogal média [o] segundo o cruzamento entre a diatopia e a faixa etária, em Goiás

Localidades	Faixa I			Faixa II		
	Apl./ Tot.	%	P.R.	Apl./ Tot.	%	P.R.
Aruanã	49/70	70	0,63	21/56	37	0,31
Quirinópolis	58/84	69	0,62	44/65	68	0,61
Formosa	45/65	69	0,62	37/91	41	0,33
São Domingos	36/54	67	0,59	18/51	35	0,29
Goiás	43/69	62	0,55	40/68	59	0,51
Catalão	38/58	65	0,58	41/66	62	0,55

Jataí	44/73	60	0,53	26/59	44	0,37
Porangatu	39/70	56	0,48	30/70	43	0,35

Significância = 0,001

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi verificar como se comportam as vogais médias em posição pretônica, nas oito localidades interioranas de Goiás que compõem a rede de pontos do ALiB e, com isso, verificar se há áreas linguísticas distintas dentro do estado.

A seguir serão retomadas as questões que nortearam a definição dos objetivos da pesquisa, pontuando o que foi possível compreender ao finalizar esta investigação.

As perguntas norteadoras foram:

- a) Qual o conjunto de regras variáveis capazes de explicar a variação no sistema vocálico em questão?
- b) Qual a relevância dos fatores sociais para a ocorrência de uma variável em detrimento da outra?
- c) Como é possível notar um processo de mudança em curso por meio dos fatores sociais?
- d) Em relação à divisão dialetal feita por Nascentes (1953), a qual situava a área correspondente ao atual estado de Goiás nos Falares *Baiano* e *Sulista*, verificar como se comportaram as localidades observadas?

Tendo em vista as hipóteses consideradas no início desta pesquisa, expostas na seção introdutória (cf. Introdução), foi possível encontrar algumas respostas e levantar reflexões acerca do comportamento das vogais médias, na região estudada.

De maneira geral, o índice de vogais fechadas foi maior no estado. As vogais anteriores com 58% e as posteriores com 57%. Com esses valores, o estado de Goiás se apresenta como uma área intermediária, visto que, se comparado a localidades do Nordeste, possui alta frequência das variantes fechadas, todavia, se comparado a localidades do Sul/Sudeste, possui baixa frequência dessas variantes.

A rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil viabilizou a comparação dos resultados aqui encontrados com a divisão dialetal estabelecida por Nascentes (1953). A análise dos dados mostrou que a proposta de divisão de 1953, para o estado de Goiás, apresenta uma coerência.

Nessa proposta, Porangatu (ponto 118), São Domingos (ponto 119) e Formosa (ponto 121) fazem parte do Subfalar Baiano, enquanto Aruanã (ponto 120), Goiás (ponto 122), Jataí (ponto 124), Catalão (ponto 125) e Quirinópolis (ponto 126) pertencem ao Subfalar *Sulista*.

Tanto os resultados da vogal anterior [e], quanto os da posterior [o], mostraram a predominância das vogais fechadas nos pontos pertencentes ao Falar *Sulista*: Quirinópolis, Catalão, Goiás. Aruanã, apenas no contexto posterior, não foi apontada como favorecedora da

realização do [o], no entanto, em níveis de frequência, apresenta o valor de 56%. Jataí foi a única localidade que não se comportou da maneira esperada, pois, nos dois contextos, apresentou baixa probabilidade de ocorrência das médias fechadas, 0,43 para [o] e 0,36 para [e].

Porangatu, São Domingos e Formosa, pertencentes ao Falar Baiano inibiram a aplicação da regra, mostrando a maior frequência das vogais abertas [ε ɔ], e se aproximando das variedades encontradas no Nordeste e na parte norte de Minas Gerais.

A segunda hipótese era a de que as vogais médias fechadas [e] e [o] por serem as mais constantes na mídia e nas regiões Sul e Sudeste, que, por sua vez, são as regiões que detêm maior poder econômico, fossem as mais utilizadas entre os jovens.

O controle da faixa etária dos mais jovens (18 a 30 anos) e da faixa etária dos mais velhos (50 a 65 anos) permitiu que se verificasse a maior frequência e probabilidade do uso das variantes fechadas, anterior e posterior, na fala dos mais jovens.

Os valores apresentados foram de 0,63, em contexto anterior, e 0,62, em contexto posterior, assinalando a possibilidade de haver, de fato, uma preferência, na fala dos jovens, no uso das variantes de prestígio.

Acredita-se que o sexo dos informantes, para este fenômeno, pode não se comportar como um fator determinante, pois não foi selecionado para a posterior e, quando selecionado para a vogal anterior [e], apresentou número próximo do ponto neutro (0,54) para as mulheres.

O cruzamento entre a variável sexo e faixa etária mostrou que houve maior favorecimento à manutenção no grupo das mulheres jovens, para [e] 0,63 e para [o] 0,61. Dessa forma, o sexo só se comportou como relevante quando observado em conjunto com a faixa etária.

A terceira hipótese foi sobre o uso das variantes médias-altas se mostrar em situação de mudança linguística, pois se supõe que o grupo de falantes dos jovens e mais escolarizados as utilizam com maior frequência, enquanto os mais velhos e menos escolarizados utilizam-na com menor frequência. A escolaridade não foi avaliada nesta dissertação pelas escolhas metodológicas citadas (cf. Metodologia). Entretanto, a partir da faixa etária, pode-se notar uma diferença no comportamento entre os mais jovens e os mais velhos.

O baixo índice de probabilidade de ocorrer as vogais fechadas na fala dos mais velhos, 0,37 [e] e [o], em confronto com a alta probabilidade na faixa dos mais jovens, 0,63 [e] e 0,62 [o], ilustra, em relação às variantes, que há uma divergência nas escolhas dos falantes. Esses dados indicam uma possível situação de mudança em curso do fenômeno, nas localidades observadas.

Quanto às variáveis linguísticas, quatro fatores mostraram-se favorecedores à aplicação da regra: vogal tônica, vogal inacentuada imediatamente seguinte e contextos consonantais precedente e seguinte (por ponto de articulação), além da variável tipo de questionário, a seguir, explicitados:

a) Vogal tônica

Para a anterior: o resultado indicou a presença da harmonização vocálica: as vogais tônicas [e] e [o], como em def[e]sa e ceb[o]la, foram as principais condicionantes para a manutenção. A vogal tônica [ɛ] inibiu a aplicação da regra, com 0,00 de probabilidade de ocorrência, e com a vogal tônica [ɔ] só foi registrada uma ocorrência t[e]rç[ɔ]l.

As vogais nasais não foram selecionadas pelo programa *Goldvarb X* como condicionante para a manutenção.

Para a posterior: o [o] tônico foi 100% favorecedor ao fechamento e o [e] obteve 0,96, em peso relativo. Além desses contextos, foram indicados como favorecedores [u], [ũ], [ĩ] e [õ]; entretanto, com as vogais nasais, houve poucas ocorrências, inviabilizando a afirmação de que é a natureza da vogal tônica o fator atuante nessas situações e não uma característica dos vocábulos. A seguir encontram-se listadas as ocorrências:

[ũ]: corcunda e coluna

[ĩ]: sovina e dormindo

[õ]: procissões e porroFigura nco

b) Vogal inacentuada seguinte

Para a anterior: as selecionadas como favorecedoras foram [i], [e] e [ũ], como em pers[i]ana, red[e]moinho e perg[ũ]ntar, mostrando a atuação das vogais altas (orais e nasais) e da vogal média-alta [e].

Para a vogal posterior: os contextos favorecedores foram as vogais altas orais [i] e [u] e a vogal média-alta [e].

Apesar de as consoantes terem sido controladas e selecionadas pelo programa *Goldvarb X*, a análise dos vocábulos que constituíram o *corpus* não permitiu que se chegasse a uma conclusão sobre como elas atuam diante da manutenção, pois não foram encontradas explicações, do ponto de vista articulatorio, para esse aparente favorecimento.

Ademais, a partir da análise minuciosa dos vocábulos, notou-se que há, no grupo das consoantes indicadas como favorecedoras, quando não a predominância, grande ocorrência de vocábulos com as vogais tônicas médias, fator que se mostrou principal condicionante no uso das vogais fechadas nesta pesquisa, bem como nos diversos trabalhos existentes na literatura. A seguir, encontram-se os grupos consonantais selecionados.

c) Contexto consonantal precedente

Para a anterior: as consoantes palatais/palatalizadas obtiveram a probabilidade de manutenção de 0,93, em peso relativo, e as velares 0,61, em peso relativo. As labiodentais e glotais inibiram a aplicação da regra, com 0,42 e 0,40, respectivamente, enquanto as bilabiais e dentoalveolares apresentaram valores no ponto neutro, 0,50.

Para a posterior: as dentoalveolares foram as únicas apontadas como condicionantes, com 0,68, em peso relativo. As labiodentais, velares, bilabiais e glotais ficaram abaixo do ponto neutro, todas possuindo probabilidade menor que 0,42, em peso relativo.

d) Contexto consonantal seguinte

Para as anteriores: as bilabiais (0,81), as palatais/palatalizadas (0,81) e as velares (0,61) foram apontadas pelo programa como as favorecedoras, enquanto as dentoalveolares (0,48), as glotais (0,38) e as labiodentais (0,20) foram as inibidoras.

Para as posteriores: apenas as glotais (0,75) e as palatais/palatalizadas (0,59) foram selecionadas. As bilabiais (0,49), dentoalveolares (0,45), velares (0,26) e labiodentais (0,25) desfavoreceram a aplicação da regra.

e) A variável linguístico-discursiva

A variável foi selecionada em ambos contextos. A maior probabilidade de ocorrência das vogais pretônicas fechadas [e] e [e] foi no questionário Fonético-Fonológico. Acredita-se que há um comportamento mais monitorado do informante nesse questionário, influenciando, de maneira sutil, o uso da variante fechada em detrimento da aberta, podendo suscitar, mais uma vez, o prestígio da vogal fechada.

Durante a realização desta tarefa e análise dos dados, algumas questões se fizeram presentes e aqui ficam registradas sugestões ou reflexões para as pesquisas futuras.

A primeira é sobre como verificar o prestígio social das variantes médias fechadas, a fim de se afirmar, de maneira mais segura, o *status* dessas variantes. Seria necessário, além da análise dos fatores sociais, uma observação mais voltada à percepção do falante em relação às vogais abertas e fechadas, através de testes de reação, por exemplo.

Para conferir a pertinência da hipótese da mudança em curso, seria necessária a inclusão da faixa etária intermediária, que permitiria a visualização do resultado de maneira mais ampla.

E, por fim, a escolha dos questionários utilizados. Como o objetivo dos questionários do ALiB não é encontrar apenas a variação das vogais médias pretônicas, não há muita diversidade nos vocábulos em que é possível verificar o fenômeno em questão. A repetição, em algumas situações, não permite generalizações e limita certas considerações feitas. Como, para esta pesquisa, tentou-se ampliar a escuta para além dos vocábulos previstos no QFF e no QSL, a dificuldade foi amenizada, mas não resolvida.

Para trabalhos futuros, pode-se incluir outras partes do questionário, como os discursos semi-dirigidos, no qual o informante pode discorrer sobre um relato pessoal, fazer comentários sobre programas de televisão, descrever o trabalho ou suas atividades do dia a dia e apresentar relatos de situações que aconteceram com outra pessoa.

Tendo em vista as etapas cumpridas, os resultados apresentados e as reflexões suscitadas, a pesquisa cumpre os objetivos estabelecidos: mostrar as regras que atuam, nas localidades observadas; a importância das variáveis sociais para explicar o fenômeno; bem como as diferenças existentes dentro do estado de Goiás, em relação à realização da vogal média pretônica. Espera-se que os resultados aqui exibidos contribuam para os estudos dialetológicos e sociolinguísticos, esboçando o perfil linguístico do estado em questão, e que impulsionem os estudos sobre as vogais pretônicas na região Centro-Oeste, a fim de ampliar a percepção do fenômeno no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALMEIDA, Brenda Kathellen Melo de. *As realizações das vogais /E/ e /O/ pretônicas no falar culto de Fortaleza-CE sob a perspectiva variacionista*. 2017. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Editora Anhembi Ltda, 1920.
- AMORIM, Gustavo da Silveira. *O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista de língua falada culta do Recife*. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Artes e Comunicação, Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em:
< http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/7532/arquivo3952_1.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 de mai. de 2018.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; MENEZES, Cleusa Palmeira de. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de. *As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*. 2007. 152f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras: 2003, v. I.
- BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. 126f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador). *Atlas Linguístico do Ceará*. Vol. I – Introdução, Vol.II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. 335f. Tese (Doutorado em Linguística e Filologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- BISOL, Leda. A variação da pretônica na diacronia do Português. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 81-95, 1983.
- BISOL, Leda. Harmonização vocálica: efeito parcial e total. In: *Organon*, Porto Alegre, v. 28, n.54, p. 49-61, jan./jun.2013.
- BORTONI, Stela Maris; GOMES, Christina; MALVAR, Elisabete. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?. *Revista de Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte, v.1, n.1, p.9-29, 1992.

- CALLOU, Dinah. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n.41, p.29-48, 2010.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2004 [1970].
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de fatos gramaticais*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.
- CAMPOS, Benedita Maria Souza. *Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no município de Mocajuba-Pará*. 2008. 202f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- CAMPOY, Juan Manoel; ALMEIDA, Manuel. *Metodología de la investigación sociolingüística*. Málaga: Editorial Comares, 2005.
- CARDOSO, Suzana. O Atlas Lingüístico do Brasil: uma questão política. In: *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*. Salvador, 4, 5 e 6 de novembro de 1996. Trabalhos apresentados. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Instituto de Letras, 1996. p. 87-96.
- CARDOSO, Suzana. As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: Aguilera, Vanderci de Andrade. (org.). *Português no Brasil: estudos fonético-fonológicos*. Londrina: UEL, p. 93-108, 1999.
- CARDOSO, Suzana. *Atlas Lingüístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.
- CARDOSO, Suzana. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Vol. 1. Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, Suzana et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014b.
- CELIA, Gianni Fontis. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia- ES*. 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos em Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. *La dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários*. Londrina: Editora UEL, 2001.
- CORRÊA, Cintia da Costa. *Focalização dialetal em Brasília: em estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico*. 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

CRUZ, Marion. *As vogais médias pretônicas em Porto Alegre/RS: um estudo sobre o alçamento sem motivação aparente*. 2010. 203f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CRUZ, Regina; SOUSA, Josivane. Variação vocálica das médias pretônicas no português falado na cidade de Belém (PA). *Revista Letrônica*. Porto Alegre, v. 6, n.1, p. 26-46, 2013.

DIAS, Marcelo Pires. *As vogais médias pretônicas nas capitais da região norte do Brasil*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

DIAS, Melina Rezende. *Estudo comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros*. 2014. 372f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2014.

DUBOIS, Jean et. al.. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

FAGUNDES, Giselda da Rocha. *O abaixamento das vogais médias pretônicas em Belém/PA: um estudo variacionista sobre o dialeto do migrante maranhense frente ao dialeto falado em Belém/PA*. 2015. 159f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Jurandyr Pires (Planejamento e orientação). *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. II Volume. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1957.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Línguas & Letras*. Cascavel, v.6, n.11, p. 105-121, 2005.

FREITAS, Simone Negrão de. *As vogais Médias Pretônicas no Falar da Cidade de Bragança*. 2001. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de la France*. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

GRAEBIN, Geruza de Souza. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. 2008. 243f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GUIMARÃES, Rubens Vinicius Martins. *Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões Norte e Sul de Minas Gerais*. 2006. 212f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: *idades*. Disponível em: <<https://idades.ibge.gov.br/brasil/go/panorama>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

INSTITUTO MAURO BORGES DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (IMB): panorama da migração em Goiás. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/down/panorama_da_migracao_em_goiias>. Acesso em 12 fev. 2018.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1, v. 2.

LABOV, William. *The Social stratification of English in New York*. Washington, D. C.: Center of Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008 [1972].

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford/Cambridge, Blackwell, 1994.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1996.

LOPES, Paulo Henrique. *Pretônicas na língua falada em Sergipe: dados do Projeto ALiB*. 2013. 103f. Trabalho de Conclusão de Curso (Instituto de Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MAIA, Vera Lúcia M. Vogais pretônicas médias na fala de Natal. *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador: UFBA, Instituto de Letras, n.5, 1986.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Nordeste*. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008[1934]. 176 p.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação* (orgs.). 4 ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 9-14.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998. p. 33-69.

MOTA, Jacyra. *Vogais antes do acento em Ribeirópolis (Sergipe)*. 1979. 290f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979.

MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana (Orgs.). *Documentos 2*. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 77-94.

MOTA, Jacyra. Áreas dialetais brasileiras. In: *Quinhentos anos de história Linguística do Brasil*. CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. (Orgs.) Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.

MOTA, Jacyra; LOPES, Paulo Henrique de Souza. *Vogais médias pretônicas nas capitais brasileiras, com base nos dados do Atlas linguístico do Brasil (ALiB)*, 2014. Entregue para publicação.

MOTA, Jacyra; PAIM, Marcela; RIBEIRO, Silvana. (Org.). *Documentos 5: Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Avaliações e Perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2015.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958; v. 2, 1961.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Süsskind de Mendonça, 1922.

NETO, Antônio Teixeira. Pequena história da agropecuária goiana. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*. Goiânia: Asa Editora, n.º 20, p. 19-59, 2009.

NINA, Terezinha de Jesus de Carvalho. *Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém*. 1991. 214f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

OLIVEIRA NETO, Júlio Alves de. Construção de Brasília: Expectativa e Frustração para o povo goiano. *Revista saber eletrônico*, v. 02, n.1, p. 114-135, 2010.

OLIVEIRA, Fernão de. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*. Introdução, leitura atualizada e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.). *ALMS – Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). 4 ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 33-42.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos Caminos de la Geolinguística Románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAZKY, Abdelhak. (Org.) *Atlas Linguístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

RODRIGUES, Jean Carlos. *Estado do Tocantins: política e religião na construção do espaço de representação tocantinense*. 2008. 147f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, Ana Claudia Oliveira. *As pretônicas em Minas Gerais: o caso do Falar Baiano*. 2016. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Instituto de Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SANTOS, Edinaldo dos. “Distribuição geo-Sociolinguística da variável <e> pretônica no português falado no Estado do Pará. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

SCHWINDT, Luiz Carlos. *Harmonia vocálica em dialetos do Sul do país: uma análise variacionista*. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. Belém: INPA, 1958.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

SILVA, Ailma do Nascimento. *As pretônicas no falar teresinense*. 2009. 236f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, José Jorge Paranhos da. *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*. Rio de Janeiro, 1879.

SILVA, Myrian Barbosa da. *As pretônicas no Falar Baiano: a variedade culta de Salvador*. 1989. 371f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, Myrian Barbosa da. Uma possível história das pretônicas brasileiras. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 46, p 121-138, 2013.

SILVA, Taís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10 ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Otávio Barros da. *Breve história do Tocantins e de sua gente. Uma luta secular*. Araguaína : FIETO, 1996.

SILVA-CORVALÁN, Carmem. *Sociolingüística: teoría y analisis*. Madrid: Alhambra, 1988.

SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso da. *As vogais pretônicas na fala culta do Noroeste Paulista*. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2008.

SOARES, Adriana de Santana. *As pretônicas em comunidades rurais do semiárido baiano*. 2004. 152f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SOUSA, Josivane do Carmo Campos. *A variação das vogais médias pretônicas no português falado na área urbana do município de Belém/PA*. 2010. 207f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

TEYSSIER, Paul. Prononciation des voyelles atones. In: *La langue de Gil Vicente*. Paris, 1 Kircksiek, 1959.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. 1987. 231f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIEGAS, Maria do Carmo. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. 257f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

VIEIRA, Shirley. *O comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo*. 2010. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehmann, W.; Malkiel, Y. *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

YACOVENCO, LÍlian Coutinho. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ZÁGARI, Mário. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolingüística no Brasil*. Trilhas seguidas, caminhos a perseguir. Londrina: Editora da UEL, 2005[1998]. p. 43-72.

ZÁGARI, Mário et al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.